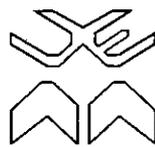


3017 (679,5)  
Nha

01/07

PPV.117



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**  
**FACULDADE DE AGRONOMIA E ENGENHARIA FLORESTAL**  
**Departamento de Produção e Protecção Vegetal**

**Tese de Licenciatura**



**Papel das Instituições Locais na Resposta a  
Desastres Naturais: Caso das Cheias de 2000 na  
Região do Alto Limpopo**

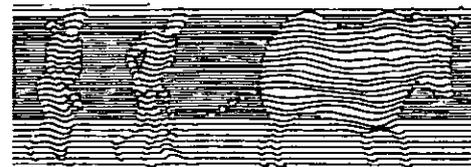


**Supervisor: Prof. Doutor Roland Brouwer**

**Secção: Comunicação e Sociologia Agrária**

**Autor: Joel Julião Nhassengo**

**Maputo, Setembro de 2003**



Dedicatória

Dedico este trabalho a:

- ❖ Meus pais, Julião Nhassengo e Cecília Lihaha, que sempre me acompanharam nos momentos mais difíceis da minha formação;
- ❖ Meus irmãos, Adélia, Ananias, Marcos, António, Feliz, Costa e Vovoti, que me deram força e apoio durante a minha formação;
- ❖ Minha filha, Cármen, que tanto estimo;
- ❖ Minha tia, Felizmina Lihaha, pelos apoios dados durante a minha formação.

### Agradecimentos

Gostaria de encontrar palavras certas para expressar a minha profunda gratidão a todos aqueles que, tendo providenciado apoio moral, intelectual e material, fizeram com que a elaboração desta obra fosse, em certa medida, seu próprio projecto.

Estou particularmente grato ao Prof. Doutor Roland Brower que supervisionou esta tese em todas as suas complexidades. Os seus comentários encorajadores, correcções e conselhos fizeram com que me sentisse forte e ganhasse maior confiança e dar os passos seguintes.

Os meus agradecimentos ao Prof. Doutor Rui Brito, que em nome do Projecto de Desenvolvimento do Vale do Limpopo, financiou este trabalho.

Aos meus pais, Julião e Cecília, irmãos, por terem me apoiado e compreendido em todos os momentos difíceis durante o curso.

A minha gratidão especial para os meus grandes colegas e amigos: Armindo Tomo, Samora Vuma, Yolanda Langa, Herberto Nhampanze, Inocêncio Banze e Ilídio Molnar.

Agradecimentos especiais vão também para o Sr. Alberto Mundlovo, administrador do distrito de Mabalane; ao Sr. Ngovene, oficial de administração de Mabalane; ao Sr. Gileberto, oficial de Campo da LWF em Tsokate; à Sra. Celeste Cossa e Sr. Joel Baloi, residentes em Tsokate; ao Sr. Alfredo Baloi e Sr. Lhavate, residentes em Hoyohoyo; pelo apoio e acolhimento dado durante o trabalho de campo.

Ao pessoal da biblioteca, em especial a Dona Isabel e a Dona Ana.

Ao pessoal da sala de cálculos, em especial ao Sr. Cossa e Dona Tatiana.

A todos aqueles que por ventura não foram mencionados.

Bem haja!!

**Lista de abreviaturas**

AMETRAMO- Associação dos Médicos Tradicionais de Moçambique

CE- Condutividade Eléctrica

CFM- Caminhos de Ferro de Moçambique

DDADR- Direcção Distrital de Agricultura e Desenvolvimento Rural

DNA- Direcção Nacional de Águas

FAEF- Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal

FRELIMO-Frente de Libertação de Moçambique

IFPRI- Instituto Internacional de Pesquisas em Políticas Alimentares

INE- Instituto Nacional de Estatística

INGC- Instituto Nacional de Gestão de Calamidades

LEC- Ligação Escola-Comunidade

LWF- Lutheran World Federation

MINED- Ministério de Educação

MISAU- Ministério de Saúde

MPF-Ministério do Plano e Finanças

OMM- Organização da Mulher Moçambicana

ONG- Organizações Não Governamentais

PMA- Programa Mundial de Alimentação

PNUD- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

RAS- República da África do Sul

RENAMO- Resistência Nacional Moçambicana

UEM-Universidade Eduardo Mondlane

VETAID- Veterinários Sem Fronteiras

**Lista de tabelas**

Tabela 1: Número (%) de agregados e factores de vulnerabilidade por tipo de agregado

Tabela 2: Nível escolar dos agregados por aldeia

Tabela 3: Posse de gado por aldeia

Tabela 4: Número de agregados com/sem gado por tipo de agregado

Tabela 5: Número(%) agregados com celeiros por aldeia

Tabela 6: Quantidade de celeiros por agregado e por aldeia.

Tabela 7: Cobertura de celeiro por agregado e por aldeia

Tabela 8: Número de agregados com/sem gado por posse de celeiro

Tabela 9: Número de agregados com/sem gado por cobertura de celeiro

Tabela 10: Número de agregados com/sem celeiro por tipo de agregado

Tabela 11: Número de agregados com/sem celeiro coberto por tipo de agregado

Tabela 12: Número(%)de agregados praticando *Kukashela* por aldeia

Tabela 13: Número (%) de agregados praticando *kuthekela* por tipo de agregado

Tabela 14: Número (%) de agregados praticando *kulusela* por aldeia

Tabela 15: Número(%) de agregados que têm um pastor por posse de gado por agregado

Tabela 16: Número(%) de agregados praticando *kurimela* por aldeia

Tabela 17: Número (%) de agregados praticando *kurimela* por tipo de agregado

Tabela 18: Número(%) de pessoas praticando *kurimela* por posse de gado

Tabela 19: Estratégias de sobrevivência antes das cheias de 2000 por aldeia

Tabela 20: Opiniões dos entrevistados sobre causas dos conflitos nas duas aldeias

Tabela 21: Opiniões dos entrevistados sobre grupos mais vulneráveis

Tabela 22: Perdas de animais causadas por secas em memória das famílias nos últimos dez anos (1990-2000).

- Tabela 23: Número(%) de agregados e perda de membros, por aldeia, (1990-2000)
- Tabela 24: Número(%) de agregados por tipo de indicador local de riscos (cheias, secas)
- Tabela 25: Número(%) de agregados por locais de refúgio durante as cheias de 2000.
- Tabela 26: Condições de vida nos locais de refugio (percentagens entre parênteses).
- Tabela 27: Factores determinantes na escolha de refúgio (percentagens entre parênteses).
- Tabela 28: Famílias acolhedoras por aldeia (percentagens entre parênteses)
- Tabela 29: Critérios para aceitar deslocados por aldeia (Percentagens entre parênteses).
- Tabela 30: Número(%) de agregados e locais de residência após cheias por aldeia
- Tabela 31: Número (%) de agregados por perdas sofridas durante as cheias de 2000 por aldeia.
- Tabela 32: Número de agregados que perderam charrua por posse de gado
- Tabela 33: Número de agregados por tipo de mudança causada por cheias
- Tabela 34: Estratégias de sobrevivência após cheias de 2000, por aldeia
- Tabela 35: Diversificação das estratégias ao nível do agregado
- Tabela 36: Número (%) de agregados por tipo de resposta contra os efeitos das cheias de 2000
- Tabela 37: Diversificação das respostas ao nível do agregado
- Tabela 38: Número(%) de agregados por tipo de resposta contra seca
- Tabela 39: Número(%) de agregados por tipo de impedimentos por aldeia
- Tabela 40: Número(%) de agregados sem dinheiro para fazer negócios por tipo de agregado .

**Lista de anexos**

Anexo-0: Guião de entrevistas

Anexo-1: Modelo dos *livelihoods*

Anexo-2: Tabelas

Anexo-3: Série temporal das cheias no Vale do Limpopo

Anexo-4: Factores de vulnerabilidade

Anexo-5: Reuniões da comunidade participadas durante o trabalho de campo nas comunidades Tsokate e Hoyohoyo

Anexo 6: Acontecimentos e casos registados durante o trabalho de campo

Anexo-7: Classificação dos agregados em função dos indicadores de riqueza

Anexo-8: Mapa de Mabalane

Índice

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
1.1 A apresentação do problema da tese e sua justificativa.....	1
1.2 Objectivos .....	2
<b>2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>3</b>
2.1. Moçambique: um país vulnerável .....	3
2.2. Desastres naturais .....	3
2.3 Os actores.....	5
2.4. Riscos.....	5
2.4.1. Tipos de riscos .....	6
2.4.2. Fontes de riscos.....	6
2.4.3 Gestão de riscos .....	6
2.4.4. Impacto dos riscos sobre os pobres.....	8
2.5 Vulnerabilidade.....	8
2.6 Descrição do modelo de modos de vida (ou <i>livelihoods</i> ).....	9
2.6.1 Os capitais.....	10
2.6.2 As estruturas e processos .....	10
2.6.3 Estratégias dos modos de vida ( <i>livelihoods</i> ).....	11
2.6.4 Contexto da emigração em Moçambique .....	11
2.6.5 Os resultados.....	12
2.7. Capital social .....	13
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>15</b>
3.1. Descrição da área de estudo.....	15
3.2. Selecção das comunidades.....	16
3.3. Etapas do estudo.....	16
3.4. Descrição dos métodos de recolha de dados .....	16
3.5. Análise de dados.....	17
<b>4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>20</b>
4.1. Descrição das comunidades.....	20
4.1.1. Tsokate.....	20
4.1.2. Hoyohoyo.....	21
4.2. Descrição dos capitais disponíveis aos agregados .....	22

4.2.1. O capital humano .....	22
4.2.2 Capital financeiro.....	25
4.2.3 Capital físico .....	27
4.2.4 Capital natural.....	31
4.2.5 Capital social.....	32
<b>4.3. Descrição das instituições, organizações comités e suas actividades nas aldeias ..</b>	<b>32</b>
4.3.1 Instituições locais exógenas: organizações , comités e associações.....	33
4.3.2. Instituições externas (ONG's) .....	36
4.3.3 Instituições endógenas: formas de inter-ajuda.....	36
4.3.4 Discussão para os três tipos de instituições. ....	43
<b>4.4. Estratégias de sobrevivência antes das cheias de 2000 .....</b>	<b>44</b>
<b>4.5 Diferenciação social .....</b>	<b>45</b>
4.6 Conflitos sociais.....	46
<b>4.7. Vulnerabilidade.....</b>	<b>49</b>
<b>4.8 Cheias, secas, doenças e guerra civil: o passado .....</b>	<b>51</b>
4.8.1. Cheias e Secas.....	51
4.8.2. Doenças.....	52
4.8.3. Guerra .....	53
<b>4.9 Descrição dos eventos das cheias de 2000 .....</b>	<b>53</b>
4.9.1 Antes das cheias.....	53
4.9.2. Durante as cheias .....	56
4.9.3 Após cheias .....	59
4.9.4 Perdas.....	60
4.9.5 Mudanças .....	61
<b>4.10. Estratégias de sobrevivência após cheias.....</b>	<b>64</b>
4.10.1. Respostas contra cheias .....	69
4.10. 2 Resposta contra seca .....	71
4.10.3. Impedimentos.....	73
<b>5. CONCLUSÕES.....</b>	<b>76</b>

## Sumário

Como instituições sociais mitigam a vulnerabilidade das populações quando sofrem uma catástrofe natural? Sabe-se que algumas famílias são mais vulneráveis do que outras e não respondem da mesma forma a essas catástrofes. Governos e ONG's estão preocupados com o aumento da vulnerabilidade em comunidades experimentando dificuldades de sobrevivência devido a ocorrência recorrente dessas catástrofes. Compreender como agregados respondem aos riscos tem sido cada vez mais importante. Esta compreensão assegurará que medidas objectivadas a reduzir a vulnerabilidade complementem e fortifiquem as soluções inventivas das próprias pessoas, ao invés de substituí-las ou bloqueá-las.

Este estudo apresenta as principais constatações sobre como as comunidades de Tsokate e Hoyohoyo, no distrito de Mabalane, mitigaram os problemas provocados pelas cheias de 2000.

Para avaliar as respostas das comunidades aos problemas causados pelas crises, o estudo apoiou-se no modelo dos *livelihoods* rurais sustentáveis que assenta sua classificação nos bens capitais tangíveis e intangíveis. Foi com base no mesmo modelo que se fez a colecção e análise dos dados. É de salientar que como um meio de entendimento dos *livelihoods*, o modelo foi bastante útil.

O estudo descreve as estratégias de sobrevivência das populações directa ou indirectamente afectadas pelas cheias de 2000 nas duas comunidades. Mostrou-se que as pessoas aplicaram um leque de opções variando de agricultura até a emigração, e que nessas opções o acesso aos cinco capitais (natural, físico, financeiro, humano e social) era de crucial importância para essas famílias. No momento das cheias, conhecimentos sobre cheias anteriores (capital humano), e acesso a redes sociais, principalmente de parentesco (capital social) eram determinantes no sucesso dos agregados directamente afectados em minimizar as suas perdas através de medidas de prevenção (por exemplo, o recuo das alfaias agrícolas), e encontrar abrigo. O sucesso dessas medidas de contenção depende de dois factores. O primeiro são as condições naturais e o segundo são as relações sociais.

As cheias deixaram um grande impacto sobre o capital social e físico. Afectaram também o capital natural, pelo assoreamento de terras férteis para agricultura. O receio por novas cheias induziu uma mudança no capital humano, no sentido que a experiência vivida nas cheias de 2000 induz as pessoas a fazer machambas nas zonas altas, que são menos férteis, mais propensas a ataques por pragas, e mais propensas a secas. Assim, a lição aprendida pelas cheias torna as pessoas vulneráveis a outras catástrofes, nomeadamente a seca e pragas.

Finalmente, o presente trabalho mostra a capacidade das pessoas de lidar com crises como as cheias de 2000. Mostra também que as intervenções externas nem sempre trazem benefícios para todos, e até podem criar conflitos no seio da comunidade. Finalmente, mostra a capacidade analítica do modelo dos modos de vida, no sentido de a sua aplicação ter servido para analisar a resposta das comunidades a emergências e crises.

## 1. INTRODUÇÃO

Moçambique é muito vulnerável à desastres naturais causados por irregularidades climáticas. A sua frequente ocorrência nos últimos anos afecta negativamente o desenvolvimento económico e social do país. De acordo com o relatório apresentado pelo Governo de Moçambique na conferência internacional de doadores de Roma em 2000, os mais significantes destes desastres naturais foram as secas de 1981-84, 1991-92 e 1994-95; e as cheias de 1977-78, 1985 e 1988. Contudo, nenhum destes fenómenos tinha sido mais devastante ou tão abrupto, especialmente nas províncias do Centro e Sul do país, como as recentes cheias de 2000, agravadas pela ocorrência simultânea do ciclone *Eline*. Outros países da região, Botswana, Zimbábwè, África do Sul e Swazilândia, onde nasce a maior parte dos rios Moçambicanos, também assolados pelas chuvas pesadas e cheias, foram forçados a abrir as barragens, libertando desta forma a água que inundou Moçambique (Governo de Moçambique, 2000). Por causa disso, milhares de famílias no Sul e Centro do país perderam suas casas, culturas permanentes, utensílios domésticos, instrumentos agrícolas, e outros bens<sup>1</sup>. Contrariamente às expectativas, as chuvas continuaram a cair durante muitas semanas obrigando famílias a refugiarem-se em zonas altas.

O presente estudo pretende saber como as pessoas residentes nas comunidades de Tsokate e Hoyohoyo, no distrito de Mabalane, também afectadas, responderam às mudanças provocadas pelas cheias ou como sentiram o seu impacto nos campos social, económico, político e cultural. Sabe-se que as famílias pobres sempre enfrentam condições duras, como refere Moser e Cathy (1997), mas a pressão ou declínio económico e social causados pela crise intensificam a sua infelicidade e vulnerabilidade.

### 1.1 A apresentação do problema da tese e sua justificativa.

As cheias de 2000 deslocaram pessoas das áreas inundadas para as zonas mais altas. As pessoas deslocaram-se independentemente da ajuda externa<sup>2</sup> e, também, movimentaram-se entre campos de refúgio criados pelas organizações externas (Christie & Hanlon, 2000). Por exemplo, "pessoas que chegavam em Chiaquelane rapidamente se auto-organizavam de acordo com os locais de proveniência". Esta organização é semelhante à observada noutros campos, observou Peter Simkin (2000)<sup>3</sup>. As autoridades locais e distritais entre as comunidades deslocadas apenas tomaram liderança nos centros.

Um aspecto importante das cheias é que podem destruir o modo de vida das pessoas. Popenoe (1986) reporta um caso desastroso de cheias ocorrido na Virgínia nos Estados Unidos de América, em Fevereiro de 1972: "Quando desastres nos assolam, nossa primeira preocupação é a vida e segurança da família e amigos. Depois tomamos o estoque de propriedade pessoal, ajudamos outros, limpamos a confusão e talvez lamentamos as mortes".

<sup>1</sup> Visão Mundial-Moçambique, 2000.

<sup>2</sup> Governo e ONG's.

<sup>3</sup> Citado por Christie & Hanlon, 2000.

Contudo, alguns desastres são tão devastantes que até feridas de angústia pessoal e tragédia não são curáveis porque comunidades inteiras foram perdidas, não as propriedades ou vidas de indivíduos mas sim o seu modo de vida.

Como famílias afectadas se ajustam a uma situação deteriorada? Que estratégias adoptam para minimizar o impacto dos choques e gerar recursos adicionais? Quais os grupos mais vulneráveis e que condições impedem suas acções? Mecanismos de vários tipos (físicos, sociais e económicos) terão um impacto significativo sobre essas acções: pode ser que uma das acções se torne inviável por já não existir acesso ou se torne mais atraente, por exemplo porque se pode recorrer a laços familiares ou outras relações sociais. A busca de soluções apropriadas para os problemas sociais emergentes ou existentes nessas áreas é uma prioridade para o país em geral e para a população residente em particular. Este estudo é apenas um passo nessa direcção.

Apesar de a pesquisa ser iniciada por causa das cheias de 2000, o seu objectivo é mais amplo: pretende contribuir para o reforço da capacidade do país em geral e da população em particular em resistir a qualquer tipo de desastre. Sabe-se que a confrontação da população com catástrofes deste tipo significa um acto de aprendizagem. A comunidade ganha experiência em resolver crises e talvez também a capacidade de adaptar suas estratégias de sobrevivência normal aos riscos que estas crises possam trazer.

## **1.2 Objectivos**

### **Objectivo geral:**

Analisar o papel das instituições e redes sociais na mitigação da vulnerabilidade das populações à emergência dos desastres naturais com ênfase nas cheias de 2000 na região do Alto Limpopo.

### **Objectivos específicos:**

- Identificar as instituições e redes sociais que circunscrevem as estratégias de sobrevivência em duas comunidades no distrito de Mabalane, província de Gaza.
- Descrever as estratégias de sobrevivência das populações directa e indirectamente afectadas pelas cheias antes, durante e depois da catástrofe;
- Analisar as respostas das famílias acolhedoras à chegada dos afectados em termos de fornecimento de alojamento, alimentos e outras necessidades de sobrevivência.
- Identificar critérios usados nos processos de decisão pelos afectados em termos de procurar refúgio;
- Avaliar o impacto das cheias no tecido social das famílias afectadas;
- Avaliar o impacto da presença das famílias deslocadas na distribuição e acesso a recursos escassos como terra, alimentos, mão-de-obra e canais comerciais e instituições políticas e administrativas entre as famílias acolhedoras;
- Avaliar de que maneira as populações afectadas têm modificado as suas estratégias de sobrevivência em relação a catástrofe.
- Analisar as decisões tomadas pelas famílias residentes nas zonas inundadas quando procuravam refúgio nas zonas altas.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1. Moçambique: um país vulnerável

Moçambique tem uma história triste. Após vários anos de luta contra a FRELIMO, os colonizadores abandonaram o país pobre e analfabeto (Christie & Hanlon, 2000). Logo após a independência em 1975, o país viveu outra guerra desencadeada pela RENAMO, a qual viria a terminar com o Acordo de Paz de 1992. As eleições multipartidárias 1994 e o crescimento económico em finais da década de 1990 pareceu dar esperança (Christie & Hanlon, 2000 citando PNUD, 2000).

Como já se afirmou na Introdução, Moçambique é um país vulnerável por oscilações climáticas. De acordo com Christie & Hanlon (2000), Moçambique vem enfrentando um ciclo regular de secas e cheias:

- **Cheias de 1976-78.** Todos os maiores rios foram afectados, causando mortes e grandes estragos. As cheias de 1977 foram as piores no registro; no mínimo 300 pessoas morreram e 400,000 foram afectadas. Cheias em 1978 no vale do Zambeze mataram outras 45 pessoas.
- **Seca de 1981-84.** A pior seca registrada na África Austral matou 100,000 Moçambicanos e afectou outros 4,5 milhões.
- **Seca de 1991-93.** A Agência de Informação de Moçambique citada por Christie & Hanlon (2000) advertiu que a seca levaria o país a uma fome pior que a de 1983. Tal não aconteceu devido à organização e suporte internacional. No ano seguinte a seca voltou a assolar o Sul do país causando secura no Vale do rio Limpopo no distrito de Chókwè.
- **Cheias de 1996-98.** Todos os rios do Sul e Centro (Zambeze) inundaram em Fevereiro de 1996. No ano seguinte os rios do Centro, incluindo o Zambeze, inundaram novamente. Estas últimas inundações interromperam o trânsito entre Moçambique e Zimbabwe durante duas semanas.
- **Cheias de 1999.** Houveram cheias locais e muito sérias nas províncias de Sofala e Inhambane cujos registros já não eram vistos a 37 anos.

De acordo com DNA (1996), todo o vale do Limpopo está sujeito a cheias cíclicas e por vezes catastróficas, principalmente quando a conexão das duas pontas máximas dos rios Limpopo e Elefantes coincidem (Vide anexo-3).

### 2.2. Desastres naturais

Desastres naturais são eventos excepcionais que inesperadamente matam ou ferem um vasto número de pessoas ou causam maiores perdas económicas (Cater & Walker, 1998). Como tal, são usualmente distinguidos dos perigos ambientais comuns ou constantes como poluição, doenças e outras injúrias.

A maioria das mortes e injúrias causadas pelos desastres naturais acontece por causa da inadequada atenção humana à sua prevenção, mitigação e preparação, desde construções precárias de controlo até a ausência de sistemas de aviso prévio. Porém, não se pode

assumir que a população tenha uma atitude passiva perante desastres. Um estudo sobre cheias, feito pela Escola Londrina de Higiene e Medicina Tropical, concluiu que agregados familiares e pequenos negociantes fazem adaptações temporárias e permanentes. Residentes têm planos de contingência de evacuação, sistemas de prevenção e protecção (Cater & Walker, 1998).

Desastres têm grande impacto sobre grupos pobres de várias formas. A vulnerabilidade de um indivíduo, agregado familiar ou comunidade reflecte a sua capacidade para antecipar (e evitar) um desastre, limitar seu impacto e contender com e/ou recobrir-se das suas consequências. Assim, o impacto normalmente é mais grave para a camada social mais pobre. Quando suas casas são destruídas pelo desastre as famílias pobres perdem seus bens mais valiosos e, frequentemente, seus instrumentos e materiais de trabalho, restando apenas poucos recursos para recobertura. Mesmo assim, as necessidades dos pobres são geralmente menos servidas pelas acções pós desastre, pois a realocação pelas autoridades ou agências de apoio pode significar perda de empregos e redes sociais que são muito importantes para mecanismos de contenda e procura de emprego (Cater & Walker, 1998). Pós emergência existem três possíveis cenários que ditam as necessidades de abrigo básico das vítimas de desastre. O tipo de desastre, o número das pessoas envolvidas, as políticas que cercam o desastre e a habilidade da comunidade para contender com o desastre, tudo determina quais pessoas serão forçadas a seguir qual cenário (Cater & Walker, 1998):

**Cenário 1** - As pessoas ficam em casa: a comunidade que é deslocada por causa de desastres naturais, como terremotos ou ciclones, quer ficar dentro ou próximo às suas casas. Até mesmo se as suas casas são destruídas ou danificadas, a ajuda para as pessoas "onde elas estão" é muito mais sustentável e permite para normalidade ser restabelecida mais depressa do que aquela ajuda que encoraja que as pessoas se mudem à procura de abrigo temporário. Ajuda entra directamente na área onde as pessoas vivem, onde elas se conhecem um ao outro, onde estruturas sociais podem manter-se em andamento, onde a vida permanece tão normal quanto possível. Somente em casos de extrema emergência as pessoas podem recorrer a abrigos temporários como escolas, igrejas e tendas mas algum membro da família estará frequentemente na casa abandonada para guardar propriedades e terra da família.

**Cenário 2** - As pessoas são deslocadas e ficam em comunidades acolhedoras: durante conflitos civis e depois de alguns desastres naturais como cheias, comunidades inteiras podem ser forçadas a abandonar suas casas ou regiões. Frequentemente deixam atrás a maior parte, se não todas, as suas posses. Nalgumas vezes têm ajuda de transporte, mas usualmente deslocam-se a pé, levando consigo apenas alguns itens carregáveis e roupas que usam. Nesta situação é melhor se os deslocados estão absorvidos em uma comunidade anfitriã local, possivelmente com famílias ou pessoas com quem compartilham laços históricos, religiosos e outros. Governos e agências de apoio precisam providenciar assistência a toda a população inteira de acordo com as necessidades, já que ambos residentes e deslocados são, de facto, afectados pelo desastre.

**Cenário 3** – As pessoas são deslocadas e ficam em grupos: às vezes, apesar das melhores intenções de ajudar por parte das agências, pessoas deslocadas terminam num cenário muito menos preferido: o de refugiado ou centro de acomodação dos deslocados. Há muitas dificuldades potenciais: as comunidades deslocadas podem ser muito grandes para a população local absorver; os deslocados podem temer perseguição e violência de elementos dentro deles próprios ou dentro da comunidade anfitriã; insegurança ou problemas políticos podem surgir.

### 2.3 Os actores

De acordo com Cernea (1988), actores de um desastre são as pessoas directa ou indirectamente envolvidas na prevenção e/ou contendo dos efeitos que este causa durante ou após sua ocorrência. Essas pessoas são as vítimas, as agências de apoio, e no caso de haver deslocados, as populações receptoras.

Num desastre podemos distinguir três grupos de actores (Cernea, 1988). O primeiro são as próprias vítimas. São as pessoas que são directamente afectadas e, no caso dos cenários 2 e 3, perdem parte dos seus bens ou são forçadas a abandonar as suas residências. O segundo grupo consiste nas agências de ajuda. São as organizações governamentais e não governamentais que mobilizando os diversos recursos necessários intervêm providenciando assistência ao primeiro grupo através de abrigo, alimentos, mantas, medicamentos, etc. Além das vítimas, os directamente afectados, e as organizações de ajuda, existe um terceiro actor. Este actor tem um papel principal em processos de acolhimento e reassentamento; é a população anfitriã que vive nas áreas receptoras.

Uma falácia comum é a de que a população anfitriã é frequentemente omitida quando as organizações de assistência preparam a sua intervenção em locais de assentamento. Isto tem implicações porque durante a implementação surgem muitos problemas intratáveis. Desde agências de implementação raramente encontram terras vazias para colocar afectados, o risco é que a densidade da população em áreas receptoras aumentará de repente a níveis acima da capacidade de carga da terra e recursos naturais disponíveis para anfitriões e os recém chegados numa base sustentável. Embora os anfitriões possam primeiramente reagir a favor da chegada dos deslocados, sérios conflitos podem emergir com o aumento da procura sobre a terra, água, serviços, etc. Em situações onde não há maiores parcelas de terra disponíveis e uma operação de ocupação está planeada, experiências mostram que os acolhedores tendem a ver os recém chegados como fonte de mão-de-obra barata e tentarão, obviamente, explorá-los (Cernea, 1988). Por isso, a integração social, económica e cultural dos deslocados com a população hospedeira é um processo lento, o qual não pode acontecer via decreto administrativo.

### 2.4. Riscos

De acordo com o World Bank (2000/1), risco refere-se a eventos incertos que podem danificar o bem-estar, por exemplo, o risco de estar doente ou de a seca ocorrer. Os riscos podem ser classificados com base no tipo, e fonte de ocorrência.

#### **2.4.1. Tipos de riscos**

Para entender melhor os riscos e desenhar políticas responsivas apropriadas é necessário conhecer o tipo de riscos ou choques aos quais as pessoas são vulneráveis. O World Bank (2000/1) classifica os riscos de acordo com o nível de ocorrência (micro, meso e macro) e sua natureza (natural, económico, político, etc.). Os riscos micro, frequentemente referidos como idiossincráticos, afectam singularmente indivíduos ou famílias específicos. Os riscos meso assolam grupos de famílias, uma comunidade inteira ou vila e são covariantes ou comuns para todas as famílias na comunidade. Em África por exemplo esses riscos são: secas, SIDA, guerras, volatilidade sazonal dos preços, etc.. Os riscos também podem ocorrer ao nível macro, quando afectam regiões ou nações. Neste caso são considerados altamente covariantes. Esta distinção pelo nível do risco é crucial. Um risco que afecta uma comunidade inteira, por exemplo, não pode estar ao alcance da comunidade apenas. Isto requer união com outras áreas não sujeitas ao risco.

As cheias podem apresentar todos estes níveis de riscos. De acordo com Pootschi (1986), o termo cheia é usado para referir ambos a descarga de um rio sob condições de chuvas excessivas e também a inundação das áreas planas em redor. Ambas as condições indicam que a capacidade do caudal do rio ou o curso da água ou o caminho da água, até um certo ponto é inadequado para conduzir a quantidade anormal da água produzida pelas chuvas, causando a superlotação deste e conseqüente inundação das áreas planas à volta. Na prática, muitos riscos têm ambas partes idiossincrática e covariante. As cheias são um exemplo disso.

#### **2.4.2. Fontes de riscos**

Conhecer a fonte do risco é importante para preveni-lo embora identificar a fonte não seja um processo directo. Sabe-se que a forma como o risco é transmitido para as famílias é grandemente afectada pelas instituições do país (World Bank, 2000/1). O efeito de um desastre depende de como as instituições funcionam (se bem ou mal), se há guerra civil ou paz, quão bem ou mal as redes de segurança e outras instituições incluem os pobres.

A capacidade dos indivíduos, famílias e comunidades para manusear e escolher o instrumento de gestão de risco, depende das características do risco: sua fonte, correlação, frequência e intensidade (World Bank, 2001). A fonte do risco pode ser natural ou resultado da actividade humana; o risco pode ser não correlacionado ou correlacionado entre indivíduos, pela repetição ou com outros riscos.

#### **2.4.3 Gestão de riscos**

A gestão de riscos depende da sua fonte e características económicas; por exemplo se afectam indivíduos numa maneira sem relação ou simultaneamente. A mais apropriada combinação de estratégias de gestão de risco e arranjos institucionais numa dada situação dependerá do tipo de risco, do custo e efectividade do instrumento disponível (World Bank, 2001):

**i) Estratégias de prevenção.** Estas estratégias são implementadas antes que o risco ocorra. Sabe-se que a redução da probabilidade de um risco adverso, aumenta o

rendimento esperado pelas pessoas e reduz a variação do rendimento; e ambos os efeitos melhoram o bem-estar.

ii) **Estratégias de mitigação.** Como acontece com as estratégias de prevenção, estratégias de mitigação apontam para endereçar o risco antes de acontecer. Enquanto as estratégias preventivas reduzem a probabilidade do risco acontecer, as de mitigação ajudam os indivíduos a reduzir o impacto do evento de risco futuro por agrupar activos, indivíduos, e tempo.

iii) **Estratégias de contendimento.** Estas estratégias são projectadas para aliviar o impacto do risco uma vez acontecido. A principal forma de contender consiste em dis-economia individual através de pedido de empréstimo ou transferências privadas. O governo tem um papel importante para jogar quando indivíduos ou agregados não salvaram bastante para controlar riscos repetidos ou catastróficos, através de intervenções públicas.

Para além das estratégias de gestão, as pessoas têm também mecanismos locais de gestão de riscos. Estes mecanismos resumem-se em três categorias principais (World Bank, 2001):

i) **Arranjos informais.** Os arranjos locais são antigos e ainda constituem a mais importante fonte da gestão do risco para a maioria da população mundial. Na ausência de instituições de mercado e na falta de provisão pública, os agregados familiares recorrem aos arranjos informais para gerir os riscos. Por exemplo, compra e venda de activos reais (gado, bens imóveis, ouro), empréstimos informais, diversificação de culturas, uso de tecnologias de segurança: cultivo de culturas de pouco risco, armazenamento de mercadorias para consumo futuro, arranjos de apoio mútuo na comunidade ou arranjos de parentesco via casamento.

ii) **Arranjos baseados no mercado.** Agregados individuais também podem tomar vantagens de instituições baseadas no mercado tais como finanças, bancos e companhias de seguros quando estão disponíveis. Mas estes são limitados devido à fragilidade dos mercados. Contudo, o seu uso é inicialmente restrito mas aumenta com o desenvolvimento financeiro. Também importante, é a relutância das instituições formais em dar empréstimos aos agregados sem lucros garantidos. Microfinanças são também um importante instrumento de gestão do risco social.

Enquanto informais ou baseados no mercado, os instrumentos de gestão de risco podem frequentemente manusear riscos idiossincráticos. Quando os riscos são macro (altamente covariantes), estes instrumentos tendem a fracassar.

iii) **Arranjos públicos.** Arranjos públicos para lidar com riscos são relativamente escassos. A sua cobertura é muito limitada no mundo em desenvolvimento por razões fiscais e outras. Quando os arranjos informais e baseados no mercado não existem, colapsam ou são deficientes, o governo pode prover segurança social para riscos como desemprego, velhice, viuvez, inaptidão, doença, etc. Estes programas aplicam-se

tipicamente àqueles em emprego formal. Por outro lado, os governos têm uma ordem inteira de instrumentos para ajudar agregados a contender depois que um choque lhes assole como: ajuda social, baixa de preços em bens básicos e serviços e programas de trabalho públicos.

#### **2.4.4. Impacto dos riscos sobre os pobres.**

O conceito da gestão do risco social sugere que indivíduos, agregados familiares e comunidades estão expostos a múltiplos riscos de diferentes fontes, ambas naturais e pessoais. De acordo com o World Bank (2001), pessoas pobres são tipicamente expostas ao risco e têm menos acesso a instrumentos de gestão efectiva de risco do que pessoas com mais bens e habilidades. Esta vulnerabilidade torna os indivíduos aversos ao risco e sem vontade ou capacidade de engajar em actividades de risco. Por isso, pessoas pobres têm desenvolvido mecanismos de auto-protecção como acumulação de bens em tempos bons, diversificação de fontes de rendimentos, criação de famílias informais e criam arranjos grupais de risco na comunidade. Contudo estes arranjos são frequente e relativamente caros, ineficientes e, as estratégias de luta disponíveis uma vez ocorrido o choque, frequentemente reduzem o capital humano (Vide cap.2.6.1) dos pobres. Isto leva por exemplo, a cortes ou redução nas refeições ou tirando as crianças da escola para ajudarem na geração de renda o que dá lugar a necessidade de intervenção pública. Mas tem outras implicações sobre os pobres (World Bank, 2000/1): perda de bens produtivos; colapso familiar e violência devido a pressão consistente da pobreza severa e choques; e venda de bens acumulados.

Estudos sobre efeitos de seca em África também sugerem que em muitas áreas rurais, particularmente com alta taxa de migração masculina, as mulheres são o último recurso para assegurar a sobrevivência da família (World Bank, 2000/1). Consequentemente são forçadas a consumir ou vender seu escasso capital (terra, grão, poupanças, jóias, animais, etc.) que elas acumularam lentamente durante um período longo de tempo. Isto pode levá-las a demorar vários anos para reconstruir seu capital, durante o qual é provável que elas estejam sujeitas a longos períodos de seca e fome.

#### **2.5 Vulnerabilidade**

Intimamente ligado ao risco está o conceito de vulnerabilidade. A vulnerabilidade refere principalmente à capacidade de gestão de riscos. Robert Chambers citado por DFID (1998) distingue o conceito de vulnerabilidade das definições convencionais de pobreza baseadas no rendimento considerando-a como fraqueza, insegurança e exposição ao risco, choques e tensões de condições ambientais incertas. A vulnerabilidade assim como a capacidade de gestão de riscos tem a ver com o modo de vida. Os modos de vida (ou *livelihoods*) são o conjunto de capacidades, bens (recursos materiais e sociais) e actividades requeridas para os meios de vida (DFID, 1998). Assume-se que os modos de vida são sustentáveis quando conseguem cobrir e recobrirem-se de choques e pressões e manter ou melhorar as suas capacidades e bens ambos para agora e para o futuro sem destruir a base que são os recursos naturais.

Medir vulnerabilidade é extremamente difícil: já que o conceito é dinâmico e não pode ser medido por simples observação das famílias. Também são necessárias pesquisas

familiares detalhadas e, seguimento sobre as mesmas famílias por muitos anos de forma a recolher informação básica que capture e quantifique a volatilidade e vulnerabilidade que as famílias pobres consideram importante (World Bank, 2000/1).

No âmbito de investigação científica e na formulação de intervenções políticas é necessário que se encontre indicadores de vulnerabilidade que podem antes identificar as famílias e populações em risco. O World Bank (2000/1) propõe os seguintes indicadores:

- Bens físicos duma família: aqueles que podem ser vendidos para compensar as perdas temporárias de rendimento, são uma medida de sua capacidade de auto-segurança;
- Capital humano: famílias com limitada educação tendem a ser mais sujeitas a flutuações de rendimento e menos capazes para gerir riscos, por exemplo, através de acesso a crédito.
- Diversificação de rendimentos: pode ser um indicador enganoso; por exemplo, uma actividade de baixo risco pode ser preferida do que actividades múltiplas de alto risco que são fortemente covariantes. Assim mais diversificação não é necessariamente menos arriscado. Diversificação deve ser avaliada no contexto das estratégias de risco duma família como um todo.
- Ligações com redes sociais: actividades baseadas em grupos de ajuda mútua, poupanças rotatórias e grupos de crédito, e outros grupos ou associações às quais as famílias pertencem podem ser fonte de transferências em dinheiro ou tipo na ocorrência de uma calamidade. Uma avaliação de vulnerabilidade não pode ser baseada apenas nas transferências observadas mas também na expectativa familiar em ter assistência quando em crise. É esta expectativa que determina as decisões da família acerca de engajamento nas estratégias de gestão de risco.
- Participação numa rede de segurança formal: a vulnerabilidade da família é reduzida se esta estiver vinculada numa assistência social, por exemplo, pensões; ou se esta beneficia de algum programa de fundos sociais. Assim informações sobre tais programas e regras de elegibilidade são também úteis na avaliação da vulnerabilidade e exposição ao risco.
- Acesso a mercados de crédito: também, o acesso a crédito reduz a vulnerabilidade da família por lhe proporcionar um consumo alternativo.

Então, para o World Bank (2000/1) é possível medir a vulnerabilidade através da colecta de dados segundo estes indicadores. Embora a posse de bens torne uma população, família ou um indivíduo menos vulnerável, evitar ou reduzir a vulnerabilidade e aumentar a produtividade económica depende, acima de tudo, da habilidade em transformar efectivamente esses bens em rendimento, comida ou outras necessidades básicas (Moser e Cathy, 1997).

## **2.6 Descrição do modelo de modos de vida (ou *livelihoods*)**

Compreender e abordar a sustentabilidade dos modos de vida é um processo bastante complexo e interactivo porque inclui muitos elementos interagindo. Para tal recorrer-se-á ao modelo de sustentabilidade dos modos de vida rural desenhado pelo DFID (1998). Este modelo (Vide figura 1, anexo-1) permite identificar com facilidade as relações causais entre as populações e catástrofes. Este modelo apresenta as relações entre o

contexto da vulnerabilidade, bens capitais, transformação de estruturas e processos, estratégias de sobrevivência e seus resultados.

### **2.6.1 Os capitais**

De acordo com Campbell *et al.*(2000), capital é o estoque de bens acumulados devotados para a produção de outros bens. Para analisar a vulnerabilidade, o modelo dos modos de vida assenta sobre cinco diferentes tipos de capitais ou activos sobre os quais as pessoas constroem seus modos de vida para fazer face às dificuldades:

- capital natural (terra, biodiversidade, água, etc.);
- capital social (redes, grupos, acesso a instituições, etc.);
- capital humano ( habilidades, conhecimentos e informação, saúde, etc.);
- capital físico (animais domésticos, infra-estruturas básicas: transporte e outras);
- capital financeiro (poupanças, créditos, remessas, pensões, etc.).

O acesso a estes bens capitais pelas pessoas é influenciado pelas políticas e instituições à sua volta.

### **2.6.2 As estruturas e processos**

Também, por ser importante na análise da vulnerabilidade, o modelo busca compreender as estruturas e processos que definem as opções de sustento das pessoas, determinando porém, quem tem acesso a qual tipo de bem e qual o valor efectivo desse bem; e, junto com o *status* dos recursos pessoais, tentar definir que estratégias de sustento ou actividades são abertas e atractivas.

No modelo, as estruturas incluem incluem as associações, Organizações Não Governamentais, agências do Estado e administração local. Os processos incluem instituições, leis, políticas e incentivos.

Associações são são organizações rurais que contribuem para para a segurança alimentar (Supe, 1999). Também participam no processo de definição de políticas de desenvolvimento rural, na gestão de recursos naturais e na conservação da biodiversidade.

Anderson & Parker (1964), definem organizações como sendo unidades de pessoas sistematicamente arranjadas e organizadas para alcançar determinados propósitos nos quais cada pessoa tem uma tarefa formal definida.

Instituições Sociais são sistemas organizados de relações sociais (redes de regras e estatutos pelos quais este comportamento é produzido) que incorporam certos valores comuns (ideias e objectivos compartilhados) e procedimentos (padrões de comportamentos estandardizados) que vão ao encontro de certas necessidades básicas da sociedade (Horton & Hunt, 1972). Para o World Bank (2000/1), instituições sociais incluem: sistemas de parentesco, organizações comunitárias e redes informais. Estas regras não são fixas e podem definir-se como costumes, normas ou papeis. Quer dizer que estas regras dão forma às relações entre pessoas e seu comportamento embora não

determinando a forma precisa dessas relações nem desses comportamentos. Negrão (2001), citando Bardhan, 1989 e Bakhouse, 1985, acrescenta que elas assumem a defesa do indivíduo nos mecanismos colectivos de aversão ao risco.

Anderson & Paker (1964) definem normas como sendo modos de pensar, crenças e costumes, tradições e outros modos de pensar e agir pelos membros de uma sociedade.

### **2.6.3 Estratégias dos modos de vida (*livelihoods*)**

Nos modos de vida o modelo busca saber o que as pessoas fazem e qual a base dessas actividades: recursos naturais?, não recursos naturais?, migração ou remessas?, diversificação?, etc.. O mais importante para um agregado familiar é obter alimentação suficiente para a sua sobrevivência. Nesse contexto, o agregado familiar adopta várias estratégias para sobreviver e para melhorar o bem estar (Yngstrom, 2001 e DFID (1998) citando Stark, 1991): estratégias para evitar o risco ou ultrapassar situações de crises; estratégias para construir e gerir bens; e emigração.

Assim, as famílias rurais diversificam suas fontes de rendimento baseando-se nestes três tipos de estratégias como forma de complementar a agricultura que não é suficiente para garantir a sobrevivência a sua. Esta diversificação não é um fenómeno passageiro, reflectindo a transição ímpar entre agricultura e indústria de tempo integral e serviços, como tende a ser interpretado convencionalmente (DFID, 1998).

De acordo com DFID (1998), as razões específicas das estratégias de sobrevivência para as famílias são: redução do risco, superação da instabilidade dos rendimentos causada pela sazonalidade, melhoramento da segurança alimentar, ganhar vantagens das oportunidades oferecidas pelos mercados de mão-de-obra próximos ou distantes. Isto permite gerar dinheiro de modo a alcançar objectivos familiares tais como educação dos filhos e, por vezes, a necessidade completa de sobrevivência após um infortúnio pessoal ou desastres naturais e humanos.

Porém, a emigração, também usada para todos os propósitos supracitados, é um dos mais importantes métodos de diversificar os modos de vida rural e toma diferentes formas. Emigração significa que um ou mais membros da família deixam a residência familiar por algum período de tempo e assim, eles são capazes de fazer novas e diferentes contribuições para o bem estar familiar, embora o simples facto de emigrar não seja, por si só, uma garantia de tais contribuições. Finalmente, no caso de Moçambique, a emigração é mais do que uma forma de diversificação.

### **2.6.4 Contexto da emigração em Moçambique**

No contexto histórico de Moçambique, a emigração masculina é muito antiga. De acordo com Covane (1989), muito antes do estabelecimento efectivo da administração colnial, homens emigravam de Delagoa Bay (Maputo) para plantações de cana-de-açúcar do Natal (RAS). Este movimento intensificou-se com a descoberta das minas de diamante de Kimberley em 1867, com a emigração a tomar um carácter permanente, particularmente a partir de 1870(Ferreira, 1963).

No caso específico do Sul de Moçambique, a emigração é tida como tendo sido estimulada por dois factores (Covane, 1989). O primeiro foi a presença dos mercadores de várias nacionalidades, principalmente nas zonas costeiras e ribeirinhas, e de comerciantes espalhados pelo interior. A sua presença criou novas necessidades que só podiam ser satisfeitas com dinheiro, a emigração em busca de salário. O segundo são as crises políticas e económicas. Por exemplo, a emigração suscitada pelo conflito militar entre Mawewe e Muzila (1859-1864) e a escassez de marfim, principal produto com que as classes dominantes de formações políticas locais entravam em comércio internacional (CEA, 1977, citado por Covane, 1989). No império de Gaza, por exemplo, para além de a emigração concorrer para a satisfação de parte das necessidades básicas da família do trabalhador, permitia a aquisição de armas de fogo e pagamento de tributo que passou a ser cobrado em libras (Harries, 1981, citado por Covane, 1989). A seca e fome de 1860-61 também contribuíram para uma rápida subida de emigrantes no Natal vindos do Sul de Moçambique (Covane, 2001).

Porém, no Vale do Limpopo a emigração era mais mais do que uma actividade complementar à agricultura (Covane, 2001). A educação e a religião também tiveram vínculos importantes com a emigração. Na África do Sul, os trabalhadores emigrantes convertiam-se, por si próprios ou tinham tido uma oportunidade para melhorarem o seu conhecimento religioso, e alguns tiveram a sorte de ser nomeados pastores ou evangelistas. Quando de regresso às suas aldeias os emigrantes educados engajavam-se em actividades não directamente ligadas com a agricultura, tais como, ensinar a ler e escrever cartas para os colegas e famílias.

Em suma, a emigração teve ligações fortes com o comércio internacional, lobolo, imposto, multas e, mais importante ainda, com os fracassos cíclicos na agricultura (Covane, 2001). Depois de 1897, a emigração foi integrada nas estratégias coloniais de exploração dos recursos humanos locais (Ferreira, 1963). Assim, a emigração foi, em grande medida, regulada e gerida para satisfazer dois interesses coloniais: colecta de impostos de palhota em numerário, e a manutenção de cantinas rurais estabelecidas principalmente para a venda de álcool e têxteis portugueses.

### 2.6.5 Os resultados

O modelo apresenta também o que pode resultar dos modos de vida em relação ao que as pessoas buscam alcançar: uso dos recursos naturais mais sustentável, aumento dos rendimentos, bem estar melhorado, vulnerabilidade reduzida ou segurança alimentar melhorada.

Desta forma, a abordagem baseada nos meios de vida sustentáveis busca obter uma compreensão realista dos aspectos que moldam os meios de vida das pessoas e de que forma os diferentes factores que os influenciam podem ser ajustados para que, juntos, produzam resultados. Esta abordagem assenta essencialmente nos bens capitais disponíveis, já referidos anteriormente. Por ser um determinado grupo social a unidade de análise deste estudo, será importante não pressupor que as populações ou as próprias famílias sejam unidades homogéneas. Pessoas diferentes adoptam estratégias de meios de

vida diferentes. Assim, uma análise centrada no capital social é importante para perceber as acções sociais do grupo a ser estudado.

## 2.7. Capital social

No âmbito do presente estudo a forma de capital que merece maior atenção é o capital social. O capital social assume várias formas: obrigações, expectativas e confiança, canais informais, normas e sanções (Dasgupta & Serageldin, 2000). Categorizar e analisar o capital social é difícil. O termo tem várias definições.

Para Putnam (1993)<sup>4</sup>, capital social é o conjunto de características da organização social tais como redes, normas e confiança social que facilitam a cooperação para o benefício mútuo. Para o World Bank (26/Maio/2003), capital social refere-se às instituições, relações e normas que conformam a qualidade e quantidade das interacções sociais de uma sociedade. No geral, capital social refere-se a sistemas que conduzem a ou resultam da organização social e económica ( Colleta *et al.*, 2000).

Um aspecto importante do capital social é que pode contribuir para o desenvolvimento. Grootaert (1998), citado por Colleta *et al.* (2000), diz que embora haja muita contenção sobre que tipo de interacções e organizações constituem o capital social, há pouco desacordo acerca do seu papel na facilitação da acção colectiva, crescimento económico e desenvolvimento pela complementação de outras formas de capital. Tal como outras formas de capital (referidas no cap. 2.6.1), o capital social é produtivo e torna possível o alcance de certos fins que, na sua ausência, não seriam realizáveis (Dasgupta e Serageldin, 2000).

Os mecanismos pelos quais o capital social opera são geralmente compreendidos. O mesmo não acontece em relação a sua qualificação como “capital”. Collier, 1998; Narayan & Pritchett, 1999 e Arrow, 2000, todos citados pelo World Bank (2000/1), divergem nesse aspecto. Os primeiros sustentam que no geral, as normas e instituições sociais têm uma durabilidade e efeitos duradouros associados ao capital. Para o último, o sacrifício pelo presente para um bem futuro, típico das formas tradicionais do capital está ausente nas redes sociais pois a sua construção inclui, para os seus participantes, outras razões diferentes das do valor económico. Em suma, criar e manter relações sociais, por exemplo familiares e de amizade, requer investimentos. Por isso, o relacionamento pessoal durável é edificado numa série de troca de ofertas (Mauss, 1969). Gregor (1982) descreve este relacionamento como um estado de dependência recíproca contrário às trocas mercantis entre dois indivíduos que talvez nunca podem voltar a interagir.

Tal como sua definição sugere, o capital social é multidimensional e incorpora conceitos ambíguos como comunidade, redes e organizações sociais cuja qualificação e quantificação são difíceis (World Bank, 26/Maio/2003). Os produtos do capital social são visíveis e tangíveis mas os processos por si são muito difíceis de observar, compreender e medir (Dasgupta & Serageldin, 2000). Por isso é também difícil encontrar métodos completos para a sua medição. Contudo, Colleta *et al.* (2000) citando Woolock (1998)

---

<sup>4</sup> Citado por Colleta *et al.* (2000)

apresenta um modelo do capital social que, baseando-se numa abordagem compreensiva incorporando três dimensões e facilita as análises através de vários níveis:

- (a) Laços fortes entre membros de uma família, vizinhos, amigos íntimos, e associações de negócios. Estas relações são mais proteccionistas e conectam pessoas que compartilham características demográficas similares ( World Bank, 2000/1).
- (b) Laços fracos entre indivíduos de etnias e "background" profissional diferentes, entre comunidades e com comunidades de fora, pode ser referido como capital social encerrando várias conexões horizontais para pessoas com *status* económico geralmente comparável ( World Bank, 2000/1). Esta dimensão liga diferenças nas relações de parentesco, etnicidade e religião; e representa a capacidade de afiliação das famílias em empresas ou movimentos cívicos.
- (c) Instituições formais e sua interação com a comunidade. O capital social é também expresso em instituições mais verticais e formais. Esta dimensão abrange instituições do estado e a sua efectividade e habilidade para funcionar o que determina se a sociedade civil complementa ou substitui as funções e serviços do estado.

DFID (1998) adverte que o capital social seja tratado com uma certa cautela pois, se por um lado pode ter resultados proveitosos em termos de objectivos perseguidos, por outro, pode ter resultados negativos quando as pessoas se organizam excluindo outras. Na verdade, o capital social é um conceito conservativo quando transformado num objectivo de desenvolvimento, ao menos que se use de uma maneira conscienciosa, fazendo uma análise de relações de poder, se não, corre-se o risco de ao querer suportá-lo, se fortaleça o *status quo*, o que é geralmente desfavorável aos pobres.

Finalmente, Colletta e Cullen (2000) propõem como indicadores do capital social os seguintes: eventos comunitários; redes informais; associações; liderança da vila; e ligações com agências externas da vila ou comunidade como ONG's, grupos de igreja e governo nacional. Também acrescentam que o capital social pode ser medido como coesão social, confiança, responsabilidade social e iniciativa social. Brehm e Rahn (1997) e Schneider *et al.* (1997), ambos citados por Krishna e Shrader (1993), usaram confiança inter-pessoal e envolvimento em actividades voluntárias, respectivamente, como medida do capital social.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1. Descrição da área de estudo

A área de estudo incluiu duas aldeias do distrito de Mabalane: Tsokate e Hoyohoyo. O distrito de Mabalane localiza-se a norte da Província de Gaza e tem como limites (Vide anexo-8). O distrito é atravessado pelo Rio Limpopo e na classificação do vale do Limpopo em zonas, segundo DNA (1996), faz parte da zona do Alto Limpopo.

Com uma superfície total de 9586 Km<sup>2</sup> o distrito de Mabalane possui 43 aglomerados populacionais (aldeias, bairros e povoados) dos quais 17 (com cerca de 6000 habitantes) estão ao longo da margem direita do rio Limpopo e fazem parte da zona tampão do novo parque internacional do Limpopo<sup>5</sup>. Possui três postos administrativos, nomeadamente Mabalane-sede, Combomune e Tlavene, os quais são constituídos por 7 localidades, nomeadamente Mabalane-sede, Tsokate, Tlavene, Combomune-rio, Combomune-estação, Nhatimamba e Chipswombswe.

A população total do distrito é de cerca de 27898 habitantes das quais 21856 vivem em aldeias e bairros nas zonas baixas, ao longo do rio e, as restantes em povoados nas zonas altas (INE, 2000). Parte da população, não incluída no total, vive emigrada nos países vizinhos.

O distrito é atravessado em toda a sua extensão por inúmeras valas<sup>6</sup>. Algumas destas valas têm origem em outros distritos a Norte de Mabalane, zona alta. Sempre que chove assiste-se a grandes fluxos de água proveniente da zona norte do distrito em direcção à zona baixa (rio Limpopo)<sup>7</sup>.

A população desta zona faz parte do grupo Tsonga cujo subgrupo Ronga foi exaustivamente estudado pelo Junod (1996). Os Rongas predominam na província de Maputo. O subgrupo Changana predomina na província de Gaza.

O distrito tem potencial para o desenvolvimento de actividades agrícolas, produção animal e ecoturismo<sup>8</sup>. Isto pode contribuir para o seu desenvolvimento sócio-económico e melhoria das condições de vida das comunidades em particular. A produção animal foi muito afectada durante a guerra. Com o fim da guerra, a população animal cresceu muito. As recentes cheias de 2000 não afectaram significativamente este crescimento, como mostra o perfil estatístico do gado (Vide tabela 1, anexo 2).

Os maiores constrangimentos que afectam o distrito são a existência de minas, ocorrência de secas, doenças animais e recentemente, as cheias de 2000<sup>9</sup>.

<sup>5</sup> Administração de Mabalane, 2001

<sup>6</sup> O nome local é *magova*. Literalmente *magova* significa vala que escoar água para o vale em tempos chuvosos. Algumas valas são intransitáveis durante as chuvas e apresentam ao longo do seu percurso grandes depressões que acumulam água por muito tempo. Essas depressões são localmente consideradas pequenas lagoas, e são usadas para fins agrícolas ou locais de beberamento para animais.

<sup>7</sup> Entrevista com Sr. Ngovene, Oficial de administração, Mabalane, 26.06.2002.

<sup>8</sup> Entrevista com Sr. Luciano Fernandes, Delegado distrital de pecuária, Mabalane, 26.06.2002

<sup>9</sup> Entrevista com Sr. Mundlovo, Administrador, Mabalane, 26.05.2002

### 3.2. Selecção das comunidades

O trabalho de recolha de dados foi feito nas aldeias de Tsokate e Hoyohoyo. Vários factores contribuíram para a sua selecção. Inicialmente a pesquisa deveria ser feita em dois espaços ou comunidades: área inundada, onde as pessoas foram evacuadas e outra área vizinha não afectada onde as pessoas se refugiaram. Esta organização espacial da pesquisa foi feita em função da informação obtida nas agências que trabalharam na área durante as operações de emergência (INGC, 2000), segundo a qual havia no local um centro de acomodação de deslocados situado na zona de Mabalane C. Isto foi diferente da realidade encontrada no terreno pois, não houve comunidades deslocadas nem acolhedoras mas sim, agregados deslocados e agregados acolhedores<sup>10</sup>. Os informantes chave explicaram que as famílias refugiaram-se em zonas altas dentro e fora das respectivas comunidades. Perante este cenário, fez-se uma reorganização espacial da pesquisa em função das sugestões colhidas no terreno.

O acesso, o impacto da cheia nas diferentes comunidades e a facilidade de acompanhamento pelas autoridades distritais, determinaram a selecção das comunidades. Potencialmente o estudo poderia ocorrer nas comunidades de Djasse, Hoyohoyo, Combumune-rio e Tsokate. Devido a sua localização, ficaram de fora as comunidades de Djasse e Combumune-Rio, que distam 97 e 65 km da Sede, respectivamente. Também têm as vias de acesso degradadas, o que dificulta a entrada de carros.

### 3.3. Etapas do estudo

O estudo decorreu em três etapas distintas.

**Preparação do trabalho.** Consistiu na revisão bibliográfica e elaboração do protocolo de investigação. Começou em Novembro de 2001 e terminou em Março de 2002.

**Trabalho de campo.** Pela natureza do estudo, esta etapa foi feita em duas fases distintas. A primeira realizou-se na aldeia de Tsokate de 14 a 29 de Maio e a segunda, de 9 a 27 de Junho, na aldeia de Hoyohoyo.

**Redacção da tese.** Consistiu na organização, análise de dados e compilação do relatório final. Começou em Julho de 2002 e terminou em Setembro de 2003.

### 3.4. Descrição dos métodos de recolha de dados

A recolha de dados foi feita com base em entrevistas com vários níveis de estruturação, reuniões, fontes secundárias e observações (Vide anexo-0). As entrevistas serviram para colher dados sobre perdas, actividades de ONG's, actividades produtivas e de subsistência desenvolvidas pelas comunidades incluindo recursos e objectivos envolvidos; grupos existentes nas comunidades e sua influência na capacidade de resistência a desastres naturais, tipo de desastres, relações sociais entre as famílias. As reuniões eram para colher informações gerais sobre o ambiente da ocorrência das cheias, usos locais dos recursos, principais problemas nas comunidades incluindo a resolução de

<sup>10</sup> Informação colhida dos informantes chave: oficiais da administração e líderes locais nas comunidades visitadas.

conflitos para além da apresentação do pesquisador. Observou-se características das casas<sup>11</sup>, comportamentos e hábitos locais, espaços agrícolas e de pastagem, áreas queimadas, efeitos das cheias sobre as machambas e actividades comerciais. Outras informações como por exemplo, o número de residentes nas aldeias, foram obtidas através de fontes secundárias.

**Amostragem.** Após a selecção das comunidades, a intenção foi de identificar a população e tentar entrevistar as comunidades inteiras. Mas como tratava-se de comunidades com mais de 200 agregados cada, essa intenção não foi alcançada. Assim, foi feita uma amostragem de estrutura simples e método sistemático. O tamanho da amostra foi determinado de forma a satisfazer no mínimo as condições da FAO(1990) (Vide tabela 2, anexo 2). Na aldeia de Tsokate a sistematização baseou-se na lista total dos agregados na posse do chefe da aldeia. Com base nessa lista, determinou-se o número aleatório<sup>12</sup> de amostragem. Foram seleccionados e entrevistados 76 agregados num total de 300. Em Hoyohoyo, a sistematização baseou-se nas listas dos bairros fornecidos pelos respectivos chefes. Foram seleccionados e entrevistados 75 agregados num total de 218. A pessoa entrevistada dentro do agregado era aquela definida pelos membros como chefe ou representante do agregado. Este critério de escolha é baseado na definição de Moser e Holland (1997), segundo a qual chefe do agregado é o decisor chave num agregado ou a pessoa definida como tal pelos restantes membros do agregado.

### 3.5. Análise de dados

**Identificação das espécies.** As espécies de árvores de fruta silvestre foram identificadas a partir dos nomes locais fornecidos pelos moradores. Os nomes científicos foram obtidos com base na lista de nomes de plantas vernaculares em Moçambique (Koning, 1993). Esta lista fornece os nomes em línguas locais e em nomes científicos.

**Tipos de agregados<sup>13</sup>.** Os tipos de agregados usados neste trabalho foram categorizados na base do chefe do agregado familiar. Inicialmente consideraram-se três tipos de agregados (Pijnenburg *et al.*, 2000): aqueles em que o chefe é homem, outras duas categorias de agregados em cujos chefes são mulheres: Uma chefiada por mulher *de facto*, em que o marido se encontrava ausente na altura das entrevistas e, outra chefiada por mulher *de jure*, sem marido (divorciada, viúva ou solteira). As análises preliminares sobre os resultados indicaram que a presença ou ausência do marido durante o estudo, num agregado, não constitui um factor de diferenciação, apenas a sua existência. Por isso, adoptou-se a classificação dos agregados em dois tipos: agregados chefiados por homens (presente ou ausente) e aqueles chefiados por mulheres (viúvas, solteiras ou divorciadas).

<sup>11</sup> Material de construção, localização, estado de actual.

<sup>12</sup> Calculado com base na fórmula:  $N/n$ , onde N representa a amostra total dos agregados por aldeia ou por bairro (Hoyohoyo) e n, o número de agregados a serem seleccionados. O número aleatório foi também usado como intervalo de amostragem.

<sup>13</sup> Segundo Yngstrom (2001), Agregado familiar é uma entidade colectiva constituída por um grupo de pessoas unificadas por meios económicos que são compartilhados, embora não necessariamente de forma equitativa. Entre esses meios, os mais importantes são a terra, o trabalho e o capital. Também tem um orçamento comum que provém de um certo grau de junção de rendimentos e pode ter dispositivos comuns de cozinha e/ou moradia.

Moser & Holland (1997) também usou a mesma classificação para analisar a pobreza em Chawama, Zambia.

**Modelo dos modos de vida rurais.** As análises foram feitas com base no modelo teórico para a análise da sustentabilidade dos modos de vida rurais desenhado por DFID (Vide anexo-1), e complementada por testes estatísticos.

**Programa SPSS.** Por forma a facilitar interpretação e análise de dados, usou-se o pacote estatístico SPSS, para a elaboração de tabelas de frequência e tabelas cruzadas. Nos casos em que havia relação de dependência entre duas variáveis ou mais, avaliou-se o grau de associação existente recorrendo ao teste do Chi-Quadrado. Todas as análises foram conduzidas com o programa SPSS versão 9 ou 11.

**Chi-Quadrado.** Foi usado o teste Chi-Quadrado para testar hipóteses relacionadas com diferenças na distribuição de frequências entre grupos de variáveis por forma a encontrar relações de dependência.

**Teste-T.** Para testar hipóteses acerca de variáveis quantitativas e apurar se as diferenças observadas nas médias dos diferentes grupos são significativas, procedeu-se o cálculo do teste-T para a igualdade de médias. Assim, procedeu-se a análise do teste-T para verificar se o estado económico (posse de bens) e tipo de agregado tem influência na forma como as pessoas usam os recursos locais para a sua sobrevivência.

#### Limitações

Durante o trabalho aconteceu um incidente que culminou com a perda, por roubo, de parte de dados recolhidos na aldeia de Hoyohoyo. Esta perda afectou as análises porque reduziu o número de entrevistas com pessoas afectadas directamente em Hoyohoyo que era crucial para alcançar resultados estatisticamente válidos.

Embora adequado para o tipo de estudo, o método não conseguiu quantificar por exemplo, as áreas agrícolas e respectivos rendimentos que são muito importantes para medir as capacidades produtivas reais das famílias, o que podia facilitar na determinação da sua vulnerabilidade.

O tempo de estudo foi pouco. O conceito de vulnerabilidade é muito dinâmico e a sua investigação requer muito contactos com a unidade de estudo e por vários anos.

A escolha da área de estudo foi uma limitante pois não permitiu alcançar na totalidade os objectivos do estudo. Não permitiu comparar duas comunidades diferentemente afectadas pelas cheias, uma deslocada e outra acolhedora.

O facto de o investigador ser do sexo masculino contribuiu bastante para a omissão de muita informação sobre as relações sociais entre as mulheres, em particular as viúvas, e homens na luta pela sobrevivência. Por exemplo, a razão porque só as mulheres vão à colecta de fruta silvestre em Tsokate, nunca os homens.

O mau domínio do pacote estatístico SPSS, principalmente no início das análises dos dados, também constituiu uma limitante. Levou-se mais tempo na assimilação do funcionamento do pacote por forma a fazer análises correctas sobre os dados.

O investigador vivia junto com o Chefe do Partido, na altura substituto do Chefe da aldeia, em Hoyohoyo. Os entrevistados não aceitavam dar algumas informações sobre os problemas locais que vivem com as lideranças temendo que essa informação fosse acessível ao primeiro secretário através do investigador o que levaria a exclusão destes em ocasiões posteriores de ajudas de fora.

Em Hoyohoyo os líderes locais omitiram informação sobre os efeitos reais das cheias na aldeia, como por exemplo as famílias deslocadas para fora da aldeia. Isto afectou o método de recolha de dados porque durante as entrevistas descobriu-se que havia mais pessoas afectadas do que as não afectadas. Isto não permitiu estratificar os grupos o que podia ter sido importante para as análises.

#### 4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A apresentação dos resultados será feita seguindo a sequência do modelo dos modos de vida desenhado pelo DFID (1998).

##### 4.1. Descrição das comunidades

###### 4.1.1. Tsokate

A aldeia de Tsokate, criada em 1978, pertence à localidade do mesmo nome, posto administrativo de Mabalane-sede e dista 29 km da sede. Localizada sobre o ponto de encontro dos rios Limpopo e dos Elefantes na parte Sul, é delimitada a Sul por estes e parte da aldeia de Mahunhane, a Norte pela rua Macaretane-Mabalane (região do Niza), a Este pelas aldeias de Pfúkwè e Mahunhane e pelas aldeias de Covela e Xinhequete a Oeste. Situada na zona alta, a área habitacional da aldeia dista 4,5 km do Rio Limpopo..

Vivem na aldeia 300 famílias, cerca de 1119 habitantes (Vide Tabela 3, anexo-2), distribuídas em quatro bairros<sup>14</sup>. Maior parte das famílias residentes são nativas e cerca de 46 % têm membros trabalhando ou residindo na R.S.A.. Também observou-se que maior parte da população residente é relativamente idosa.

A população local ocupa-se essencialmente de agricultura e pecuária (Vide tabela 1, anexo-2). Outras ocupações são: emigração, caça, pesca, pastorícia, colecta de fruta silvestre, pequenos negócios ocasionais e produção e venda de carvão. De acordo com os líderes locais, a actividade carvoeira é recente (1993) e é alternativamente uma importante fonte de sobrevivência nos tempos "mortos". Contudo, o apego à agricultura e a dificuldade de obter licença de corte de carvão torna-a menos recorrida, particularmente na época agrícola. A maior parte das famílias residentes tem gado e usa-o essencialmente para tracção animal e como meio de transporte.

A actividade agrícola é tradicionalmente desenvolvida em três espaços diferentes: *nhaka* ou terras pesadas da baixa, onde a população faz culturas de segunda época; *mananga* ou terras altas/serras, onde faz-se culturas de primeira época; e nos *mathlivi* ou lagoas, usadas para fazer culturas de contenda contra a seca (hortícolas)<sup>15</sup>. Sendo uma zona comum da comunidade, *mananga* é tradicionalmente reservada para a pastagem. A pastagem nas *nhaka* apenas é feita depois da confirmação de que não há mais culturas por colher e depois de dada a permissão pelos líderes locais.

A população vende produtos agrários ocasionalmente, quando precisa de dinheiro<sup>16</sup>. Actividade comercial atinge seu pico durante e logo após colheitas. Também há pessoas que ocasionalmente vendem parte de seus animais. É nestas alturas que os moradores de Tsokate vão com frequência à única "loja" da aldeia, onde se comercializam vários bens de consumo. O proprietário é natural e residente em Chókwè. Na loja os moradores podem fazer compras com dinheiro poupado, obtido das vendas de produções ou animais, através de empréstimos ao proprietário da loja ou mesmo pela troca directa de animais

<sup>14</sup> Dados fornecidos pelo Sr. Sebastião Matongue, Chefe da aldeia, Tsokate, 18.05.2002.

<sup>15</sup> Entrevista com Sr. S. Matongue, Chefe da aldeia, Tsokate, 18.05.02.

<sup>16</sup> Entrevista com Sr. José Macamo, Proprietário da loja, Tsokate, 21.05.02.

por bens de consumo ali vendidos. Quando os locais fazem suas vendas ocasionais, fazem-nas em casas próprias.

As principais instituições existentes, para além da família, são: Igrejas, AMETRAMO, Comitês de trabalho, Partido Frelimo, OMM, LWF<sup>17</sup>, escola, Posto de saúde e arranjos locais de ajuda mútua (Vide cap. 4.3.2).

Os principais problemas, segundo os moradores, são: ocorrência cíclica de secas, água (Vide cap.4.2.4), doenças, feitiçaria e a guerra civil terminada em 1992.

#### 4.1.2. Hoyohoyo

A aldeia de Hoyohoyo foi criada em 1985. Pertence à localidade e posto administrativo de Tlavene. Dista 32 km da sede do distrito e é limitado a Sul pelo rio Limpopo, a Norte pela rua Mabalane-Chicualacuala, a Este pela aldeia de Magudge e a Oeste pela aldeia de Xihatane e localidade de Combomune-rio. É uma aldeia extensa, caracterizada maioritariamente por partes relativamente baixas e dista cerca de 1,5 km do rio Limpopo.

Segundo dados fornecidos pelo 1º Secretário da aldeia<sup>18</sup>, vivem na aldeia 218 famílias, cerca de 1014 habitantes, distribuídos em 5 bairros (Vide tabela 3, anexo-2). São quase todas nativas e cerca de 52 % têm membros residindo ou trabalhando na África do Sul. Caracterizada por coexistência de população idosa e jovem, a vida na aldeia tem dois momentos distintos: época fresca (altura do estudo) em que a maioria dos jovens emigrantes estão junto de seus parentes na aldeia, e época quente em que regressam a África do Sul à procura de oportunidades de emprego. Os mais velhos interpretam estes movimentos dos jovens como fuga aos trabalhos da machamba.

As ocupações da população de Hoyohoyo são semelhantes àquelas referidas na aldeia de Tsokate. Também, a actividade agrícola é feita em três espaços: *mananga*, a população faz culturas de primeira época; *nhaka*, onde se faz culturas de segunda época. O terceiro espaço é diferente do referido em Tsokate. Em Hoyohoyo a população usa margens do rio ou *gumbini* para fazer culturas de contenda contra a seca. Agora, com a destruição destes locais por cheias, a população recorre ao leito do rio para contender a seca. A pastagem também é feita nos mesmos espaços: A *mananga* é a área destinada para pastagem enquanto a *nhaka*, é apenas usada depois de se terem feito todas as colheitas das culturas e depois de dada a permissão pelos líderes. Nas margens do rio, a população faz pequenas cercas para proteger sua horta do gado.

Durante o trabalho de campo registaram-se actividades comerciais. Existe um mercado local (*Xikanhanini*), com uma barraca (loja) única cujo proprietário é, semelhante ao que se constatou em Tsokate, natural e residente em Chókwè. Segundo entrevistados, a actividade comercial é incentivada pelas boas produções conseguidas na época anterior. É por causa disso que muitos comerciantes informais de Chókwè chegam todos os dias com

<sup>17</sup> Organização Não Governamental (Lutheran World Federation), com um trabalhador representante na aldeia. O representante não é natural da aldeia.

<sup>18</sup> Entrevista com Sr. Alfredo Baloi, 1º Secretário e chefe substituto da aldeia, Hoyohoyo, 10.06.2002.

produtos<sup>19</sup> para trocar por milho local. Observou-se também que a venda por dinheiro é ocasional.

As principais instituições identificadas na aldeia, para além da família, são: Partido Frelimo, Escola e Posto de saúde, OMM e arranjos locais de ajuda mútua. Em termos de intervenções externas, a aldeia já beneficiou de algumas como Auxílio Mundial ( furos água), VETAID (tratamento de animais e construção de currais). Não há, nesta aldeia, uma ONG com representação local.

Segundo os moradores, a seca, a guerra, as doenças, feitiçaria e o adultério são os principais constrangimentos vividos na aldeia.

#### 4.2. Descrição dos capitais disponíveis aos agregados

Os agregados familiares usam uma variedade de recursos capitais através dos quais procuram alcançar e estender as necessidades dos seus *livelihoods*. Como referido no capítulo 2.6, estes recursos ou capitais podem ser categorizados em capital humano, financeiro, físico, natural e social. Contudo, nem todos os agregados têm igual nível de acesso aos mesmos recursos<sup>20</sup>. Eles podem ter problemas para ter acesso à importantes formas de capitais que são vitais aos seus *livelihoods* (Vide 4.2.2 e 4.2.4).

##### 4.2.1. O capital humano

Capital humano é o conjunto de conhecimentos e habilidades adquiridos que um indivíduo tem para levar a cabo uma actividade (Dasgupta & Serageldin, 2000). É construído conscientemente via Educação e treinamento e, inconscientemente através da experiência. No geral, capital humano consiste na criação de novas capacidades e aprendizagem dos constrangimentos.

##### Tamanho do agregado

Ao fazer escolhas sobre como usar os recursos para alcançar ou melhorar seus *livelihoods*, o agregado familiar recorre em primeiro lugar à sua mão-de-obra. Segundo Campbell *et al.* (2000), citando Mortimore (1998), a mão-de-obra é o recurso mais importante na tomada de decisões sobre como usar o capital humano dentro do agregado. Por isso, é importante neste trabalho analisar a variação do tamanho do agregado entre as duas aldeias e entre grupos (tipo de agregado).

Na totalidade dos agregados entrevistados o número médio de membros por agregado é de 9,6. Por aldeia, o número médio de membros por agregado é de 10,1 para Tsokate e 8,9 para Hoyhoyo. Entretanto, as diferenças entre as duas médias não são significativas<sup>21</sup>. Também calculou-se o tamanho médio de agregados por tipo de agregado e verificou-se que os agregados chefiados por homens têm em média 10,2 membros e os chefiados por mulheres, 8,4 membros. Embora em média os agregados chefiados por homens

<sup>19</sup> Roupa, hortícolas, bebidas tradicionais e convencionais, e outros bens

<sup>20</sup> <http://www.nri.org/In The Field/capital>

<sup>21</sup>  $T_{\text{igualdade de variâncias assumida}} = 1,34$ ,  $gf = 126$ ,  $p(5\%) = 0,180$

apresentem um número de membros relativamente maior em relação aos agregados chefiados por mulheres, o teste-T para médias mostra que tal não é significativo<sup>22</sup>.

Não foi conduzida nenhuma investigação sobre a composição e saúde dos agregados mas, ao que parece, o tamanho do agregado não contribui para as diferenças verificadas em termos de bem estar nas duas aldeias durante o trabalho de campo, nem para as diferenças verificadas entre os dois tipos de agregados. Mas os agregados com maior número de membros têm manadas grandes, beneficiam de remessas e de gado proveniente da pastagem, não dependem de *kurimela* e têm celeiros (Vide tabelas 4, 6 e 7, anexo-7; e cap.4.2.3, respectivamente). Talvés outros factores como a posse de animais e condições agro-ecológicas, no caso do bem estar e, existência do marido para o tipo de agregado, contribuam para as diferenças verificadas.

#### Existência do marido (viuvez)

A existência do marido é muito importante na estrutura de um agregado familiar. Cerca de 24 % e 44 % dos agregados familiares residentes em Tsokate e Hoyohoyo, respectivamente, são chefiados por mulheres viúvas ou solteiras (Tabela 3, anexo-2). As mulheres sem maridos enfrentam muitas dificuldades para sobreviver desde o acesso aos recursos até ao seu uso (gado, cercas nas machambas, fabricar carvão, etc.). Algumas soluções adaptativas que tomam são geralmete insustentáveis. Durante o trabalho de campo verificou-se que as mulheres sem maridos arranjam *mbuzi*<sup>23</sup> locais ou forasteiros (carvoeiros e trabalhadores de ONG's) para conseguir rendimentos adicionais para sobrevivência de si e dos filhos. Isto é recente e parece aumentar com as intervenções externas (cavoeiros e agentes de ONG's). Estas soluções, tomadas pelas mulheres viúvas, parecem pouco sustentáveis como indicam os seguintes casos:

*Caso 1- Sra. Helena Cháúque, viúva residente em Tsokate e mãe de três filhos. A Sra. Helena perdeu seu marido em finais de 1990 por causa da guerra. Desde essa altura a senhora tomava conta de seus dois filhos sozinha. Em 1999 juntou-se a um mbuzi trabalhador da LWF afecto na aldeia no âmbito das intervenções que a LWF faz na aldeia, com o qual fez um terceiro filho. Em 2001, o seu mbuzi foi transferido para trabalhar em outras áreas distantes da aldeia e, desde então, nunca mais voltou visitá-la. Actualmente, a Sra. Helena juntou-se a um novo mbuzi carvoeiro proveniente de Manica.*

*Caso 2- Sra. Alcina Ngovene, viúva residente em Hoyohoyo e mãe de quatro filhos. É viúva desde 1989; o marido morreu por tuberculose e deixou-lhe com dois filhos. Por causa das dificuldades que enfrentava para conseguir cuidar dos filhos, abraçou a actividade carvoeira onde conheceu um carvoeiro com quem fez um filho e viveu até 1997. Em 1998, por sentir-se abandonada, juntou-se de novo com um outro carvoeiro o qual viria lhe abandonar grávida em meados de 2001. Actualmente tem quatro filhos por*

<sup>22</sup> T<sub>Igualdade de variâncias não assumida</sub> = 1,89 , gl= 101, p (5%)=0,06 )

<sup>23</sup> Homem que se amantiza com uma viúva. De acordo com a explicação local, a origem do nome tem relação com Mbuzini, local onde morreu, Samora Machel, o primeiro presidente da República de Moçambique. Assim, amantizar-se com uma viúva é localmente visto como se alguém estivesse a ir para Mbuzini, onde provavelmente morrerá.

*cuidar. É uma das pessoas que perdeu os seus bens de casa por causa das cheias de 2000.*

Aparentemente, estes dois casos indicam que para além de conseguirem alguns apoios efêmeros de seus parceiros, as mulheres viúvas aumentam os custos de sua sobrevivência fazendo mais filhos que ficam na sua responsabilidade quando são abandonadas pelos parceiros. Mas nem todas as mulheres viúvas têm este tipo de problemas, há outras com um cenário diferente, como por exemplo o caso da Sra. Maria M.B (Vide cap.4.7).

Entretanto, as próprias viúvas reconhecem o valor de ter marido na comunidade. A existência do marido é importante no uso e alocação da mão-de-obra. Por isso, das pessoas que consideram viuvez como factor de vulnerabilidade, a maioria são as mulheres chefes de famílias (Tabela 1)<sup>24</sup>.

Tabela 1: Número(%) de agregados e factores de vulnerabilidade por tipo de agregado (N=128)

Factor de vulnerabilidade	Chefe do agregado		Total
	Homen	Mulher <i>de jure</i>	
Outro	58 (80,6)	14 (19,4)	72 (100)
Viuvez	25 (44,6)	31 (55,4)	56 (100)
Total	83 (64,8)	45 (35,2)	128 (100)

A tabela 1 confirma de novo que o primeiro factor de vulnerabilidade para as mulheres sem marido é o homem, principal meio de aquisição e uso de bens essenciais nas duas comunidades (habitação, gado, etc.).

#### Escolaridade

Mais do que mão-de-obra, representada pelo tamanho do agregado, está a escolarização. De acordo com Campbell *et al.* (2002), citando Sen (1997), ser capaz de ler e escrever, negociar e facilitar mudanças é talvez mais importante do que ter um determinado número de mão-de-obra.

A escolaridade tem muitas vantagens nas comunidades rurais. Por exemplo, em Tsokate as duas pessoas com nível primário completo foram integradas na educação e são alfabetizadoras na escola primária local, enquanto que a única pessoa com nível primário completo entrevistada em Hoyohoyo, é socorrista no posto de saúde local. Mas a maioria dos entrevistados não tem estas vantagens porque não estudou (Tabela 2)

Tabela 2: Nível escolar dos agregados por aldeia (N=128).

Nível de escolaridade	Tsokate		Hoyohoyo		Total	
	n	%	n	%	N	%
Sem nível	74	97,4	51	98,1	125	97,7
Com nível EP1 ou EP2	2	2,6	1	1,9	3	2,3
Total	76	100	52	100	128	100

<sup>24</sup> Chi-quadrado calculado é 17,82, um grau de liberdade, p=0,000.

Como indica a tabela 2, o nível educacional é muito baixo<sup>25</sup> nas duas aldeias. Apenas 3 % em Tsokate e 2% em Hoyohoyo, completaram o nível primário do 1º e 2º graus.

Geralmente as pessoas não escolarizadas perdem oportunidades de crédito financiados por ONG's. Em Tsokate, a LWF suspendeu um projecto de concessão de crédito a um grupo de pessoas em Tsokate por estas não terem conhecimento na actividade e, pensa-se que receberão primeiro uma formação em matéria de crédito. Assim, estão a espera dessa formação, a decorrer na cidade de Chókwè, há dois anos (referência do tempo do estudo). Isto mostra que é preciso apoiar as comunidades introduzindo actividades que sejam de fácil domínio.

#### 4.2.2 Capital financeiro

O capital financeiro é a capacidade que as famílias têm para fazer poupanças, empréstimos, receber remessas ou mesmo se têm acesso a pensões (Vide cap. 2.6.1). Nesta secção, considera-se capital financeiro as poupanças em espécie (gado), remessas, e crédito informal. Nas duas comunidades, para além de ser o principal factor de produção (capital físico), o gado é símbolo de riqueza e orgulho para os proprietários. É mais usado para questões de lobolo e doenças graves do que propriamente para contender crises provocadas por desastres naturais, por exemplo<sup>26</sup>. Contudo, uma das principais componentes do capital financeiro nas duas aldeias é o gado.

##### Gado

O gado desempenha um papel fundamental na luta pela sobrevivência das comunidades visitadas. As famílias vendem seu gado quando enfrentam carências alimentares severas. Também adquirem factores de produção<sup>27</sup> ou compartilhar alfaías no âmbito de *kukashela* (Vide cap.4.3.3). A tabela 3 apresenta a economia das duas aldeias em termos de posse de gado.

Tabela 3: Posse de gado por aldeia (N=128)

Posse de gado	Tsokate		Hoyohoyo		Total	
	n	%	n	%	N	%
Tem bovinos	38	50,0	39	75,0	77	60,2
Não tem qualquer gado	24	31,6	4	7,7	28	21,9
Tem outro tipo de gado <sup>1</sup>	14	18,4	9	17,7	23	18,0
Total	76	100	52	100	128	100

<sup>1</sup>Inclui gado caprino, suíno e ovino

A tabela 3 mostra que, a aldeia de Hoyohoyo apresenta maior percentagem de agregados possuindo gado bovino em relação a Tsokate. A diferença entre as aldeias é estatisticamente significativa<sup>28</sup>. Ao que parece, a riqueza das famílias entre as duas

<sup>25</sup> Comparado com a média nacional que é de cerca de 60 % de analfabetismo (MPF, UEM e IFPRI, 1998).

<sup>26</sup> Entrevistas com Sr. A.Mundlovo (Administrador do distrito), S.Matongue (Chefe da aldeia de Tsokate) e

A. Baloi (1º Secretário da aldeia de Hoyohoyo)

<sup>27</sup> Geralmente trocam gado por charruas. Raramente compra directamente charruas. Na altura do trabalho de campo, uma cabeça de gado era equivalente a uma charrua.

<sup>28</sup> O Chi-quadrado calculado é 8,05, dois graus de liberdade, p=0,005

aldeias determina também as diferenças na posse de gado. Outro factor que pode contribuir nas diferenças é a guerra. Apurou-se que os moradores nas aldeias foram distribuídos armas para defender o seu gado durante a guerra<sup>29</sup>. Em Hoyohoyo, onde durante a guerra estiveram concentradas todas as aldeias vizinhas para em conjunto auto-defenderem-se, há muito gado enquanto que em Tsokate, onde a segurança era feita unicamente pelos moradores até então residentes, há pouco gado. Aparentemente havia mais milícias em Hoyohoyo (mais segurança) do que em Tsokate (menos segurança).

Também analisou-se a relação entre a posse de gado e tipo de agregado (Tabela 4). Há uma indicação de que a maioria das famílias com gado são chefiadas por homens em comparação com aquelas chefiadas por mulheres (viúvas ou solteiras)<sup>30</sup>.

Tabela 4: Número de agregados com/sem gado por tipo de agregado (N=128)

Tem gado	Chefe do agregado		Total
	Homem	Mulher <i>de jure</i>	
Sim	56	21	77
Não	27	24	51
Total	83	45	128

Isto confirma novamente que as diferenças sociais entre os dois grupos, em relação à posse de bens, são maiores. As mulheres têm menos facilidades em ter gado do que os homens, uma vez que estes controlam o acesso e uso dos bens essenciais como gado.

Um dos maiores constrangimentos do gado como capital financeiro é o aspecto cultural. O gado é essencialmente usado para tracção animal, como meio de transporte e aquisição de mão-de-obra de vizinhos, para lobolo e acima de tudo é um orgulho (riqueza) na povoação. Junod (1996) faz referência à importância do gado para os Tsongas. Os bois são para os Tsongas, a riqueza, o meio de lobolar mulheres e de aumentar assim a família.

#### Crédito

O crédito informal é também uma componente do capital financeiro e ocorre informalmente nas duas comunidades. Por exemplo, pouco mais de 20% dos inquiridos recorrem a empréstimos quando enfrentam crises de fome. Este crédito é feito em dinheiro, tipo (comida, sabão, animais de pequena espécie quando há doenças nas famílias, etc.). Campbell *et al.* (2002) também obteve um resultado semelhante nos estudos que fez sobre pobreza e vulnerabilidade em Chawama-Zambia. Ele constatou que havia mais empréstimos de dinheiro como parte de uma fábrica social nas comunidades, ainda que as quantidades não sejam grandes.

Também há um programa de crédito semi-formal em vista no caso de Tsokate, onde algumas pessoas constituíram um grupo que ainda espera pela formação em matéria de crédito em grupo para receber crédito da LWF. Isto confirma novamente o referido

<sup>29</sup> Entrevista com os chefes das aldeias.

<sup>30</sup> Chi-quadrado é 5,27, um grau de liberdade, p=0,022

anteriormente por Campbell (cap.4.2.1). Escolarização é muito importante para ter acesso a crédito semi-formal ou mesmo formal.

Em relação às remessas, quase 50% das famílias entrevistadas têm acesso mas isto depende mais se as oportunidades de emprego para os membros emigrados são abertas. Ao que se constatou, há muitas dificuldades para as pessoas emigrarem e conseguir empregos na RAS, principal local para onde as pessoas emigram. Mas os resultados indicam que os agregados com maior número de membros são os que beneficiam mais desta prática (Vide tabela 7, anexo-7).

#### 4.2.3 Capital físico

De acordo com Dasgupta & Serageldin (2000) citando Lachmana (1978), capital físico é o estoque da criação humana, recursos materiais que podem ser usados para produzir um fluxo de rendimento futuro. Tem várias formas: construções, ruas, instrumentos agrícolas, gado e outros animais, carros, etc.. Ao nível das comunidades as principais formas de capital físico são postos de saúde, escolas, gado, charruas, ruas, celeiros e furos de água.

Em termos de saúde e educação, Tsokate tem uma escola EP1 e um posto de saúde, ambos de material convencional. Hoyohoyo também tem as mesmas instituições, mas são construídas de material local. Em relação aos furos de água, Tsokate tem três e Hoyohoyo, dois. As casas são essencialmente construídas de material local, apenas três agregados dos inquiridos têm cada uma casa de material convencional (Vide tabela 4 anexo-2).

Em termos de infra-estruturas comerciais as duas aldeias têm, cada uma, uma loja de venda local de produtos, cujos proprietários são provenientes de Chókwè (Vide cap.4.1 ).

As ruas de acesso às aldeias constituem o principal problema em termos capital físico porque limitam o acesso a meios de transporte para os moradores, principalmente durante a época chuvosa, recorrendo por isso a transporte animal mesmo quando se trata de transporte de doentes para o centro de Saúde da Sede distrital. A problemática das vias de acesso limita também a capacidade das famílias em participar na comercialização de produtos (pequenos negócios ocasionais).

Para além dos bens físicos colectivos, nomeadamente as infraestruturas de saúde, educação, transporte e comerciais, também existem os bens individuais que são discutidos a seguir.

#### Charrua

Embora não tenha sido conduzida nenhuma investigação sobre a posse de charruas por agregado, os resultados indicam que a charrua joga um papel fundamental no processo de produção agrícola, particularmente no período pós cheias de 2000 (Vide cap.4.3.3). Assim, até a altura em que foi feito o estudo, 41 % de famílias dependiam de *kukashela* (compartilha de bens produtivos) para ter acesso à tracção animal.

### Celeiro

A posse de celeiro é importante para a conservação das colheitas. O celeiro pode indicar a capacidade agrícola, capacidade ou incapacidade de guardar *stocks* de comida para cada família ou ainda, a posse de machamba. Segundo os próprios entrevistados as famílias sem celeiro ou com celeiro vazio são vulneráveis. Todas as pessoas entrevistadas em Hoyohoyo têm celeiros. O mesmo não acontece em Tsokate onde pouco mais que 20 % não têm celeiros (Tabela 5).

Tabela 5: Número(%) agregados com celeiros por aldeia (N=128)

Posse de celeiros	Tsokate		Hoyohoyo		Total	
	n	%	n	%	N	%
Tem	60	78,9	52	100	112	87,5
Não tem	16	21,1	0	0,0	16	12,5
Total	76	100	52	100	128	100

As diferenças entre as duas aldeias, em termos de posse de celeiros (Tabela 5), são estatisticamente significativas<sup>31</sup>. Os moradores de Hoyohoyo não têm problemas de falta de celeiros, o que parece explicar, pelo menos em parte, porque pessoas entrevistadas em Hoyohoyo não consideram a posse de celeiro como factor de vulnerabilidade. Porém, em Tsokate, a falta de posse de celeiro é visto como um factor que aumenta a vulnerabilidade. A diferença entre as duas aldeias pode ser uma indicação de uma diferença no potencial agrário nas duas aldeias. Também pode indicar uma diferença na dependência em agricultura, porém, os resultados indicam que em ambas as aldeias a agricultura é a principal actividade (Vide cap. 4.1).

Geralmente, famílias com maiores capacidades produtivas têm celeiros de tamanhos maiores ou têm mais do que um celeiro. Em cada aldeia há famílias com mais do que um celeiro, com apenas um celeiro ou mesmo sem celeiro, caso de Tsokate (Tabela 6).

Tabela 6: Quantidade de celeiros por agregado e por aldeia.

Quantidade de celeiros	Tsokate		Hoyohoyo		Total	
	n	%	n	%	N	%
Zero	16	21,1	0	0	16	12,5
Um	49	64,5	36	69,2	85	64,4
Dois ou mais celeiros	11	14,5	16	30,8	27	21,1
Total	76	100	52	100	128	100

As duas aldeias apresentam diferenças significativas<sup>32</sup> em relação à quantidade de celeiros em posse das famílias (Tabela 6). Pode se dizer que em Hoyohoyo, onde não há nenhum agregado sem celeiro, há mais agregados com mais do que um celeiro em comparação com Tsokate. A média de celeiros em Hoyohoyo é também maior.

<sup>31</sup> Chi-quadrado calculado é 12,511, um grau de liberdade, p= 0,000.

<sup>32</sup> O Chi-quadrado calculado é 14,939, dois graus de liberdade, p=0,001

Hoyohoyo tem em média 1,3 celeiros contra 1,0 em Tsokate<sup>33</sup>. Isto indica, provavelmente, maior capacidade de produção agrícola em Hoyohoyo que em Tsokate.

Paralelamente à posse, também o estado da cobertura do celeiro é importante, pois determina a qualidade de conservação do estoque em termos de protecção contra humidade ou mesmo contra ataque de pássaros. A tabela 7 mostra como varia a cobertura de celeiros nas duas aldeias.

Tabela 7: Cobertura de celeiro por agregado e por aldeia (N=112).

Cobertura	Tsokate		Hoyohoyo		Total	
	n	%	n	%	N	%
Sim	45	75	47	90,4	92	82,1
Não	15	25	5	9,7	20	17,9
Total	60	100	52	100	112	100

Excluindo as pessoas sem celeiros, as duas aldeias continuam a apresentar diferenças significativas<sup>34</sup> em termos de cobertura de celeiros (Tabela 7). Como nos casos anteriores, Hoyohoyo continua a apresentar melhores condições de conservação de comida em relação a Tsokate. Isto parece explicar pelo menos em parte a diferença (na altura de estudo) entre as duas aldeias em termos de reservas alimentares.

Ainda sobre a posse de celeiro, constatou-se que existe alguma relação entre ter celeiro e ter gado (Tabela 8).

Tabela 8: Número de agregados com/sem gado por posse de celeiro (N=128)

Tem gado	Tem celeiro		Total
	Sim	Não	
Sim	72	5	77
Não	40	11	51
Total	112	16	128

Segundo os resultados da tabela 8, as pessoas possuindo gado têm também celeiro<sup>35</sup>. Isto é também válido para o tamanho da manada e tamanho do agregado. As famílias com manadas maiores (9,8 cabeças de gado, em média) têm também celeiros<sup>36</sup> e, com manadas menores (2,5 cabeças de gado em média), não têm. Em relação ao tamanho do agregado, os agregados maiores (com 10,0 membros em média) têm celeiros e os menores (6,1 membros em média) não têm celeiros<sup>37</sup>.

Em relação à cobertura do celeiro, também foi constatada uma correlação entre a posse de gado e ter celeiro coberto (Tabela 9).

<sup>33</sup> Teste-T<sub>Igualdade de variâncias assumidas</sub> = -2,28, gl=126, p (5%)=0,024.

<sup>34</sup> O chi-quadrado calculado é 4,49, um grau de liberdade ( $\alpha=5\%$ ), Chi<sup>2</sup> crítico é 3,84.

<sup>35</sup> Chi-quadrado calculado é 6,37, um grau de liberdade, Chi<sup>2</sup> crítico é 5,02, a 1 % de significância

<sup>36</sup> Teste-T<sub>Igualdade de variâncias assumidas</sub> = 3,67, gl=126, p(5%)=0,000

<sup>37</sup> Teste-T<sub>Igualdade de variâncias não assumidas</sub> = 3,9, gl=126, p(%)=0,001

Tabela 9: Número de agregados com/sem gado por cobertura de celeiro (N=112)

Tem gado	Tem celeiro coberto		Total
	Sim	Não	
Sim	64	8	72
Não	28	12	40
Total	92	20	112

A tabela 9 indica que agregados com gado também têm celeiros cobertos<sup>38</sup>. Também indica que a maioria das pessoas que tem celeiros não cobertos não tem gado.

A diferenciação na posse de celeiro também está correlacionada com o tipo de agregado. Talvez porque os agregados chefiados por mulheres (viúvas/solteiras) tenham ambos menos capacidade para construir<sup>39</sup> assim como para cobrir<sup>40</sup> seus celeiros comparativamente aos chefiados por homens (marido presente ou ausente) (tabelas 10 e 11, respectivamente).

Tabela 10: Número de agregados com/sem celeiro por tipo de agregado (N=128).

Tem celeiro	Agregado chefiado por		Total
	Homem	Mulher <i>de jure</i>	
Sim	82	30	112
Não	1	15	16
Total	83	45	128

A tabela 10 dá uma indicação clara das diferenças entre os agregados chefiados por homens e aqueles chefiados por mulheres. Quase nenhum agregado chefiado por homem tem problemas de falta de celeiro.

Tabela 11: Número de agregados com/sem celeiro coberto por tipo de agregado (N=112)

Tem celeiro coberto	Agregado chefiado por		Total
	Homem	Mulher <i>de jure</i>	
Sim	75	17	92
Não	7	13	20
Total	82	30	112

A tabela 11 reconfirma as diferenças sociais em relação ao tipo de agregado embora agora com relativamente algum número de agregados chefiados por homens a apresentarem problemas de cobertura.

Comparando a posse de gado, celeiros e tipo de agregados, parece notar-se uma relação clara entre estas variáveis e a capacidade de produção agrária dentro dos agregados e entre as aldeias. Ao que parece, os agregados chefiados por homens produzem mais do que aqueles chefiados por mulheres, dada a sua maior vantagem em termos de posse de bens produtivos. Entre as aldeias, há uma clara indicação de que em Hoyohoyo, onde há mais celeiros e gado, há também maior produção agrícola em relação à Tsokate.

<sup>38</sup> Chi-quadrado calculado é 4,35, um grau de liberdade, Chi<sup>2</sup> crítico é 3,83, a 5 % de significância

<sup>39</sup> Chi-quadrado calculado é 27,54, um grau de liberdade, p=0,000

<sup>40</sup> Chi-quadrado calculado é 18,13, um grau de liberdade, Chi<sup>2</sup> crítico é 6,63, a 1 % de significância

#### 4.2.4 Capital natural

A floresta é uma das principais fontes de sobrevivência nas duas comunidades porque oferece uma diversidade de produtos como fruta silvestre, carne de caça, material de construção, lenha e carvão. A sua exploração pelos moradores é colectiva e não há por isso restrições de acesso para os moradores, excepto para os forasteiros. Para evitar confrontos entre forasteiros e moradores na utilização de recursos florestais, a administração local estabeleceu um zoneamento de exploração<sup>41</sup>. Assim, toda a zona Sul, onde está concentrada a maioria da população local, é exclusiva aos locais e parte da zona Norte para além da Linha férrea, áreas quase não habitadas, é selectivamente escolhida para os forasteiros. Contudo, as políticas de licenciamento de fabrico de carvão agem como um instrumento limitante para as populações locais<sup>42</sup>.

A água para o consumo é um dos principais constrangimentos para os residentes nas duas aldeias pelo facto de ser salobre. Para gerir esta situação, os moradores recorrem ao rio Limpopo. O rio fica relativamente longe da zona residencial de Tsokate, cerca de 5 km e 1,5 km, em Hoyohoyo. Em relação a salobridade, um estudo de análise de CE<sup>43</sup> na bacia do Limpopo mostrou que a maior parte dos furos de água construídos no distrito de Mabalane tem água salobre (DNA, 1996).

Antes das cheias, Tsokate tirava proveito das lagoas existentes na região como fontes de água bastante importantes, essencialmente em tempos de seca. Actualmente as lagoas perderam essa função devido aos sedimentos de areia trazida pelas cheias em 2000. Apenas as grandes lagoas, situadas em aldeias vizinhas, escaparam à sedimentação. Estas lagoas (Pfhúkwe, Xinhequete, entre outras) são tradicionalmente de uso comum pelas aldeias circunvizinhas, particularmente nos tempos de seca, onde continuam a desempenhar um papel de destaque no fornecimento de recursos para a sobrevivência (peixe e batata de nenúfar ou *mativi*) das populações<sup>44</sup>. Em Hoyohoyo não há lagoas que reservam água por muito tempo.

A terra nas duas comunidades não constitui um problema para os moradores. Todos os moradores têm acesso a terra através de parentesco e/ou autoridades locais. Os usos da terra já foram tratados no capítulo sobre a descrição das duas comunidades.

Embora com algumas limitantes, o capital natural continua a ser a base de sobrevivência para as populações locais. Dela depende a maior parte dos *livelihoods* da população local (Vide tabela 17, anexo-2). Outros resultados sobre importância do capital natural foram obtidos por Campbell *et al.* (2002). Segundo Campbell *et al.*, os rendimentos na África rural estão fortemente ligados aos recursos naturais, terra para a produção de culturas e gado, floresta que fornece uma variedade de bens e serviços e água para o consumo das famílias.

<sup>41</sup> Entrevista com a Sr. A. Mundlovo, Administrador local, Mabalane, 27.05.02

<sup>42</sup> Licença de carvão custa 2.875.000 Mt e mais 300.000Mt para ter acesso ao livro de licença de trânsito (Entrevista com Sr. Lopes Chaguala, DDADR, Mabalane).

<sup>43</sup> Condutividade eléctrica.

<sup>44</sup> Entrevista com Chefe da Localidade, Sr. Jonas Matusse, Tsokate, 19.05.2002.

#### 4.2.5 Capital social

O capital social inclui redes sociais, grupos, confiança e acesso a instituições. No caso deste estudo, todos os capitais identificados estão directa ou indirectamente ligados ao capital social (Vide cap.4.3.2).

##### Normas

Parte do capital social das comunidades reside nas instituições que regulam as práticas com respeito ao uso comum dos recursos (capitais e sociais). Estas instituições são largamente baseadas num sistema de normas, tabús e mitos (Campbell *et al.*, 2002).

De acordo com informantes chaves<sup>45</sup>, as normas e costumes locais limitam as mulheres viúvas na procura de novos maridos ao determinar que uma vez casada e com filhos, uma mulher não pode abandonar sua casa e filhos para se juntar a uma outra família, mas sim, que o marido que pretendê-la, vá viver junto com a sua pretendida, na casa desta. Este é um exemplo do facto de que as instituições sociais também podem limitar a acção das pessoas. Uma viúva confirmou essa ideia: *Aquí não há homens solteiros que possam facilmente aceitar abandonar suas casas para juntarem-se a nós viúvas* (Celeste Cossa, viúva com 5 filhos residente na aldeia de Tsokate). Mas por outro lado estas normas podem proteger aprópria mulher no sentido de que ao abandonar a casa do falecido marido, provavelmente também perca o acesso a bens deixados pelo marido a favor da família deste ou mesmo de seus filhos.

##### Liderança e exercício do poder

Parte do capital social está presente nos comités ou associações locais (Cap. 4.3.1) que no caso deste estudo estão muito relacionados com o poder local. As lideranças locais jogam um papel chave nos modos de vida locais, particularmente na gestão de recursos comuns. Como observado, a ineficácia da gestão de apoios de fora à comunidade de Hoyohoyo, gera disputas e/ou questionamentos sobre a legitimidade da liderança local (Vide cap. 4.6). Para gerir a situação, os líderes locais recorrem a ameaças através da feitiçaria contra os revoltosos. Há por isso um sentimento generalizado de medo de morte por feitiçaria por parte dos moradores. Campbell *et al.* (2002) também investigou o poder local em Chawama-Zambia e observou que não há normas escritas sobre sanções e outras punições para os transgressores, antes elas são parte do conhecimento comum dos moradores. No caso de Hoyohoyo isso favorece as lideranças cujo poder é reconhecido mesmo com os problemas que criam aos moradores pois não têm poder para influenciar a substituição das lideranças, embora tenham expulso o chefe da aldeia.

#### 4.3. Descrição das instituições, organizações comités e suas actividades nas aldeias

Neste capítulo estuda-se o ambiente institucional local e as suas interacções dentro da comunidade. Para facilitar as análises distinguem-se por um lado as instituições locais, formadas e com estrutura a partir do local onde existem e, por outro, aquelas que têm sua origem fora do local onde existem (Pijenburg *et al.*, 2000).

---

<sup>45</sup> Entrevista com S. Matongue e Jonas Matusse, chefes da aldeia e Localidade de Tsokate, respectivamente; A. Baloi Primeiro Secretário do Partido Frelimo em Hoyohoyo.

#### 4.3.1 Instituições locais exógenas: organizações, comités e associações.

##### AMETRAMO - Tsokate e Hoyohoyo<sup>46</sup>

A AMETRAMO é uma associação dos médicos tradicionais de Moçambique, tem quatro membros em Tsokate e dois em Hoyohoyo. Tem um representante e adjunto locais, no caso de Tsokate há até um escrivão. As principais funções são: curar pessoas, organizar reuniões para discutir sobre que medicamentos a usar, facilitar a colecta de impostos que são posteriormente levados a Sede distrital, coordenar com os líderes locais na realização de cerimónias tradicionais como por exemplo, as preces de chuvas.

##### Organização da Mulher Moçambicana (OMM) – Tsokate<sup>47</sup>

A OMM é uma instituição antiga criada um pouco depois da criação da aldeia (cerca de 1978); tem quatro membros, todos mulheres viúvas. As suas principais funções são: fazer campanhas de angariação de novos membros, reforçar o fundo das mulheres através de envolvimento destas em actividades lucrativas como venda de carvão, organizar encontros para discutir problemas da mulher local. O fundo da mulher é destinado a custear viagens destas para reuniões em Mabalane e compra de bens materiais para uso local da organização.

##### Comité de Uronga (saúde) – Tsokate<sup>48</sup>

Criado um pouco depois de 2000, o Comité de Saúde é constituído pelos mesmos membros da OMM. Criado por iniciativa da LWF em coordenação com MISAU, as suas funções são: sensibilizar e organizar campanhas de limpeza nas casas, incentivar o uso de latrinas, covas de lixo, assistir a enfermeira afecta no posto de saúde local.

##### Partido Frelimo -Tsokate e Hoyohoyo<sup>49</sup>

O único partido identificado nas duas aldeias é o partido Frelimo. Existe desde a formação das aldeias, 1978 para Tsokate e 1985 para Hoyohoyo. Em cada aldeia tem um 1º secretário, seu adjunto e representantes dos bairros. As principais actividades são: fazer campanhas de sensibilização e angariação de novos membros, colecta de quotas para o partido destinados depois para a sede distrital, apoiar o chefe da aldeia na organização da população para distribuição de ajudas em apoio às ONG's e coordenar com o chefe da aldeia na organização de reuniões para discutir assuntos de interesse local ou com pessoas de fora.

##### Governo local (chefe da aldeia e seus representantes) - Tsokate e Hoyohoyo<sup>50</sup>

Os chefes das aldeias existem desde a formação das aldeias. Estes representam o governo distrital ao nível da aldeia e têm como principais funções: organizar a população a participar em reuniões com líderes locais ou pessoas de fora, resolver os conflitos locais quando as estruturas dos bairros não conseguem resolver, elaborar relatórios sobre

<sup>46</sup> Entrevista com Chefes da AMETRAMO, Sr. A. Sithoi, Tsokate, 18.05.2002 e Sra. Neasse, Hoyohoyo, 11.06.2002.

<sup>47</sup> Entrevista com Chefe da OMM e Comité de Saúde, Sra. Celina Baloi, Tsokate, 19.05.2002.

<sup>48</sup> Iddem

<sup>49</sup> Entrevista com os 1ºs secretários do partido, Sr. A. Baloi, Hoyohoyo, 10.06.2002 e Sr. Estêvão, Tsokate, 18.05.2003.

<sup>50</sup> Entrevista com chefe da aldeia Sr. S. Matongue, Tsokate, 18.05.2002.

acontecimentos locais como doenças, epidemias, problemas de secas e outras crises e entregá-los ao governo distrital, atribuir terras a pessoas que por alguma razão perderam suas terras ou a novos residentes. Estas actividades são feitas em coordenação com os anciãos locais.

#### Comité de agricultura – Tsokate<sup>51</sup>

Criado em 1984 pela direcção distrital de agricultura e pescas (DDAP), o comité de agricultura tinha como principais actividades: ensinar aos agricultores a aplicação de remédios (pesticidas, raticidas, etc.) nas machambas, sensibilizar as populações a semear árvores de fruta, como por exemplo a papaieira, e incentivar o fomento tradicional de animais na aldeia. Mais tarde (um pouco após 2000) com a intervenção da LWF, o comité foi reconstituído mantendo-se o antigo chefe (também chefe do partido) e escolha pela população de outros cinco membros. As suas funções agora são controlar as produções produzidas e vendidas dos agricultores, colher reclamações dos agricultores e conduzi-las à ONG, organizar a distribuição de parcelas nas áreas destinadas às acções de mitigação contra a fome.

#### Comité Ligação escola-comunidade (LEC)- Tsokate<sup>52</sup>

Criado pela iniciativa da LWF em coordenação com MINED após 2000, a LEC é uma comissão que trabalha directamente com a comunidade junto com a escola e vice-versa. Tem seis membros eleitos pela comunidade. Serve de elo de ligação entre escola e comunidade, canalizando e discutindo todos os problemas relacionados com a escola e comunidade como por exemplo faltas, desistências dos alunos, construção de casas para professores, etc.

#### Comité de furos de água – Tsokate<sup>53</sup>

Também criado pela iniciativa da LWF após cheias de 2000, o Comité de furos de água é composto por seis membros e tem como funções: gestão dos furos de água (uso e manutenção, pequenas reparações), colectar taxas de consumo mensal (1000 Mt/família) à comunidade e quando as avarias são grandes, assistir os técnicos da LWF afectos no local. O dinheiro saído das taxas é destinado a financiamento de pequenas necessidades relativas à manutenção dos furos.

#### Comité do Fundo Revolvente - Tsokate<sup>54</sup>

O Fundo Revolvente foi criado em 1998 por iniciativa da LWF e tem seis membros. O presidente, secretário (uma mulher) e o tesoureiro são escolhidos pela comunidade. Os outros três são representantes de zonas. Os objectivos da sua criação são: incentivar pequenos negócios a partir de pequenos grupos de pessoas com vista a melhorar o bem estar social das famílias. A aplicação dos fundos é individual mas o controlo dos fundos é feito por todos os membros do grupo. No início a concessão de crédito era individual e como as pessoas não devolviam os créditos que tinham recebidos, a LWF, em Maio de 2001, introduziu a concessão grupal de crédito. Para tal, foi formado um grupo com 26

<sup>51</sup> Entrevista chefe, Sr. Estêvão L., Tsokate, 18.05.2002.

<sup>52</sup> Entrevista com o chefe, Sr. Ramos Baloi, Tsokate, 23.05.2002.

<sup>53</sup> Entrevista colectiva com os chefes dos três comités de furos, Tsokate, 20.05.2002.

<sup>54</sup> Entrevista com Sr. J. Baloi, Alfabetizador e Tesoureiro do fundo Revolvente, Tsokate, 18.05.2002.

membros. Em princípio, podiam ser mais grupos de 5-30 membros no máximo, mas havia pouca aderência. O grupo formado contribuiu dinheiro (o valor mínimo era de 35.000Mt/pessoa) num total de 1.000.000Mt, como condição para se abrir uma conta bancária em Chókwè. Através dessa conta, a LWF depositaria dinheiro de crédito para o grupo. De acordo com o tesoureiro Sr. Baloi, o grupo está desde 2001 a espera de ordens da LWF para abrir conta e ter acesso ao empréstimo prometido. O valor prometido dependeria do valor contribuído pelo grupo mas, segundo o técnico da LWF afecto no local, o valor normalmente oferecido varia entre 1,5 milhões a 13 milhões de Meticais. O dinheiro de abertura de conta serve apenas de garantia, para a LWF, de que os membros têm interesse próprio e poderão reembolsar os valores concedidos.

Esta é uma experiência nova da LWF que consiste na formação de grupos de crédito baseados na confiança entre os membros e que desta forma, cada grupo tem um fundo de crédito que é distribuído pelos membros de acordo com a sua participação<sup>55</sup>. Pensa-se que a confiança mútua exercerá pressão sobre os membros de modo a reembolsarem os valores emprestados, já que a experiência anterior de crédito individual falhou nesse aspecto, concluiu a fonte.

#### Comité de desenvolvimento da comunidade (ADC) – Tsokate<sup>56</sup>

Criado pela iniciativa da LWF, no início de sua intervenção em 1997, o comité de desenvolvimento da comunidade é uma instituição apartidária com missão única de controlar e ajudar a distribuição, identificar problemas de ineficiência dos serviços de apoio dados á comunidade pela LWF. O comité tem seis membros executivos e a sua operacionalidade no terreno depende da existência de ajudas da LWF. Ademais, a comissão é previamente informada da existência de ajudas de forma a preparar a comunidade para não se ausentar no dia da recepção da ajuda. Outras funções da comissão são: organizar a comunidade em actividades que visem melhorar o seu bem estar social: saneamento do meio, abrigo, saúde, segurança, educação, etc..

#### Igrejas - Tsokate e Hoyohoyo<sup>57</sup>

Há cinco diferentes igrejas identificadas nas duas aldeias. Através de seus líderes procurou-se saber da sua origem, actividades (e apoios) que realizam nas duas aldeias. Todas têm origem na África do Sul através de membros da comunidade (seus líderes) que estiveram lá, uns fugidos do tempo da guerra outros emigrados a procura de oportunidades de trabalho. Apenas a Igreja Metodista (Hoyohoyo), teve origem diferente. Esta surge quando seu líder, cujo pai trabalhou na Igreja Metodista de Inhambane, beneficiou de uma bolsa de estudos para estudar lá. Concluído o seu curso veio introduzir pela primeira vez a Igreja Metodista na aldeia. Estes resultados corroboram a ideia de que o surgimento da relegião no Vale do Limpopo tem vínculos com a emigração (Vide cap. 2.6.4).

<sup>55</sup> Entrevista com Sr. Gilberto, Oficial de campo da LWF afecto no local, Tsokate, 20.05.2002.

<sup>56</sup> Entrevista com a chefe (também secretária do fundo revolvante e colabora da LWF), Sra. Celeste Cossa, Tsokate, 26.05.2002.

<sup>57</sup> Entrevista com o líder da Igreja Metodista, Sr. Simoni Chaúque, Hoyohoyo, 15.06.2002.

As Igrejas Zione e Fé Apostólica são mais representativas ao nível das duas aldeias. Estas, e a Igreja Católica têm casas próprias de culto; as restantes realizam seus cultos em casas de seus líderes ou em sombras de árvores nos anos sem chuva (observações). Porém, estas ainda dependem muito das contribuições de seus crentes para sobreviver e, no contexto dos riscos que as comunidades vivem nos últimos dias, estas não têm capacidade para dar resposta<sup>58</sup>. Não obstante, elas desempenham um papel importante na beneficiação moral de seus crentes através de participação em cerimónias fúnebres locais e visitas a doentes, elas são uma fonte de despesa para estes, através de cobranças de quotas. Ultimamente, em Hoyohoyo a Igreja Zione tem sido uma das fontes de discórdia entre população e seus líderes por incitar seus crentes a não colaborarem em contribuições para a realização de cerimónias tradicionais normalmente feitas para preces de chuvas<sup>59</sup>. Também é acusada de estar na origem de algumas doenças novas na aldeia (Vide cap.4.6).

#### 4.3.2. Instituições externas (ONG's)

##### LWF – Tsokate

A LWF é uma Organização Não Governamental que opera na província de Gaza desde 1987<sup>60</sup>. Apenas em 1996 começou a intervir permanentemente na aldeia de Tsokate. Também opera em outras quatro aldeias do distrito de Mabalane. No âmbito de sua intervenção a LWF vem implementando programas/projectos de desenvolvimento participativo comunitário na aldeia como resposta ao apelo feito pelo governo de Moçambique. Os seus principais objectivos são: participar e coordenar com o governo no processo de desenvolvimento comunitário rural, apoiando técnica e financeiramente as populações nos seus esforços para resolver os problemas que enfrentam. Estes objectivos consistem no reforço das capacidades organizacionais locais das comunidades com vista a promover a segurança alimentar, melhorar a saúde, educação, pequenos projectos de geração de rendas nas famílias. Nas suas intervenções a LWF incentiva a criação de instrumentos locais de trabalho para levar a cabo actividades de desenvolvimento local com a participação do próprio homem. Estes instrumentos são criados em função das áreas de intervenção como por exemplo, comités de: gestão de água (furos), saúde, agricultura, educação, desenvolvimento local, etc..

Na parceria com o governo, a LWF é responsável pela construção e supervisão de infra-estruturas de ensino, saúde, etc., e no fim esta passa a gestão destas ao governo, através do ministério correspondente.

#### 4.3.3 Instituições endógenas: formas de inter-ajuda.

Em ordem a sobreviver, as populações de ambas as comunidades têm desenvolvido mecanismos locais de ajuda mútua. Estes mecanismos, centrados nas relações sociais, são muito antigos, e constituem o principal elo de ligação entre diferentes famílias nas comunidades principalmente no período de crises onde pessoas com poucos recursos

<sup>58</sup> Entrevista com o chefe da aldeia Sr. S. Matongue e Sr. Salazar Malhawuli, líder da I.Zione (Tsokate, 25.05.02); Sr. Fernando Mussosha, líder da I.Católica (Hoyohoyo, 12.06.02)

<sup>59</sup> Entrevista com Sr. A. Baloi, 1º Secretário, Hoyohoyo, 10.06.2002.

<sup>60</sup> Entrevista com Sr. Jaime Tembe, coordenador da LWF, Chókwè, 26.09.2002.

para enfrentar as crises juntam-se àquelas com mais recursos para alcançar fins comuns. Uma vez constituírem o principal modo de vida local, elas têm um papel importante não só para as comunidades como também para o estudo. A sua dinâmica permite buscar delas uma compreensão e aprendizagem úteis, importantes no apoio dos aspectos positivos daí advinientes e atenuação dos negativos. A seguir faz-se uma análise sobre o funcionamento das diferentes formas de inter-ajuda.

### Kukashela.

É uma instituição ou forma de inter-ajuda que consiste em duas pessoas ou famílias compartilharem bens produtivos (gado-charrua e vice-versa ou gado-gado) para arar suas machambas. É praticada por metade das famílias entrevistadas em Tsokate, e quase um quarto, em Hoyohoyo (tabela 12). A sua prática é feita por pessoas que compartilham as seguintes relações sociais: parentesco, amizade e confiança ou conhecimento mútuo.

É uma prática muito antiga<sup>61</sup>. As perdas de gado e charruas causadas pela guerra civil e recentemente pelas cheias de 2000, respectivamente, reforçaram a sua prática. Assim, as famílias minimizam as suas fraquezas colaborando umas com outras consoante a compartilha de bens de produção (gado e charruas). Assim, o acesso a tracção animal depende se a família tem um ou ambos estes factores.

Tabela.12: Número(%)de agregados praticando *Kukashela* por aldeia (N=128).

<i>Kukashela</i>	Tsokate (n=76)		Hoyohoyo ( n=52)		Total	
	n	%	n	%	N	%
Sim	38	50,0	14	26,9	52	40,6
Não	38	50,0	38	73,1	76	59,4
Total	76	100	52	100	128	100

A tabela 12 mostra que metade dos agregados entrevistados em Tsokate e menos que um quarto em Hoyohoyo, praticam *Kukashela* (compartilha). As diferenças entre as duas aldeias são significativas<sup>62</sup>. Isto parece ser explicado pelas diferenças na posse de bens. Em Hoyohoyo maior número de agregados tem gado e charrua e, por isso, há menos agregados que precisam de recorrer a esta forma de entre-ajuda.

Ambos os grupos, famílias chefiadas por mulheres *jure* e aquelas chefiadas por homens praticam esta forma de entre-ajuda (Vide tabela 5, anexo-2). Os resultados apresentados nesta tabela não mostram diferenças estatísticas entre estes dois grupos<sup>63</sup>. Ambos os grupos podem dar e receber bens que permitem a cada um participar nesta forma de inter-ajuda (*kukashela*). Também observou-se que a posição económica do agregado não determina a participação dos agregados na prática de *kukashela* (Vide tabela 1, anexo-7).

<sup>61</sup> Entrevista com Sr. S. Matongue, chefe da aldeia, Tsokate, 18.05.2002.

<sup>62</sup> Chi<sup>2</sup> calculado é 6,817, um grau de liberdade, p=0,009

<sup>63</sup> Chi<sup>2</sup> calculado é 0,073, um grau de liberdade, p=0,786

### Kuthekela

É uma instiuição (forma de entre-ajuda) que consiste em um indivíduo ou membro de um agregado (na aldeia onde há escassez de alimentos) emigrar para outras comunidades onde haja abundância, para trabalhar temporariamente em troca de alimentos. Geralmente hospeda-se em casa de parentes. Localmente o termo *kuthekela* significa "desenrascar" comida para a sobrevivência da família. Geralmente esta forma de entre-ajuda é feita por pessoas vivendo em zonas agro-ecologicamente diferentes<sup>64</sup>. Foi referida por pouco menos de 30 % dos agregados entrevistados em Tsokate e mais de um terço em Hoyohoyo (Tabela 6, anexo-2). As diferenças entre as duas aldeias não são significativas<sup>65</sup>. As pequenas diferenças parecem relacionar-se com o facto de que Tsokate, na altura do estudo, estava numa situação de fome para além apresentar problemas de conservação de alimentos (Vide cap. 4.2.3).

Ao que parece, *kuthekela* reflecte a capacidade das famílias em contender riscos de fome através de laços sociais com outras famílias residindo em comunidades de fora. Há uma forte relação entre esta forma de entre-ajuda e o tipo de agregado (Tabela 13).

Tabela 13: Número (%) de agregados praticando *kuthekela* por tipo de agregado (N=128)

<i>Kuthekela</i>	Chefe do agregado		Total
	Homem	Mulher <i>de jure</i>	
Sim	17 (42,5)	23 (57,5)	40 (100)
Não	66 (75,0)	22 (25,0)	88 (100)
Total	83 (64,8)	45 (35,2)	128 (100)

Como indica a tabela 13 a maioria (58%) das famílias que praticam *kuthekela* são chefiadas por mulheres *de jure*. Portanto, as famílias chefiadas por homens, quando enfrentam crise de fome, recorrem menos a *kuthekela* em comparação com aquelas chefiadas por mulheres *de jure*<sup>66</sup>. Durante as entrevistas, constatou-se que a maioria das mulheres *de jure* recorrem a laços paternos. Mas também, isto pode reflectir a falta de apoios às mulheres viúvas por parte da família do falecido marido. As zonas mais referidas como sendo usadas para tal são: Mapai, Macie, Massingir e Inharrime.

Entretanto, mostrou-se que a recorrência a esta forma de inter-ajuda (*kuthekela*) está reacionada com o sexo do chefe do agregado, mas não tem relação com a posse ou quantidade de bens possuídos. Os agregados chefiados por mulheres recorrem mais a esta forma de inter-ajuda do que os chefiados por homens mas a posição económica do agregado não determina-se este recorre ou não a esta forma de inter-ajuda (Vide tabela 2, anexo-7). Ao que parece, as pessoas fazem isto em função de ter ou não parentes fora dos locais onde vivem.

### Xikoropa (Lit: Trabalhos casuais).

Segundo explicação local, *Xikoropa* consiste em trabalhar para alguém e receber em troca dinheiro, comida ou roupa. A sua prática nas duas aldeias é antiga. Com a introdução da

<sup>64</sup> Entrevista com Sr. Sebastião Matongue, Chefe da aldeia de Tsokate e Alfredo Baloi 1º Secretário do Partido Frelimo em Hoyohoyo.

<sup>65</sup> Chi<sup>2</sup> calculado é 1,140, um grau de liberdade, p=0,286

<sup>66</sup> Chi-quadrado calculado é 12,74, um grau de liberdade, p=0,000

actividade carvoeira no distrito, os trabalhos casuais começam a ter novos desenvolvimentos incluindo novas formas de pagamento. Cerca de 31 % das famílias entrevistadas em Tsokate e pouco menos de 30 % em Hoyohoyo praticam *xikoropa* (tabela 7, anexo-2). Pode-se ler na mesma tabela que não há diferenças estatísticas entre duas aldeias<sup>67</sup>. O mesmo se pode dizer em relação a prática de *xikoropa* e tipo de agregado (Tabela 8, anexo-2). Estatisticamente ambos os tipos de agregados têm acesso a trabalhos casuais<sup>68</sup>. Ao que parece, a participação de um agregado nos trabalhos casuais depende mais das necessidades situacionais do agregado em causa do que propriamente da sua posição económica (Vide tabela 3, anexo-7).

### Tipos de *Xikoropa*.

Existem três tipos de *xikoropa*:

- i) *Xikoropa* de carvão é feita nas zonas de Niza (Tsokate) e Serpa (Hoyohoyo), locais onde está concentrada a maioria dos carvoeiros forasteiros. Consiste em trabalhar para os carvoeiros e receber em troca dinheiro, comida ou roupa no fim do dia;
- ii) *Xikoropa* de peixe é feita na lagoa de Pfhúkwè, aldeia, com mesmo nome, vizinha de Tsokate. É feita apenas em Tsokate. Consiste em trabalhar para um pescador na pesca por rede. O pagamento é através de peixe;
- iii) *Xikoropa* na aldeia. Esta é a mais antiga. É feita ao nível da aldeia, geralmente por famílias sem reservas alimentares. Estes recorrem a alguém para trabalhar para este e receber em troca algo (comida, sabão, etc.). Isto não envolve actividades agrícolas.

Informantes chaves<sup>69</sup> indicaram haver um quarto tipo de *Xikoropa* não mencionado pelos entrevistados, que consiste em trabalhar para os CFM na limpeza da linha férrea; em troca recebe-se dinheiro. Olhando para estes quatro tipos de *xikoropa* nota-se que apenas diferem na sua localização e na forma de pagamento do que propriamente a forma de ser em si: tabalhar para ser pago algo.

### *Kulusela*<sup>70</sup> (Lit: pastar gado de outrém).

É uma instituição local também antiga em que alguém pastando gado de outrém, recebe em troca, no final de cada ano, uma cabeça de gado (bovino ou caprino). O pagamento é feito em função do número de anos de pastagem. No primeiro recebe-se uma vaca, no segundo um touro, e, o ciclo repete-se. A tabela 14 indica que 10 (13%) famílias em Tsokate e 22 (42%) em Hoyohoyo têm pelo menos um membro pastor.

<sup>67</sup> Chi-quadrado calculado é 0,321, um grau de liberdade, p=0,571

<sup>68</sup> Chi-quadrado calculado é 0,442, um grau de liberdade, p=0,506

<sup>69</sup> Entrevistas com Sr. S. Matongue, chefe da aldeia de Tsokate e o Sr. A. Baloi, chefe substituto da aldeia de Hoyohoyo.

<sup>70</sup> Esta forma de entre-ajuda é baseada nas relações de parentesco ou confiança mútua entre os actores.

Tabela 14: Número (%) de agregados praticando *kulusela* por aldeia (N=128).

<i>Kulusela</i>	Tsokate (n=76)		Hoyohoyo (n=52)		Total	
	n	%	n	%	N	%
Sim	10	13,2	22	42,3	32	25,0
Não	66	86,8	30	57,7	96	75,0
Total	76	100	52	100	128	100

A tabela 14 mostra que há diferenças significativas em relação a prática de *kulusela* entre as duas aldeias<sup>71</sup>. Estas diferenças parecem estar relacionadas com o facto de Hoyohoyo apresentar maior percentagem de agregados com gado e por isso haver mais chances para os jovens pastarem gado. Também, por observações durante o trabalho de campo, ficou-se com impressão de que há mais jovens em Hoyohoyo do que em Tsokate. Por exemplo, o tamanho do agregados em Tsokate é relativamente maior que Hoyohoyo e, há mais emigração em Hoyohoyo do que em Tsokate (Vide cap. 4.2.1 e 4.10.1, respectivamente).

Em relação a prática de *kulusela* (pastar gado) e tipo de agregado, não foi encontrada alguma relação de dependência (Vide tabela 9, anexo 2). Tanto as famílias chefiadas por mulheres *de jure* assim como aquelas chefiadas por homens, têm membros pastores. Isto parece relacionar-se com o facto de que o tipo de agregado não se relaciona com a riqueza em gado, pois, dependendo de ter ou não um membro capaz de pastar gado, qualquer tipo de agregado pode ter gado através desta forma de entre-ajuda.

Contudo, há factores culturais importantes que afectam a prática de *kulusela*. Por exemplo, o gado que os jovens ganham na pastagem vai para a manada dos pais. Por exemplo, em Tsokate, uma família composta pelo pai (idoso) e seus quatro filhos casados, partilham a mesma manada do pai cuja parte de gado que compõe a manada foi ganha pelos filhos enquanto pastores. De acordo com o pai<sup>72</sup>, este gado será distribuído pelos quatro filhos quando este morrer. Também referiu que o gado com que os quatro filhos casaram saiu da mesma manada. Finalmente, a maioria dos agregados (81%) com membros pastando gado, também têm gado (tabela 15).

Tabela 15: Número(%) de agregados que têm um pastor por posse de gado por agregado (N=128)

<i>Kulusela</i> (pastar gado)	Posse de gado por agregado		Total
	Tem	Não tem	
Sim	26(81,3)	6(18,8)	32(100)
Não	51(53,1)	45(46,9)	96(100)
Total	77(60,2)	51(39,8)	128 (100)

A tabela 15 indica que os jovens que pastam gado provêm de famílias proprietárias de gado<sup>73</sup>. Ao que parece, os agregados com pastores já tinham gado antes destes começarem a pastar.

<sup>71</sup> Chi-quadrado calculado é 13,992, um grau de liberdade, p=0,000

<sup>72</sup> Entrevista com o Sr. Agostinho Sitoi, Chefe da AMETRAMO, Tsokate, 18.05.02.

<sup>73</sup> Chi<sup>2</sup> calculado é 7,92, um grau de liberdade, p=0,005.

O *status* económico do agregado medido na forma de indicadores de riqueza determina quem pode mandar seus filhos a pastagem. Os agregados mais ricos, com tamanhos médios de manadas, agregados e quantidades de celeiros maiores, são os que mais usam seus filhos para aumentar suas manadas através de *kulusela* (Vide tabela 4, anexo-7).

#### *Kuvekissa*<sup>74</sup>

É uma instituição ou forma de entre-ajuda em que uma família entrega seus animais domésticos à guarda de outra família que não tenha tais animais e pretende iniciar a sua criação ou uma família considerada como tendo "braço"<sup>75</sup> para a criação de tais animais. Pode acontecer entre famílias residindo na mesma ou diferentes aldeias. Apenas 9% das famílias entrevistadas em Tsokate e 17% em Hoyohoyo usam esta estratégia (Tabela 10, anexo-2). As diferenças entre as duas aldeias não são significativas<sup>76</sup>. Também não foram encontradas diferenças estatísticas entre *kuvekissa* e tipo de agregado (Vide tabela 11, anexo-2)<sup>77</sup>.

Em relação aos indicadores de riqueza medido pelo tamanho médio dos bens possuídos, verifica-se que apenas o tamanho da manada tem relação com esta prática (Vide tabela 5, anexo-7). Os agregados cujas manadas são maiores guardam mais frequentemente seu gado em casas de outras pessoas. O tamanho médio do agregado e a quantidade média de celeiros não mostraram correlação com esta prática.

Tanto agregados chefiados por homens assim como aqueles chefiados por mulheres *de jure*, podem participar nesta forma de entre-ajuda. As motivações porque os agregados praticam esta forma de entre-ajuda segundo os próprios entrevistados são: evitar doenças (que podem atingir duma vez toda a manada) e rápida multiplicação dos animais. Em nenhum caso isto foi referido como estratégia de casamento.

#### *Kurimela*

É uma instituição ou forma de entre-ajuda em que um indivíduo necessitando de fontes de rendimento oferece temporariamente e por uma actividade específica a sua mão-de-obra a alguém podendo receber em troca dinheiro, *mbeu* (semente), alimentos ou tracção animal, sabão, etc. Isto é feito no início ou durante a época agrícola. Apesar de ter sido mencionada por poucas famílias, esta forma de entre-ajuda é importante para a sua sobrevivência, particularmente as mais vulneráveis. *Kurimela* difere de *xikoropa* por tratar-se de um trabalho ligado apenas a actividades agrícolas: lavoura, sacha, sementeira, colheita, etc.. A Tabela 16 dá um resumo de como isto ocorre nas duas aldeias.

<sup>74</sup> Lit: guardar gado em casa de outrém. A pessoa que guarda o gado é gratificada com um animal, para além de beneficiar de tracção animal, se for bovino. Entrevistas como os Sr. S. Matongue e A. Baloi, Tsokate e Hoyohoyo, respectivamente.

<sup>75</sup> Com sorte de criar esse tipo de animais e ter bons resultados.

<sup>76</sup> Chi<sup>2</sup> calculado é 2,692, um grau de liberdade, p= 0, 101

<sup>77</sup> Chi<sup>2</sup> calculado é 0,312, um grau de liberdade, p= 0,577

Tabela 16: Número(%) de agregados praticando *kurimela* por aldeia (N=128).

<i>Kurimela</i>	Tsokate (n=76)		Hoyohoyo (n=52)		Total	
	n	%	n	%	N	%
Sim	15	19,7	2	3,8	17	13,3
Não	61	80,3	50	96,2	111	86,
Total	76	100	52	100	128	100

Na tabela 16 pode se ver que apenas 20% das famílias em Tsokate e quase nenhuma em Hoyohoyo praticam *kurimela*. Isto permite dizer que há diferenças entre as duas aldeias<sup>78</sup>. Tsokate tem mais pessoas dependentes desta prática em comparação com Hoyohoyo. Estas diferenças podem ser devidas ao facto de em Hoyohoyo haver maior número de agregados com gado e/ou charruas e celeiros e, por isso dependem menos desta forma de entre-ajuda.

Também há diferenças estatísticas entre a prática de *kurimela* e o tipo de agregado, como mostra a tabela 17.

Tabela 17: Número (%) de agregados praticando *kurimela* por tipo de agregado (N=128)

<i>Kurimela</i>	Chefe do agregado		Total
	Homem	Mulher <i>de jure</i>	
Sim	6 (35,3)	11 (64,7)	17 (100)
Não	77 (69,4)	34 (30,6)	111 (100)
Total	83 (64,8)	45 (35,2)	128 (100)

Os resultados apresentados na tabela 17 mostram que as famílias chefiadas por mulheres *de jure* praticam mais *kurimela* (trabalhar para outrém) em comparação com aquelas chefiadas por homens<sup>79</sup>. Esta forma de entre-ajuda, também está fortemente relacionada com posse de gado (Tabela 18). Portanto, são claras as diferenças entre as famílias que têm e aquelas sem gado em relação à sua participação nesta forma de entre-ajuda<sup>80</sup>. Quase só praticam *kurimela* famílias que não têm gado.

Tabela 18: Número(%) de pessoas praticando *kurimela* por posse de gado (N=128)

<i>Kurimela</i>	Posse de gado		Total
	Sim	Não	
Não	76 (68,5)	35 (31,5)	111 (100)
Sim	1 (5,9)	16 (94,1)	17 (100)
Total	77 (60,2)	51 (39,8)	128 (100)

Das famílias que praticam *kurimela*, 94 % não têm gado (Tabela 18). Contudo, a maioria das pessoas sem posse de gado não usa esta forma de entre-ajuda.

<sup>78</sup> Chi<sup>2</sup> calculado é 6,769, um grau de liberdade, p=0,009

<sup>79</sup> Chi-quadrado calculado é 7,51, um grau de liberdade, p=0,006

<sup>80</sup> Chi<sup>2</sup> calculado é 24,09, Chi<sup>2</sup> crítico é 3,84 a 5% de significância.

O status de riqueza do agregado determina quem participa mais ou menos nesta forma de inter-ajuda de *kurimela* (Vide tabela 6, anexo-7). Os resultados mostram que os agregados que participam nesta forma de inter-ajuda têm manadas pequenas, tamanhos de agregados pequenos e poucos celeiros.

#### 4.3.4 Discussão para os três tipos de instituições.

Uma análise crítica do funcionamento das instituições identificadas mostra que servem menos os interesses das próprias comunidades. Este sentimento foi manifestado pelos entrevistados durante as entrevistas em ambas as aldeias. Por exemplo, observou-se que a AMETRAMO, empenha-se mais na persuasão de seus membros a pagarem regularmente os impostos para o Estado mas intervem menos na resolução dos problemas de feitiçaria que são verdadeiramente críticos. Há uma forte pressão sobre os membros da comunidade, por parte do Partido Frelimo, para que estes paguem as quotas referentes ao estatuto de membro de partido, mesmo sem noção mínima do que é ser membro para os residentes. O não pagamento pode significar exclusão da família às ajudas externas<sup>81</sup>.

A dominância pelo exterior reflecte-se também nos processos de formação de instituições locais. A formação destas instituições locais não é endógena ou independente, mas sim dirigida pelas organizações externas, como é particularmente visível no caso dos comités da LWF. Desde a sua criação, as várias instituições locais são ocupadas e dirigidas por um grupo pequeno. Os respectivos líderes confirmam que são sempre as mesmas pessoas<sup>82</sup>. Também há casos de acumulação de cargos por certas pessoas, como visto anteriormente na descrição, nomeadamente em relação a OMM, Comité de Uronga (Saúde), Comité de Agricultura, Fundo Revolvente e Comité de Desenvolvimento da Comunidade. Desta maneira, as mesmas pessoas detêm o acesso e controlo dos recursos, neste caso, da LWF e outras instituições de apoio.

Outro factor é que as famílias são "obrigadas" a colaborar através de mecanismos de acesso a ajuda<sup>83</sup>. O comite de agricultura não tem dados sobre quantas famílias ficaram sem terras durante as cheias de 2000 mas tem dados sobre parcelas e número de famílias que participam nas acções de contenda contra seca. Estas, são organizadas pela LWF e quem não participa não terá direito a ajuda de comida. Este comportamento parece mostrar que alguns comités criados servem menos os interesses dos próprios moradores.

As Igrejas também usam esta filosofia para a sobrevivência de seus líderes, ao colectarem os poucos recursos acumulados pelos crentes. Quando os crentes não têm dinheiro para pagar quotas anuais, os líderes apelam para que estes paguem com animais, geralmente galinhas, como forma de manter confiança entre as duas partes. Uma moradora em Tsokate confirmou esta afirmação: *Quando não pagamos as quotas a Igreja, não nos apoia quando temos infortúnios*<sup>84</sup>.

<sup>81</sup> Entrevista com 1º Secretário do Partido Frelimo, A. Baloi, Hoyohoyo, 11.06.02

<sup>82</sup> Entrevistas com Sra. Celina Baloi (OMM e Comité de Saúde), Estévão L. (Partido Frelimo e Comité de agricultura) e Sra. Celeste Cossa (ADC).

<sup>83</sup> Entrevista com Sr. Estévão L. Chefe do Partido Frelimo e de Comité de agricultura, Tsokate, 18. 05.02.

<sup>84</sup> Entrevista com Sra. Violeta Mapai, viúva e Moradora de Tsokatre, 17.05.02.

Contrariamente às instituições exógenas, as instituições endógenas são uma excepção. Estas instituições endógenas desempenham um papel importante na sobrevivência da população, essencialmente para os mais pobres pois permitem a estes, por confiança ou oferta de sua mão-de-obra, ter acesso a bens produtivos.

Os resultados indicam que as diferentes formas de entre-ajuda, nas duas comunidades baseam-se num sistema local de relações sociais através do qual as famílias cooperam e coordenam a realização de actividades quotidianas com o fim comum de sobrevivência. Este sistema facilita o acesso a bens produtivos e reduz os custos de realizar uma certa actividade porque ao invés de comprar uma charrua por exemplo, uma pessoa pode partilhar seu gado com um vizinho que tenha charrua ou vice-versa. No fim, as machambas de ambos ficam lavradas. Colleta *et al.* (2000) citando Putnam (1993) e Dasgupta & Serageldin (2000) citados no cap. 2.7, consideram estas relações como sendo capital social e que facilitam a cooperação para o benefício mútuo.

Estas formas de entre-ajuda baseadas nas relações sociais ocorrem entre famílias vivendo ambos na mesma comunidade e comunidades diferentes. Isto parece indicar a capacidade das famílias em sobreviver riscos através de laços localizados ambos dentro da aldeia (acesso fácil) e fora (mais distantes). Estes laços são importantes fontes de transferências de recursos capitais quando a aldeia está sob emergência ou crise, como por exemplo, durante as cheias de 2000. Estas relações são construídas numa série de trocas e ofertas e duram muito tempo como ilustra a afirmação seguinte: *Quando perdi gado com a guerra (1989) passei a usar gado emprestado pelo meu irmão para poder arar minhas machambas. Em 2000, ele perdeu por cheias todas as suas charruas, e ofereci-lhe uma das três charruas que meus filhos me mandaram da R.S.A*<sup>85</sup>.

#### **4.4. Estratégias de sobrevivência antes das cheias de 2000**

As estratégias de sobrevivência antes da ocorrência das cheias de 2000 eram fundamentalmente baseadas em recursos naturais e sociais locais como mostra a tabela 19. Segundo os entrevistados, nunca houve apoios de ONG's durante as crises (cheias e secas) anteriores às cheias de 2000. Isto deve-se ao facto de que o distrito de Mabalane era tido como tendo muitas minas colocadas durante a guerra, para além de que durante as chuvas fica praticamente isolado<sup>86</sup>.

<sup>85</sup> Entrevista com o Sr. R. Baloi, Hoyohoyo, 19.06.2002.

<sup>86</sup> Entrevista com Sr. Ngovene, oficial de administração, Mabalane, 26.06.2000.

Tabela 19: Estratégias de sobrevivência antes das cheias por aldeia (N=128)

Estratégia	Nome da aldeia				Total	
	Tsokate (n=76)		Hoyohoyo (n=52)		N	%
	N	%	n	%		
Fruta silvestre*	65	56,5	52	44,4	117	100
<i>Mitanga ou a gumbini</i>	65	57,5	48	42,5	113	100
Corte de refeições	62	59,0	43	41,0	105	100
Compra de comida	59	60,8	38	39,2	97	100
Duas machambas alternativas	55	58,5	39	41,5	94	100
Empréstimos <sup>1</sup> *	40	71,4	16	28,6	56	100
Remessas	33	60,0	22	40,0	55	100
Venda de carvão	36	65,5	19	24,5	55	100
Pequenos negócios ocasionais	28	56,0	22	44,0	50	100
<i>Xikoropa*</i>	35	77,8	10	22,2	45	100
Caça: venda /consumo	28	62,2	17	37,8	45	100
<i>Kuthekela</i>	30	68,2	14	31,8	44	100
Emigração para RSA	15	57,7	11	42,3	26	100
Venda de serviços <sup>2</sup>	16	66,7	8	33,3	24	100
Pesca	11	73,3	4	26,7	15	100
Aproveitamento da machamba <sup>3</sup>	0	0	5	100	9	100
Total	76	59,4	52	40,6	128	100

\* As diferenças estatísticas são significativas

<sup>1</sup> De comida e dinheiro

<sup>2</sup> Inclui receitas de doentes, artesanato, cabos de enxadas, cangas e capim

<sup>3</sup> Rebentos de abóbora e feijão nhemba.

Como mostra a tabela 19, a população local tinha um leque de estratégias de sobrevivência que vão desde produção agrícola, colecção de produtos da floresta até emigração.

A recorrência às *mitanga* (áreas pantanosas em redor de lagoas, Tsokate) e *gumbini* (áreas pantanosas localizadas nas margens do rio, Hoyohoyo), que localmente significa áreas húmidas em redor das lagoas e zonas pantanosas ao longo do rio, respectivamente, era uma estratégia usada para contender problemas de fome durante a seca. Depois das cheias de 2000, esta estratégia sofreu mudanças profundas (Vide cap. 4.9.5). As restantes estratégias, embora haja algumas variações em termos do número de pessoas que usam, continuam a fazer parte de opções de sobrevivência para a maioria dos agregados (Vide cap.4.10).

#### 4.5 Diferenciação social

Na condução das análises preliminares sobre este trabalho houve um interesse em saber até que ponto o *status* económico dos agregados difere e afecta as suas decisões na luta pela sobrevivência. As entrevistas indicaram que a posse de bens e o tipo de agregado são factores de diferenciação importantes para descrever os *livelihoods* locais. Campbell *et al.* (2002) e Moser & Holland (1997) também usaram a posse de bens e tipo de agregado, respectivamente, como factores indispensáveis na descrição dos *livelihoods* dos

agregados familiares. O World Bank (2000/01) usou os mesmos indicadores para categorizar os agregados em termos de vulnerabilidade.

As variáveis originais usadas como indicadores de riqueza são número de animais (bovinos), o número de membros do agregado, o número de celeiros e o tipo de agregado. Assim, recorreu-se ao *test-T* para comparar as médias entre diferentes grupos de agregados identificados.

Os resultados obtidos mostram que há diferenças sociais na posse e quantidade de animais, no tamanho do agregado e na posse e quantidade de celeiros, como discutido nos capítulos anteriores sobre instituições endógenas e capitais desponíveis nas comunidades (Vide também anexo-7).

O tamanho do agregado mostrou ser uma variável importante e relacionada com riqueza do agregado (tabelas 4,6 e 7 Anexo-7). Os agregados com manadas grandes e aqueles que beneficiam de remessas têm ambos tamanhos de agregados maiores. Os tamanhos médios dos agregados que fazem *kurimela* são muito pequenos. Ao que parece, o tamanho do agregado tem maior influência na aquisição da riqueza. Estes resultados contrastam com os alcançados por Campbell *et al.*(2002) no seu estudo sobre pobreza e vulnerabilidade em Chawama-Zambia. Ele, constatou que os agregados mais pobres apresentavam tamanhos de agregados maiores e os mais ricos, menores.

Em relação ao tipo de agregado, apenas foram encontradas diferenças nas quantidades médias de celeiros, onde os agregados chefiados por homens apresentam médias elevadas em relação aos chefiados por mulheres (Vide tabela 8, anexo-7). Os restantes indicadores não mostraram diferenças estatísticas entre as médias. Mas pode-se observar que as médias são ligeiramente diferentes, com tendência de os agregados chefiados por homens apresentarem médias elevadas nos tamanhos da manada e agregado, respectivamente.

#### 4.6 Conflitos sociais

A presença ou ausência de um conflito social numa comunidade afecta a forma como as pessoas lutam pela sobrevivência. Algumas famílias perdem seus bens e outras são expulsas da povoação. Isto é visível logo ao primeiro contacto com as comunidades. A tabela 20 apresenta as principais causas dos conflitos, segundo os entrevistados.

Tabela 20: Opiniões dos entrevistados sobre causas dos conflitos nas duas aldeias (N=128)

Causas dos conflitos	Nome da aldeia				Total	
	Tsokate (N=76)		Hoyohoyo (N=52)		N	%
	n	%	n	%		
Feitiçaria	51	67.1	30	57.7	81	63.3
Acesso a ajuda	0	0.0	38	73.1	38	29.7
Amantismo <sup>1</sup>	18	23.7	0	0.0	18	14.1
Adultério	0	0.0	12	23.1	12	9.4
Cerimónias tradicionais <sup>2</sup>	0	0.0	11	21.2	11	8.6
Uso de terra <sup>3</sup>	10	13.2	0	0.0	10	7.8
Horário escolar	8	10.5	0	0.0	8	6.3
Impostos <sup>4</sup>	8	10.5	0	0.0	8	6.3
Total	76	59,4	52	40,6	128	100,0

<sup>1</sup> entre viúva e *mbuzi* ou amante (homem) de uma viúva

<sup>2</sup> divergências entre chefes tradicionais e Ziones

<sup>3</sup> invasão de áreas alheias devido a destruição dos limites por cheias

<sup>4</sup> curandeiros e Ziones: os primeiros pagam impostos e os segundos não.

Para a maioria dos entrevistados, pouco mais de 60 %, a principal causa dos conflitos sociais nas duas comunidades é a feitiçaria (tabela 20). Isto confirma de novo o que se referiu no cap. 4.1. As restantes causas diferem nas duas comunidades. Em Hoyohoyo, para além da feitiçaria (58 %), a maioria (73 %) dos entrevistados mencionou o acesso a ajuda como a principal causa. O adultério (23 %) e cerimónias tradicionais (21 %) foram também mencionadas. Em Tsokate, para além da feitiçaria, foram também mencionadas como fontes de conflitos o amantismo (24 %), uso de terra (13 %), horário escolar (11 %) e impostos (11 %).

As razões porque a feitiçaria é fonte dos conflitos diferem nas duas comunidades. Em Tsokate, um pequeno grupo de pessoas (feiticeiros) quer impor o seu modo de vida sobre a maioria através de ameaças de feitiçaria<sup>87</sup>. Em Hoyohoyo, um pequeno grupo de pessoas (líderes locais) usa a feitiçaria para controlar os recursos vindos de fora para a comunidade. Também foi observado que algumas reuniões (duas em Tsokate e uma em Hoyoho durante o período de trabalho de campo) são destinadas a debater problemas de feitiçaria (Vide anexo-5).

A aparente ausência de luta pelo acesso recursos provenientes de fora em Tsokate é porque os chefes locais não detêm o seu controlo. Quem controla a entrada e administração de recursos vindos de fora é a LWF. Em Hoyohoyo, onde os líderes locais têm influências no controlo e administração dos recursos, as pessoas lutam pelo acesso poder (Vide anexo-6).

<sup>87</sup> Segundo Sr. S. Matongue, Chefe da aldeia (Tsokate), uma família deixa propositadamente seus animais invadirem casas alheias, alegando não ter comida para alimentá-los, e ameaça os que contestam.

Outros problemas que também afectam a vida dos moradores são o adultério<sup>88</sup> (Hoyohoyo) e amantismo (Tsokate). O adultério é um crime em Hoyohoyo. O homem paga pelo adultério o equivalente ao lobolo da mulher com quem comete o adultério. O amantismo também gera conflitos. Três viúvas já morreram devido ao amantismo por conflitos com seus *mbuzi*<sup>89</sup>. Observou-se um caso da morte de uma viúva nas mesmas circunstâncias.

A organização dos moradores na comunidade com vista a enfrentar problemas locais de sobrevivência depende muito da liderança local instituída. Em Hoyohoyo o grau de confiança entre os membros da comunidade e seus líderes baixou muito (Vide anexo-6). Os moradores já não confiam nos seus líderes.

### Discussão

A feitiçaria é um meio de luta pelo poder e levanta problemas nas duas comunidades. Em Hoyohoyo parece haver relação entre cheias e feitiçaria, pelo menos de forma indirecta. Depois das cheias, os líderes locais recebiam e controlavam os apoios que chegavam na aldeia, e são acusados pelos moradores de usar feitiçaria como meio de repressão. Isso resultou na expulsão do então chefe da aldeia (Vide anexo-6). Em Tsokate os moradores ainda estão a discutir a expulsão de uma família acusada de desestabilizar a vida na aldeia, ameaçando e matando pessoas por feitiçaria.

O feiticeiro geralmente reivindica a posse de recursos mesmo sem ser beneficiário, impondo sua vontade através de ameaças. O grande crime do feiticeiro é matar (Junod, 1996). Dois motivos o impelem ao crime: ódio e inveja. Se um feiticeiro é ofendido, é certo que se vingará matando o inimigo. Mas isto tem custos e benefícios. O feiticeiro pode perder o estatuto social na povoação ou ganhá-lo quando consegue impor sua vontade sobre os moradores.

Em Hoyohoyo, os homens podem ganhar gado através de suas esposas quando estas cometem adultério, ou perdê-lo quando estes o fazem. Em Tsokate as viúvas têm apoios de seus *mbuzi* mas, como observado, o amantismo pode resultar numa desgraça quando o *mbuzi* mata sua amante. Este comportamento enquadra-se na constatação de Junod (1996). Entre os Tsongas o verdadeiro adultério para um homem, casado ou não, consiste em ter relações com mulher casada. O adultério com uma mulher casada é um roubo, pois pertence a um dono.

Ao que parece, a feitiçaria, o amantismo e o adultério contribuem simultaneamente para a redução e aumento da vulnerabilidade das pessoas vivendo em ambas as comunidades.

---

<sup>88</sup> Segundo o Sr. A. Baloi, 1º Secretário e substituto do chefe da aldeia, o indivíduo que comete o adultério é, por normas locais, obrigado a pagar ao dono (esposo) da mulher uma multa equivalente ao lobolo dessa mulher (número de cabeças de gado e algum dinheiro) e, o homem adúltero não tem direito a ficar com a mulher nem filho se este acto tiver resultado num filho. Na resolução do caso observado durante o estudo, o infractor pagou 3 cabeças de gado e um valor correspondente de 1.500.000 MT. A principal forma de pagamento de lobolo é gado bovino ou equivalentes (caprino ou dinheiro).

<sup>89</sup> Segundo Sr. S. Matongue, Chefe da aldeia de Tsokate, três viúvas já morreram em situações do género, e os respectivos *mbuzi* fugiram da aldeia. Não eram naturais da aldeia.

Primeiro porque facilitam o acesso a alguns recursos à certas famílias. Segundo porque podem contribuir para a perda desses recursos.

#### 4.7. Vulnerabilidade

Em todas as sociedades alguns grupos são mais vulneráveis a riscos do que outros. Mas a sua identificação, particularmente nas comunidades rurais, não é fácil. Foi preciso combinar entrevistas e reuniões com informantes chaves, agregados e também observações. As características observadas: tipo de casa, posse de gado, locais de habitação, posse de machambas, consumo de bebidas alcoólicas, etc., não são suficientes para alcançar este objectivo.

O tipo de casas<sup>90</sup> nas duas aldeias, a posse gado; o acesso a terra, o local habitacional, são características que podem influenciar na vulnerabilidade de uma pessoa ou família e por isso podem ser usadas como indicadores de vulnerabilidade. Por exemplo, pode ser que o maior índice de consumo de bebidas alcoólicas pelos mais velhos indique uma categoria de pessoas com maior posse de dinheiro acumulado durante vários anos. Ou que a posse de gado (número) por agregado indique agregados menos ou mais vulneráveis. A tabela 21 apresenta as opiniões dos entrevistados sobre que grupo é mais vulnerável na aldeia.

Tabela 21: Opiniões dos entrevistados sobre grupos mais vulneráveis (N=128).

Vulneráveis	Tsokate		Hoyohoyo		Total	
	n	%	n	%	N	%
Sem gado	44	57,9	14	26,9	58	45,3
Viúva/Solteira/Divorciada	35	46,1	21	40,4	56	43,8
Sem charrua	12	15,8	17	32,7	29	22,7
Machamba pequena	11	14,5	12	23,1	23	18,0
Deficiente físico	14	18,4	0	0	14	10,9
Com celeiro vazio	13	17,1	0	0	13	10,2
Não sabe	15	19,7	7	13,5	22	17,2
Total	76	59,4	52	40,6	128	100

A classificação da vulnerabilidade não difere muito entre as duas comunidades. Não ter gado e ser viúva foram as categorias mais mencionadas em Tsokate enquanto que em Hoyohoyo, ser viúva, não ter charrua e gado foram mais mencionadas (Tabela 21). Os resultados mostram haver uma relação entre vulnerabilidade e posse de bens, ou seja, um agregado será mais ou menos vulnerável consoante tenha menos ou mais posses de bens. O mesmo resultado já tinha sido alcançado pelo World Bank (2000/01) e Moser & Cath (1997) citados no cap. 2.5. Mas também, a viuvez (género associado ao estado civil) e deficiência física, são factores que podem determinar a vulnerabilidade de uma pessoa ou agregado.

A vulnerabilidade de um agregado familiar, cujo chefe é deficiente físico, depende se este tem ou não a assistência dos próximos. Mas, ao que parece, esta assistência depende do

<sup>90</sup> O estado da residência em termos de material de construção e manutenção das casas.

tipo de bens que o deficiente tem, como ilustram os seguintes casos, os únicos identificados nas duas aldeias:

Caso 1: *Sra. Maria Mwamisindu Baloi, viúva, cega e residente em Tsokate. Com três filhas casadas, a Sra. Maria vive actualmente com um neto, pastor do gado (25 cabeças de gado bovino e cerca de 12 caprinos). Após as cheias de 2000, a Sra. Maria perdeu duas charruas e agora tem uma outra nova que comprou com uma cabeça de gado. As únicas pessoas que prestam assistência a ela são as filhas e o neto, beneficiando por isso do gado para tracção, e fazem o controlo dos serviços que o gado faz para outras pessoas da aldeia. Em troca as pessoas fazem sachas e colheitas para a Sra. Maria.*

Caso 2: *Sr. Araújo Lhanguane, deficiente militar (mutilado), polígamo e pai de Três filhos, residente em Hoyohoyo. Com uma das duas casas afectadas pelas cheias, o Sr. Araújo é proprietário de gado bovino (9 cabeças) e suíno (11 suínos). Parte do gado suíno está guardado em casa de familiares e conhecidos (kuvékissa) na aldeia. Durante as cheias não perdeu a sua única charrua e, normalmente, para além de usar gado para sua família, tem feito trabalhos para pessoas sem gado através de aluguer.*

Caso 3: *Sr. Feniasse Chauque, paralítico, casado com três filhos emigrados na R.A.S. Paralítico por enfeitiçamento, o senhor Feniasse tem uma criação de gado bovino (14) e caprino (não conhece o número). Tem um pastor que ganha por ano uma cabeça de gado e é também responsável pela aradura de suas machambas. Também ajuda pessoas conhecidas através de kukashela e kurimela.*

Aparentemente, a vulnerabilidade de uma mulher viúva (ou agregado chefiado por esta) ou de um deficiente físico também depende da posse de bens, que neste caso servem de atractivo para assistência deste pelas pessoas mais próximas.

#### Discussão

Os factores de vulnerabilidade dentro das comunidades estão interligados uns com os outros mas isso varia em função da posição do agregado na povoação (Vide anexo-4). Por exemplo, uma mulher viúva, por não ter marido pode ter interligados muitos factores de vulnerabilidade: sem gado, sem celeiro ou com celeiro não coberto, sem charrua ou mesmo sem capacidade para fazer receitas próprias fabricando carvão para venda. Portanto, um factor pode condicionar vários outros factores. Nesta linha de análise, pode-se notar que a vulnerabilidade varia muito ao nível dos agregados. Por exemplo, ao nível dos agregados chefiados por homens, pode-se distinguir 14 tipos de agregados apresentando diferentes níveis de vulnerabilidade e dos agregados chefiados por mulheres *de jure*, 22. Isto confirma novamente que o género é também um factor de diferenciação social. Os agregados chefiados por mulheres *de jure* são mais vulneráveis que os chefiados por homens, a avaliar pelo número de factores de vulnerabilidade que apresentam e sua diversificação.

No geral, a vulnerabilidade nas duas comunidades não é restrita a um determinado grupo de pessoas. Tanto as famílias chefiadas por homens assim como as chefiadas por mulheres *de jure*, podem ser ou não vulneráveis dependendo da sua integração na

comunidade (acesso aos bens essenciais). Contudo, dentro dessa generalidade, a algumas pessoas são mais vulneráveis do que outras e isso verifica-se principalmente com as famílias chefiadas por mulheres viúvas. Estas, têm mais factores de vulnerabilidade em comparação com as famílias chefiadas por homens (ausente ou presente). O primeiro desses factores é o homem, principal meio de aquisição de bens essenciais nas duas comunidades (habitação, gado, etc.) e está ligado ao género. O World Bank (2000/01) apresenta um resultado semelhante. Em suma, a vulnerabilidade afecta a todos.

Outros factores de vulnerabilidade nas comunidades estudadas são de natureza externa, nomeadamente cheias, secas, epidemias, guerras.

#### 4.8 Cheias, secas, doenças e guerra civil: o passado

Neste capítulo, discute-se o impacto dos riscos que antecederam as cheias de 2000 (secas, guerra e doenças ao nível das duas aldeias.

##### 4.8.1. Cheias e Secas

Durante a sua vida, as populações rurais enfrentam vários tipos de riscos. Na memória da população local ainda há a recordar as cheias de: 1937 (*ndambi ya 37*), 1972 (*ndambi ya 72*) 1977 (*ndambi ya rurani*), pequenas cheias (*swindanbana: 195..., 198..., 199...*), e finalmente as cheias de 2000 (*ndambi ya 2000*) (Vide tabela 12, anexo-2). Paralelamente às cheias, as duas comunidades também sofrem das secas (*djandza*): seca de 55, seca de 70, seca de 1981-3, secas periódicas dos anos zero a três do início de cada década, e finalmente a de 91-3 (tabela 13, anexo-2).

Nesta subsecção o impacto das cheias anteriores às de 2000 não é destacado em virtude de se ter limitado às perdas de culturas nas zonas baixas e cuja dimensão e magnitude são muito inferiores às recentes cheias de 2000.

A existência da seca é uma ameaça para a vida das comunidades rurais. Ameaça o seu modo de vida, a sua criação animal e reduz as suas economias. Nos últimos dez anos antes das cheias, a maioria dos agregados entrevistados respondeu ter perdido parte de sua criação animal por mortes causadas por secas ( Tabela 22 ).

Tabela 22: Perdas de animais causadas por secas em memória das famílias nos últimos dez anos (1990-2000).

Perdas	Tsokate (76)		Hoyohoyo (52)		Total	
	n	%	n	%	N	%
Morte de bovinos	11	14,5	2	3,8	13	10,2
Morte de caprinos	29	38,1	35	67,4	64	50,0
Não mencionou perdas	36	47,4	15	28,8	51	39,8
Total	76	100	52	100	128	100

Com base na tabela 22 pode-se ver que a seca causou problemas significativos nos caprinos. Hoyohoyo tem maior percentagem de famílias que perdeu caprinos e, menor

percentagem em relação aos bovinos<sup>91</sup>. Estas diferenças parecem dever-se ao facto de em Hoyohoyo haver maior percentagem de agregados com caprinos. De acordo com os moradores, estas mortes estão associadas a falta de forragem para os animais durante seca. Neste período, os animais voltam pastar na aldeia (observado), comendo restos ou comida que encontram dentro das casas. As doenças foram também referidas como estando associadas aos problemas causados pelas secas. As diarreias, o inchamento do estômago do animal e locura, precedidas pela queda definitiva do animal são algumas das doenças referidas como frequentes, principalmente para o gado caprino, durante e após a seca. Em suma, o impacto da seca inclui a redução da produtividade de pastagens (falta de forragem para gado), alta taxa de mortalidade de gado e desrupção do ciclo produtivo<sup>92</sup>.

Outros efeitos da seca de acordo com conversas informais e observações no terreno, incluem a venda desesperada animais pelas famílias de forma a comprar comida para a sua alimentação. Em Tsokate por exemplo, algumas famílias venderam cabras prenhas. Isto reduz a capacidade de multiplicação da criação animal e de resposta para futuras crises.

#### 4.8.2. Doenças

A maior parte das doenças que causam mortes em pessoas são atribuídas à feitiçaria. Nos últimos dez anos antes das cheias de 2000, as famílias foram assoladas por doenças, incluindo sua criação animal. A tabela 23 apresenta as opiniões dos entrevistados sobre o efeito das doenças nas pessoas nos últimos dez anos.

Tabela 23: Número(%) agregados e perda de membros, por aldeia, (1990-2000).

Perdas	Tsokate (n=76)		Hoyohoyo (n=52)		Total	
	n	%	n	%	N	%
Um membro	7	9,2	7	13,5	14	10,9
Nenhuma	69	90,8	45	86,5	114	89,1
Total	76	100	52	100	128	100

Cerca de 9 % e 14 % dos agregados entrevistados em Tsokate e Hoyohoyo, respectivamente, perderam seus membros por doenças (Tabela 23). A tabela mostra também que as diferenças em termos de mortes nas duas aldeias não são significativas<sup>93</sup>.

As doenças de *xipfula*<sup>94</sup> ( feitiçaria), dores de cabeça, diarreias e abortos instantâneos, foram referidas como as que mais causam mortes. Junod (1996) descreve *xipfula* como sendo uma droga mais perigosa na cultura dos *tsongas* e, designa um misterioso poder que o feiticeiro tem de alcançar seus objectivos.

<sup>91</sup> O Chi-quadrado calculado é 6,69, Chi<sup>2</sup> crítico é 3,84 a 5 % de significância.

<sup>92</sup> <http://www.drought.unl.edu/risk/economic.htm>

<sup>93</sup> Chi-quadrado calculado é 0,573, dois graus de liberdade, p=0,449

<sup>94</sup> Literalmente significa espada. É uma droga mágica e mortal que os feiticeiros usam para atacar seus inimigos.

Todas as famílias que perderam um membro, este, era chefe de família. Agora são chefiadas por mulheres viúvas. Aparentemente não há mortes de crianças nem jovens. Embora as pessoas, no geral, morram por doenças mesmo quando morrem por velhice (Vide cap.2.4.1), há aqui um aspecto relevante que está relacionado com o facto de as pessoas relacionarem as mortes com a feitiçaria.

#### **4.8.3. Guerra**

Em relação à guerra, o período é referente à altura de sua ocorrência (1983-1992) e, o seu impacto é medido em termos de mortes sobre pessoas e perdas de bens e animais em posse das famílias na altura da guerra.

Os efeitos da guerra ainda se fazem sentir na vida das aldeias visitadas de várias formas. A maioria dos agregados entrevistados ( 80 %) perdeu gado e/ou outros bens durante a guerra (Vide tabela 14, anexo-2). Paralelamente, pouco mais de 20 % das pessoas entrevistadas são mulheres viúvas porque perderam seus maridos por causa guerra. Cerca de 20 % não sofreu nenhuma perda.

#### **4.9 Descrição dos eventos das cheias de 2000**

Este capítulo aborda o impacto das cheias sobre a vida das populações nas duas aldeias em ambos os períodos durante e depois do ano 2000. Far-se-á primeiro uma abordagem sobre as lições do passado e mais tarde, o impacto das cheias de 2000 em termos de perdas (directas, indirectas), mudanças e impedimentos causados pelas cheias. É de salientar que as cheias tiveram impactos diferentes nas duas comunidades, sendo, porém, comum o isolamento do exterior e, relacionado a esse isolamento, a ausência de ajuda externa.

##### **4.9.1 Antes das cheias**

###### Informação sobre a mitigação

No processo de previsão das cheias, vários actores estiveram envolvidos, desde as autoridades locais<sup>95</sup> até a própria população. Tanto ao nível do governo distrital local assim como ao nível das comunidades, o risco de as cheias ocorrerem era conhecido, como será discutido a seguir.

Ao nível do governo distrital local, a prevenção contra cheias consistiu em informar antecipadamente às comunidades locais no sentido de estas tomarem acções cautelares, evitar pernoitar nas zonas baixas e recuar bens e criação animal para zonas seguras. Para tal, mesmo com problemas financeiros e falta de meios de transporte, o governo adoptou uma estratégia que consistiu em enviar pessoas, a pé ou usando bicicletas, levando consigo mensagens sobre o risco, às aldeias<sup>96</sup>. Paralelamente, havia troca de informação sobre o desenvolvimento do caudal do rio Limpopo com a estação meteorológica local (Combumune-rio), através do seu técnico permanente. Este alerta as autoridades distritais sobre as variações do caudal do rio. Segundo o oficial da administração, esta troca deixou

<sup>95</sup> O então administrador local, oficiais de administração, chefes dos postos administrativos, chefes das localidades e aldeias

<sup>96</sup> Entrevista com Sr. Ngovene, oficial de administração, Mabalane, 26.06.2000.

uma lição: quando se regista uma subida de caudal na estação (65 km da Sede), só nove horas mais tarde, o mesmo registo se verifica na Sede distrital.

Ao nível das aldeias, as populações também serviram-se de lições sobre as cheias passadas. Por viverem nas proximidades do rio Limpopo, elas conhecem o risco das cheias e, têm por isso, mecanismos tradicionais através dos quais percebem a aproximação de cheias e tomam acções preventivas (Vide tabela 24). Agora, com intervenções cada vez maiores de agências de apoio (governo), as comunidades rurais podem também beneficiar de informações úteis e antecipadas sobre riscos de cheias. Assim, as fontes de informação de que as comunidades se serviram para se informar sobre o risco das cheias são as fontes oficiais e tradicionais.

Segundo os dados apresentados na tabela 24, as fontes oficiais foram menos mencionadas na previsão dos danos das cheias 2000. Das 128 pessoas entrevistadas nas duas comunidades, apenas 53 foram avisadas sobre o risco das cheias (Vide tabela 15, anexo-2). Também pode-se ver, que a informação chegou aos agregados através de vários meios: rádio e chefe da aldeia, vizinhos, enviado do administrador e amantes ou amigos. Alguns meios foram mais mencionados do que outros. Mas não se pode ter nenhuma indicação sobre a importância de cada meio.

Quanto às fontes tradicionais, a situação é muito diferente daquela verificada nas fontes oficiais. Como mostra a tabela 24, todas as pessoas entrevistadas nas duas comunidades fizeram referência aos indicadores locais de previsão de riscos de cheias.

Tabela 24: Número(%) de agregados por tipo de indicador local de riscos (cheias, secas) (N=128).

Fontes	Tsokate		Hoyohoyo		Total	
	n	%	n	%	n	%
Marcas de 77	74	97,4	52	100	126	98,4
<i>Umlhangula</i> <sup>1</sup>	58	76,3	0	0	58	45,7
<i>Magova</i> (valas)	22	28,9	15	29,4	37	29,1
<i>Ukanyi</i> (canhú)	0	0	33	63,5	33	25,8
Lua e vento	0	0	18	34,6	18	14,1
Total	76	100	52	100	128	100

<sup>1</sup> Nome local de um tipo de fruto silvestre (*Euclea divinorum*)

A tabela 24 apresenta dois tipos de indicadores. O 1º, aquele usado para a previsão de cheias inclui os sinais: *magova* (valas), lua e vento. As marcas de 77 servem para a mitigação das cheias por serem indicadores de locais propensos ao risco de cheias. O 2º, usado para a previsão de secas, inclui *umlhangula*, *ukanyi*. Mas a lua e o vento também são usados para este propósito. A seguir, faz-se uma descrição de como são interpretadas e usadas ao nível local.

No contexto local as maiores cheias, antes de 2000, foram as de 1977. Todas as áreas então atingidas pelas cheias são localmente designadas por marcas de 77. A interpretação local é de que todas essas áreas então afectadas pelas cheias, eram consideradas

propensas às inundações e, sempre que houvesse indicação de ocorrência de alguma cheia, precauções eram tomadas com base nestas marcas.

Já referidos no capítulo 3.1 sobre descrição da área de estudo, *magova* transformam-se em corredores de água quando as chuvas são intensas e nalguns pontos são intransitáveis. A interpretação local é que quando as valas escoam água para o rio, cortando as aldeias, as chuvas são intensas e as terras baixas podem ficar inundadas. É por isso um dos mais importantes sinais locais para prever a aproximação de um risco de cheia, se se considerar que a área de captação da bacia do rio Limpopo na zona inclui toda a zona alta do distrito e não só, outros distritos a Norte.

Mencionada pela maioria (76%) das famílias entrevistadas em Tsokate, *umlhangula* é um tipo de fruto silvestre produzido a partir de uma árvore localmente conhecida por *lhangula*. O seu nome botânico é *Euclea divinorum*. Seu fruto é redondo, cor de vinho quando maduro e amadurece na época fresca. Em tempo de fome é um dos principais recursos da população local. A sua produção é irregular, varia de ano para ano. Quando a produção é muita, significa localmente que é ano de muita fome e, este será o recurso enviado por Deus para salvar as pessoas. Quando a produção é má ou baixa, o ano é considerado bom (com chuvas e sem fome). A mesma interpretação se dá a um outro tipo de fruto silvestre localmente conhecido por *ukanyi* mencionado também pela maioria (64%) mas desta vez em Hoyohoyo. O seu nome botânico é *Sclerocarya caffra* Sond. Quando regista boa produção prenuncia ano de seca e fome e, o contrário prenuncia um ano bom (abundância de comida).

Como é que estes sinais influenciam na prevenção de danos? Visto ser a chuva, a principal causa da cheia, os sinais permitem aos moradores desenhar dois cenários possíveis: pode chover muito e provocar cheia ou chover muito mas não provocar cheia. Todas as acções preventivas baseiam-se neste tipo de percepção: saber que existe o risco de a cheia acontecer quando as chuvas são intensas, particularmente para populações vivendo nas zonas baixas.

Com base na informação obtida, e na avaliação dela feita, as pessoas desenham suas respostas: fazer nada, recuar bens ou mesmo abandonar as casas. Assim, a enumeração das actividades desenvolvidas ao nível do indivíduo ou das aldeias, quer pelas autoridades locais quer pela própria população, confirma que a população não tem uma atitude passiva perante os desastres. Igual constatação tinha sido revelada por Cater & Walker, cap.2.2.

Porém, no caso das cheias de 2000, as respostas formuladas localmente eram parcialmente inadequadas porque as lições do passado foram ultrapassadas pelo comportamento das águas. As cheias ocorreram em três fases (ondas) diferentes<sup>97</sup>. A primeira onda deu-se no dia 22 de Janeiro, a segunda nos dias 10-11 de Fevereiro e terceira nos dias 26-27 de Fevereiro. As primeiras duas ondas tornaram a baixar o que desviou a atenção das pessoas. A terceira que provocou a grande cheia ultrapassou os

<sup>97</sup> Entrevista com o Sr. Ramos Baloi, Líder da Igreja Luz de Moçambique, Tsokate, 26.05.2002

níveis de 1977, surpreendendo assim a todos. Foi assim que mesmo com mecanismos locais de contingência, as populações de ambas as aldeias perderam seus haveres.

#### 4.9.2. Durante as cheias

##### Refúgio

Durante as cheias, a zona residencial da aldeia de Tsokate ficou cercada de água; apenas uma casa ficou submersa. Por isso as famílias localizadas nos arredores movimentavam-se para o centro da aldeia a procura de segurança, durante a noite e retornavam às suas casas durante o dia. Em Hoyohoyo o cenário foi diferente. Primeiro porque a zona residencial é atravessada por muitas valas. Segundo porque a maior parte da zona residencial localiza-se na zona baixa. Assim, a maioria das casas situadas no caminho das valas foi arrastada e aquelas situadas na zona baixa submersas. Em nenhuma aldeia a população recebeu assistência de emergência de organizações externas<sup>98</sup>.

O comportamento das cheias e a ausência de apoio externo nas duas aldeias, ditaram as estratégias seguidas pelas pessoas na altura do desastre quando procuravam refúgios em zonas altas. A tabela 25 apresenta um resumo das alternativas encontradas pelas famílias quando procuravam refúgios temporários.

Tabela 25: Número(%) de agregados por locais de refúgio durante as cheias de 2000 (N=128).

Local de refúgio	Tsokate		Hoyohoyo		Total	
	n	%	n	%	N	%
Fora da aldeia: <i>Mananga</i>	0	0	20	38,5	20	15,6
Na aldeia: casa de parente/debaixo de árvores	8	10,5	15	28,8	23	18
Na aldeia: casa própria	68	89,5	17	32,7	85	66,4
Total	76	100	52	100	128	100

A maioria das 128 famílias entrevistadas (85 ou 66%) não foi atingida pelas águas e podia ficar na sua casa (Tabela 25). Os restantes tinham que procurar refúgio. Alguns foram recebidos em casa de parentes (oito famílias em Tsokate contra dez em Hoyohoyo), outros (cinco famílias em Hoyohoyo), não tinham essa sorte e tiveram que procurar abrigo de baixo das árvores na parte alta da povoação, ou num sítio seguro na zona alta da *mananga* (vinte famílias em Hoyohoyo).

A movimentação das famílias durante as cheias difere claramente entre as duas aldeias<sup>99</sup>. Todas as pessoas que foram forçadas a abandonar a aldeia para a zona de *mananga* são de Hoyohoyo, onde pouco menos que 40%. Dos entrevistados tinha que optar por essa estratégia. Em Tsokate, o número que foi deslocado pelas águas era relativamente pequeno (10% dos entrevistados na aldeia) e encontrou na sua totalidade abrigo na

<sup>98</sup> Entrevista com Sr. Alberto Mundlovo, Administrador do Distrito, Mabalane, 27.05.02

<sup>99</sup> A diferença entre as aldeias é estatisticamente significativa: Chi-quadrado calculado é 49,9, dois graus de liberdade, p=0,000.

própria povoação. Este comportamento das pessoas é semelhante ao primeiro cenário descrito no cap. 2.2, em que as pessoas deslocadas ficam dentro ou próximo às suas casas, mesmo se as suas casas são destruídas ou danificadas.

#### Condições de vida nos locais de refúgio

Todas as famílias que estiveram refugiadas em zonas seguras durante as cheias, avaliaram de forma negativa as condições ali encontradas. A tabela 26 apresenta as opiniões dadas por estes em relação a essas condições.

Tabela 26: Condições de vida nos locais de refugio (percentagens entre parênteses).

Condições de vida	Nome da aldeia		Total (N=43)
	Tsokate ( n=8 )	Hoyohoyo ( n=35 )	
Más: falta de abrigo	0	26 (74)	26 (60.5)
Más: falta de alimentos	4 (50)	5 (14)	9 (20.9)
Más: falta de espaço	2 (25)	2 (6)	4 (9.3)
Más: outras necessidades <sup>1</sup>	2 (25)	2 (6)	4 (9.3)
Total	8 (100)	35 (100)	43 (100)

<sup>1</sup>inclui mantas, roupa, bens de cozinha, arrastados pelas cheias.

As condições de vida nos locais de refúgio foram essencialmente caracterizadas pela falta de alojamento. Na tabela 26, cerca de 61 % dos entrevistados refugiou-se em locais sem abrigo, todos de Hoyohoyo. Cerca de 77% dessas pessoas são aquelas que se refugiaram nas mananga (Tabela 25). Ainda na tabela 26, as restantes famílias não tinham comida durante o refúgio (21%), não tinham espaço para dormir incluindo outras necessidades básicas (9%). Na tabela 26, estas famílias são aquelas que estiveram refugiadas na própria povoação.

Aparentemente, as pessoas que se refugiaram fora da povoação não tinham problemas de alimentação e espaço. As que se refugiaram na própria povoação queixam-se mais de falta de alimentos e espaço. Provavelmente as famílias que saíram da povoação tinham capacidade para levar consigo seus bens contrariamente aquelas que não saíram.

#### Crítérios de escolha de refúgio

A escolha do lugar de refúgio foi maioritariamente ditada pelas condições naturais. Cerca de 54% das famílias entrevistadas escolheram o lugar de refúgio em função da direcção e sentido da água (Tabela 27). Todas são de Hoyohoyo. Outras, quase de 40% recorreram a casas de familiares ou conhecidos cujas casas se encontram na zona alta e tinham abrigo. Das famílias que dormiram debaixo das árvores (veja tabela 25), três fizeram isso porque eram numerosas e por isso não podiam caber nos refúgios oferecidos por seus parentes.

Tabela 27: Factores determinantes na escolha de refúgio (percentagens entre parênteses).

Factores	Nome da aldeia		Total (N=43)
	Tsokate ( n=8 )	Hoyohoyo ( n=35 )	
Sentido da água	0 (0)	23 (66)	53.5
Abrigo (casa de parente e conhecidos)	8 (100)	9 (26)	39.5
Tamanho do agregado (falta de espaço)	0 (0)	3 (9)	7.0
Total	100	100	100

Durante as entrevistas, constatou-se que das pessoas que se referiram ao sentido e direcção da água, a maioria receava submersão total da aldeia. As restantes confiavam na segurança das zonas altas existentes na aldeia. Isto determinou a diversificação dos locais de refúgio: *mananga*, na própria povoação (casa própria, casa de parente ou conhecido e debaixo de uma árvore) (Vide cap.4.10.2).

A tomada de decisão para sair de casa e procurar refúgio não sofreu influências de pessoas de fora das famílias afectadas. Era da responsabilidade do chefe de família ou pessoa que o representava na altura da cheia (Vide tabela 16, anexo 2). Tanto em Tsokate assim como em Hoyohoyo, a maioria dos entrevistados tomou pessoalmente a decisão de sair de casa e procurar refúgio. Este comportamento também foi observado por Christie & Hanlon (2000) no seu trabalho sobre as cheias de 2000 (Vide cap.1.2).

#### Famílias acolhedoras

Das 128 famílias entrevistadas, apenas 6% acolheram deslocados. As restantes, 77% não foram solicitadas e 17% foram solicitadas mas não tinham casa para hospedar deslocados. A tabela 28 dá frequências das famílias acolhedoras e não acolhedoras.

Tabela 28: Famílias acolhedoras por aldeia (percentagens entre parênteses)

Famílias acolhedoras	Nome da aldeia		Total (N=128)
	Tsokate (n=76)	Hoyohoyo (n=52)	
Não solicitado	65(85,5)	34(65,4)	99(77,3)
Solicitado: não acolheu	9(11,8)	13 (25,0)	22(17,2)
Solicitado: acolheu	2(2,6)	5(9,6)	7 (5,6)
Total	76 (100)	52 (100)	128 (100)

A aceitação de um deslocado por um acolhedor não depende apenas das relações de parentesco entre estes dois actores, mas também da solidariedade entre estes. Contudo, a tabela 29, a seguir, mostra que a maior parte das famílias que acolheram deslocados fizeram-no por razão de parentesco. Apenas duas famílias fizeram-no por solidariedade.

Tabela 29: Critérios para aceitar deslocados por aldeia (Percentagens entre parênteses).

Critérios	Nome da aldeia		Total (N=7)
	Tsokate (n=2)	Hoyohoyo (n=5)	
Parente	1 (50)	4 (80)	5 (71)
Solidariedade: amigo/conhecido	1 (50)	1 (20)	2 (29)
Total	2 (100)	5 (100)	7 (100)

Na possibilidade de ocorrência de futuras cheias, cinco das sete famílias acolhedoras entrevistadas responderam que aceitariam acolher novos deslocados enquanto que as restantes duas não, por se acharem fragilizadas após as cheias de 2000.

Ambos a escolha dos locais de refúgio pelos deslocados e a aceitação destes pelos acolhedores durante as cheias foram acções separadas das famílias. As lideranças locais não estiveram envolvidadas na coordenação dessas acções. Dasgupta & Serageldin (2000) descrevem este comportamento das pessoas como sendo capital social relacional pois, em vez de serem os líderes locais a dirigirem as acções dos moradores para assistir

os infortunados, estes, baseando-se em normas e crenças locais, espontaneamente assistem os infortunados.

#### 4.9.3 Após cheias

##### Os impactos imediatos

À semelhança do que se disse sobre a situação das cheias no capítulo 4.9.2, a situação pós cheias também foi diferente nas duas comunidades. Apesar do tamanho choque provocado pela cheia em Hoyohoyo, as famílias afectadas nesta aldeia conseguiram, usando recursos localmente disponíveis, restabelecer-se nas suas anteriores ou novas residências dentro ou fora da aldeia, construindo ou reconstruindo seus activos de base, casas e bens perdidos, recuperando suas terras ou obtendo novas terras através de familiares ou líderes locais (Vide cap. 4.10.1). Em Tsokate os estragos eram menores: não houve destruição de residências e consequente abandono da aldeia pelas vítimas (Tabela 30).

Tabela 30: Número(%) de agregados e locais de residência após cheias por aldeia

Local de residência	Nome da aldeia				Total	
	Tsokate (n=76)		Hoyohoyo ( n=52)		N	%
	N	%	n	%		
Aldeia, casa não atingida	75	98,7	20	38,5	95	74,2
Aldeia, casa atingida/casa nova	1	1,3	15	28,8	16	12,5
Fora da aldeia, casa nova	0	0	17	32,7	17	13,3
Total	76	100	52	100	128	100

A tabela 30 mostra que em Tsokate, tanto os agregados que tinham abandonado suas casas assim como os que não o fizeram, voltaram ou permaneceram nas suas casas anteriores. Em Hoyohoyo, 33 % das famílias entrevistadas abandonaram suas casas na aldeia para viver em zonas consideradas seguras (*mananga*) e pouco menos de 30 % permaneceu na aldeia na sua casa anterior ou mudou a sua residência, dentro da aldeia, para um lugar considerado mais seguro.

Os dados apresentados na tabela 30 confirmam de novo que nas aldeias, embora ambas localizadas na proximidade do rio Limpopo, as cheias tiveram impactos diferentes<sup>100</sup>. Assim, o maior abandono efectuado na aldeia de Hoyohoyo é pelo menos em parte consequência de muitas famílias terem perdido suas casas e bens. Mas, de acordo com os informantes-chaves<sup>101</sup>, há outras razões aliadas a esse abandono, nomeadamente: machambas distantes da aldeia, fuga ao risco da doença de *Newcastle*, bloqueio de caminhos às machambas durante as chuvas por valas, e problemas de feitiçaria. As mesmas fontes indicam ainda que a formação da aldeia de Hoyohoyo deveu-se a guerra e, as cheias de 2000 catalizaram o regresso de algumas famílias às zonas de origem.

<sup>100</sup> Chi-quadrado calculado é 58,654, dois graus de liberdade, p=0,000.

<sup>101</sup> Entrevista com Sr. A. Baloi, 1º Secretário da aldeia e Sr. M. Mussika, ex-chefe da aldeia, Hoyohoyo, 10.06.2002 e 16.06.02, respectivamente.

#### 4.9.4 Perdas

Todas as famílias inquiridas nas duas aldeias sofreram perdas por causa das cheias de 2000, mas nenhuma perdeu membro familiar. A tabela 31 mostra o número de agregados que sofreram perdas por aldeia.

Tabela 31: Número(%) de agregados por perdas sofridas durante as cheias de 2000 por aldeia (N=128).

Itens perdidos	Tsokate (n=76)		Hoyohoyo (n=52)		Total	
	n	%	n	%	N	%
Culturas	76	100	52	100	128	100
Instrumentos agrícolas simples <sup>1</sup>	69	90,8	51	98,1	120	93,8
Charruas	52	68,4	41	78,8	93	72,7
Parte de machamba (s) assoreada (s)	38	50,	25	48,1	63	49,2
Machamba (s) totalmente assoreada (s)*	18	23,7	22	42,3	40	31,3
animais: bovinos e caprinos	14	18,4	10	19,2	24	18,8
Habitação*	0	0	22	42,3	22	17,2
Bens de casa*	1	1,3	19	36,5	20	15,6
Outros animais <sup>2</sup>	11	14,5	5	9,6	16	12,5
Pequenas motobombas	1	1,3	3	5,8	4	3,1
Total	76	59,4	52	40,6	128	100

\* As diferenças entre as duas aldeias são estatisticamente significativas

<sup>1</sup> inclui catanas, machados, foices e enxadas

<sup>2</sup> inclui galinhas, patos, e cães guarda-colheitas.

Todas as famílias entrevistadas perderam suas culturas (Tabela 31). Mais de 90% perderam instrumentos simples e pouco mais de 70% perderam charruas. Quase metade ficou com áreas de cultivo reduzidas por assoreamento e pouco mais que um terço abandonou suas machambas porque ficaram inaptas para o cultivo devido ao assoreamento e sedimentação durante as cheias. Outras perdas mencionadas são de animais, habitações e bens de casa (Hoyohoyo), etc..

Analisando as perdas verifica-se que as famílias perderam essencialmente culturas, alfaias e machambas, para além das habitações e bens de casa, no caso de Hoyohoyo. As duas comunidades diferem significativamente em termos machambas totalmente perdidas nas zonas baixas<sup>102</sup>. Em Hoyohoyo, onde as cheias tiveram maior impacto, maior número de famílias perdeu totalmente suas machambas em comparação com Tsokate. Isto é em parte consequência das diferenças na localização das duas aldeias. A aldeia, está muito próxima do rio, para além de estar numa zona relativamente mais plana do que Tsokate.

Em relação às perdas de habitação e bens de casa, as diferenças entre as duas aldeias devem-se ao facto de a área residencial de Hoyohoyo localizar-se, na sua maior parte, na zona baixa enquanto que a de Tsokate localiza-se na zona alta.

<sup>102</sup> Chi<sup>2</sup> calculado é 4,984, um grau de liberdade, p=0,026

Também analisou-se a relação existente entre perdas (charruas) e posse de gado. Verificou-se que para cada grupo, pessoas com e sem gado, a maioria perdeu charruas (Tabelas 32).

Tabela 32: Número de agregados que perderam charrua por posse de gado

Perdeu charrua	Tem gado		Total
	Sim	Não	
Não	15 (42,9)	20 (57,1)	35 (100)
Sim	62(66,7)	31 (33,3)	93 (100)
Total	77 (60,2)	51 (39,8)	128 (100)

A tabela 32, mostra que a maior parte das famílias que perdeu charruas tem gado e maior parte das que não perdeu charruas não tem gado<sup>103</sup>. Os que perderam charrua e não tinham gado perderam também a oportunidade de participar no *kukashela*. Assim, os seus *livelihoods* sofreram profundamente porque uma das suas estratégias de sobrevivência deixou de existir. Os que perderam charrua e tinham gado podiam participar no *kukashela* através do seu gado.

As perdas de animais não foram maiores porque as cheias ocorreram durante a noite<sup>104</sup>. Habitualmente as famílias recuam seus animais às aldeias para passarem as noites. Isto resulta de experiências de cheias anteriores. Os poucos animais perdidos são casos específicos em que durante o recuo alguns animais escaparam dos pastores e ficaram na baixa durante toda noite. Apenas duas famílias entrevistadas perderam seus animais porque se encontravam amarrados na zona baixa. Esta prática de guardar animais na zona baixa é feita por pessoas que lá têm as suas cabanas, como forma de habituar ao dono animais que acabam de adquirir. Estes resultados confirmam novamente que a população não tem uma atitude passiva perante desastres (Vide cap. 2.2).

#### 4.9.5 Mudanças

As cheias tiveram o seu impacto directo, deslocando pessoas e provocando perda de bens, animais e habitações. Mas mesmo agora, dois anos depois da sua ocorrência, as populações de Tsokate e Hoyohoyo indicaram sentir o seu impacto através de certas mudanças nas suas capacidades de usar recursos naturais e a ocorrência de pragas e doenças. A tabela 33 fornece um sumário das mudanças, que, pelo menos na mente dos entrevistados, são consequência das cheias de 2000.

<sup>103</sup> Chi<sup>2</sup> é 6,015, um grau de liberdade, p=0,014

<sup>104</sup> Entrevista com Sr. Ngovene, Oficial da Administração, Mabalane, 26.06.2002

Tabela 33: Número de agregados por tipo de mudança causada por cheias (N=128).

Mudanças	Nome da aldeia				Total	
	Tsokate (n=76)		Hoyohoyo (n=52)		N	%
	n	%	n	%		
Valorização da <i>mananga</i>	66	86,8	52	100,0	118	92,2
Local de armaz. alfaías. agr.	58	76,3	51	98,1	109	85,2
Posse de inst. agrícolas	57	75,0	41	78,8	98	76,6
Prática de rega	73	96,1	25	48,1	98	76,6
Praga de ratos	64	84,2	32	61,5	96	75,0
Falta de chuvas	28	36,8	27	51,9	55	43,0
Doenças humanas	35	46,1	0	0,0	35	27,3
Doenças animais	0	0,0	25	48,1	25	19,5
habitação	0	0,0	25	48,1	25	19,5
Local de pesca	11	14,5	3	5,8	14	10,9
Total	76	59,4	52	40,6	128	100,0

A seguir faz-se uma análise das mudanças, em ordem de maior número de vezes, e a forma como são localmente interpretadas.

**Valorização das *Mananga*.** Agora (2003) dois anos depois das cheias de 2000, a maioria dos agregados em ambas as aldeias valoriza as terras altas, também. Antes das cheias, as mesmas pessoas davam maior importância às *nyaka* e nelas faziam maiores áreas de cultivo enquanto as *mananga*, eram menos usadas para tal<sup>105</sup>. Fazer machamba nas *mananga* envolve a construção de cercas de protecção contra gado. Apenas as famílias com mais posses conseguem fazer e cercar grandes machambas, as restantes, com menos posses, limitam-se a fazer pequenas machambas que podem cercar<sup>106</sup>.

Este esquema espacial foi profundamente modificado pelas cheias de 2000. Depois das cheias, com as chuvas a caírem uma vez por ano (época quente)<sup>107</sup> e com o risco de inundações, as pessoas voltam suas atenções para as *mananga*. Isto tem implicações: aumento de áreas de cultivo nas *manangas* e uso das zonas agrícolas em função das épocas chuvosas. A primeira leva à duplicação das actividades (fazer machambas e fazer cercas). A segunda, que as zonas agrícolas sejam usadas em função da época das chuvas. Num e noutro caso, quer o aumento das áreas nas *mananga*, quer a dependência pelas chuvas, o efeito das mudanças será mais negativo para as famílias mais vulneráveis (Vide cap. 4.7). Nos dois casos são obrigadas a usar *mananga*, onde apenas conseguem fazer pequenas áreas para cultivo. Por exemplo, em Tsokate, onde há problemas de falta de comida, as chuvas apenas caíram uma vez na época agrícola de 2001/02 e as famílias tinham unicamente as *mananga* para cultivar. Os problemas de comida em Tsokate são em parte consequência das cheias de 2000.

<sup>105</sup> As pessoas faziam pequenas áreas. Nessas áreas cultivavam essencialmente hortícolas (abóbora e melancia) e leguminosas (amendoim, variedades de feijões), e por vezes mandioca.

<sup>106</sup> Entrevista com Sr. Monteiro Mussika, 1º chefe da aldeia de Hoyohoyo, 16.06.2002.

<sup>107</sup> Entrevista com o Sr. L. Chaguala, DDADR, Mabalane, 27.06.2002.

**Posse e local de armazenagem de alfaias agrícolas.** Antes das cheias, as famílias guardavam suas alfaias nas próprias machambas. Depois das cheias de 1977, algumas começaram a recuar suas alfaias para áreas não susceptíveis à cheias até então vividas, perto da machamba. Outras simplesmente não recuavam suas alfaias porque não eram arrastadas pela água. Nas cheias de 2000, muitas famílias perderam suas alfaias. Agora, recuam suas alfaias para evitar perdas futuras.

As perdas afectaram também os modos de vida locais. As pessoas, de algum modo, perderam, mas algumas (quem perdeu mas ficou pelo menos com charrua ou gado) conseguiram salvar-se através de inter-ajuda, da qual não tinham sido dependentes antes. Quem ficou sem charrua e sem gado perdeu também esse meio.

**Rega.** A rega é uma prática nova. Antes das cheias de 2000 as pessoas serviam-se da água ou humidade existente nas *mitanga* (áreas em redor de lagoas) e *gumbini* (áreas pantanosas nas margens do rio) para contender os efeitos da seca praticando hortícolas. Estas áreas ficaram destruídas por assoreamento e sedimentação durante as cheias e já não são aptas para conservar água ou humidade. Por causa disso, cerca 96 % das famílias entrevistadas em Tsokate juntaram-se numa área comum na zona baixa<sup>108</sup> onde cada família tem uma pequena parcela para regar e semear abóbora. Em Hoyohoyo pouco mais que metade fazem por iniciativa própria, pequenos canteiros (*switangana*) com cercas. Nesses canteiros semeiam e regam batata-doce e outras hortícolas.

**Praga de ratos.** As razões porque os ratos são consequência das cheias diferem nas duas aldeias. Com a destruição de *mitanga*, as acções de contenda contra seca passaram para uma nova área. Nela a população semeiou abóbora (semente oferecida pela LWF) que não germinou devido a ratos que comiam as plântulas em germinação. Fazendo um paralelismo entre a situação antes e pós cheias de 2000, a opinião local enquadra este novo fenómeno de ratos à ocorrência de cheias.

Também, a mudança de espaços usados para contenda contra seca, pode ter estado na origem deste aparente surto de ratos. Pode ser que a nova área tinha mesmo antes das cheias este problema, mas como não era usada, é difícil relacionar as cheias com os ratos.

Em Hoyohoyo, a praga de ratos afecta os estoques de comida nos celeiros. A interpretação local, é de que as cheias afugentaram os ratos do mato para a aldeia. Então, comparando a incidência de ratos antes e depois das cheias, a opinião local é de que a incidência de ratos aumentou por causa das cheias.

**Falta de chuvas.** Em relação à falta de chuvas há uma opinião geral, em ambas as aldeias, de que as chuvas caem apenas uma vez por ano desde a ocorrência das cheias de 2000. Embora reconheçam que mesmo antes das cheias as chuvas fossem irregulares, adiantam que normalmente chovia uma vez por cada época. Esta mudança, também contestada pelo Director Distrital de Agricultura local, não é uma consequência directa das cheias, mas sim, uma coincidência com a situação pós cheias. Daí que para alguns

<sup>108</sup> Estas acções foram da iniciativa da LWF, uma ONG com representação na aldeia

esta mudança é divina. Explicam assim, que depois de Deus deixar cair muita água, que destruiu muitas “coisas”, era normal que parasse água (chuva) por algum tempo.

**Doenças.** Em relação às doenças, há duas opiniões diferentes nas duas aldeias. Cerca de 46 % das famílias entrevistadas na aldeia de Tsokate acha que a ocorrência das cheias trouxe novas doenças nas pessoas enquanto que em Hoyohoyo, pouco mais de 46 % de entrevistados acredita que as cheias trouxeram novas doenças não nas pessoas, mas sim, em animais. Aliado a isso deve estar o facto de em Tsokate haver problemas de pobreza : poucos celeiros, maioria vazios e não cobertos, uma refeição diária e maioria dos moradores magros<sup>109</sup>. Em Hoyohoyo não há sensação de problemas de saúde devido ao aparente bem estar social: muitos celeiros cobertos e com reservas alimentares, duas refeições diárias (Vide cap. 4.2.3).

**Habitação.** Como discutido no capítulo 4.9.4, em Hoyohoyo as pessoas perderam suas habitações. Por causa disso, pouco mais de 30 % mudaram e fixaram-se em novas casas, fora da aldeia (5 a 10 km da aldeia). Estas mudanças resultaram na separação de algumas famílias. Os que ficaram sentem falta dos que saíram e vice-versa.

Por exemplo, a *Sr. Maria Minyuku*, viúva com cerca de 68 anos, cuja casa não sofreu das cheias explicou que vivia próximo de três filhos seus que, devido a destruição de suas casas, mudaram-se da aldeia e agora, ela dificilmente consegue ter contactos com eles por estarem longe e quando quer alguma coisa tem pedido alguém para mandar chamá-los.

Este exemplo mostra que as mudanças têm implicações sobre a prática de relações tradicionais de ajuda mútua e parentesco. As pessoas que se mudaram procurarão criar novas relações sociais com os novos vizinhos o que, de algum modo, pode contribuir para o enfraquecimento das relações com os anteriores vizinhos ou parentes e, estes por sua vez também tentarão criar novas relações, dada a situação.

#### **4.10. Estratégias de sobrevivência após cheias**

A ocorrência cíclica das crises nas aldeias de Tsokate e Hoyohoyo forçou as pessoas a diversificarem suas estratégias de sobrevivência: a maioria envolveu recorrência a recursos locais (quer materiais quer sociais), algumas envolveram a assistência de fora. As estratégias e a sua importância relativa segundo o número de entrevistados que as mencionou encontram-se enumeradas na tabela 34.

---

<sup>109</sup> Na altura do estudo.

Tabela 34: Estratégias de sobrevivência, após cheias de 2000, por aldeia.

Estratégias de sobrevivência	Tsokate (n=76)		Hoyohoyo (n=52)		Total	
	n	%	n	%	N	%
Duas machambas <sup>1</sup>	74	97,4	52	100,0	126	98,4
Fruta silvestre	73	96,1	52	100,0	125	97,7
Venda de posses* <sup>110</sup>	47	61,8	48	92,3	95	74,2
Corte de refeições	54	71,1	34	65,4	88	68,8
Compra de comida	44	57,9	31	59,6	75	58,6
Ajuda de ONG's* <sup>111</sup>	47	61,8	23	44,2	70	54,7
Venda de carvão* <sup>112</sup>	28	36,8	36	69,2	64	50,0
Pequenos negócios <sup>2</sup>	40	52,6	23	44,2	63	49,2
Remessas	35	46,1	27	51,9	62	48,4
Caça * <sup>113</sup>	24	31,6	25	48,1	49	38,3
Emigração	19	25,0	20	38,5	39	30,5
Pesca	13	17,1	6	11,5	19	14,8
Total	76	59,4	52	40,6	128	100

<sup>1</sup> machambas alternativas, uma machamba na baixa e outra na zona alta.

<sup>2</sup> pequenos negócios ocasionais.

A seguir faz-se uma análise das estratégias apresentadas na tabela 34 em ordem de maior número de vezes. Nas análises procura-se explorar as diferenças e os factores que influenciam a natureza de cada estratégia no contexto das duas comunidades.

A recorrência a duas machambas alternativas foi mencionada por quase todos os agregados entrevistados. Esta estratégia consiste em fazer uma machamba na zona alta e outra na zona baixa. Desta forma as famílias controlam o comportamento das cheias em coordenação com as épocas chuvosas, recorrendo às zonas altas na primeira época e às zonas baixas baixas, na segunda época.

A fruta silvestre é também uma estratégia de sobrevivência importante, mesmo depois das cheias. Quase todos entrevistados recorrem nela em tempo de carências alimentares durante a seca. Em Tsokate a população recorre essencialmente a tubérculos de *mativi* (*Nymphaea nouchali*) e frutos de *Umlhangula* (*Euclea divinorum*). Enquanto que a população de Hoyohoyo, recorre a raízes (*Xikutso* ou *Boscia albitrunca*) e frutos como: *tinlhaswa*, *Nkuwa* (*Adansonia digitatis*), *Tintoma* (*Diospyros mespiliformes*), *Usholo* e *Ukanyi* (*Sclerocarya caffra Sondii*). As famílias entrevistadas em Tsokate não mencionaram *ukanyi*, mas observou-se que as mulheres mais velhas dedicam-se à sua colecção e vendem a amêndoa.

<sup>110</sup> Chi<sup>2</sup> calculado é 14,976, um grau de liberdade, p=0,000

<sup>111</sup> Chi<sup>2</sup> calculado é 3,864, um grau de liberdade, p=0,049

<sup>112</sup> Chi<sup>2</sup> calculado é 12,985, um grau de liberdade, p=0,000

<sup>113</sup> Chi<sup>2</sup> calculado é 3,557 um grau de liberdade, Chi<sup>2</sup> crítico é 2,71 a 10 % de significância

A colecta de fruta silvestre é feita exclusivamente por mulheres e crianças em Tsokate enquanto que em Hoyohoyo não há uma divisão clara de tarefas quanto a esse respeito. Alguns entrevistados afirmaram que a recolha de *ukanyi* é exclusiva das mulheres e o resto da fruta é colectada tanto por homens assim como por mulheres.

A maioria (70%) das famílias entrevistadas vende suas posses em situações de crises geralmente causadas por secas prolongadas<sup>114</sup> ou perdas de bens causadas por cheias e, nalgumas vezes, para satisfação de outras necessidades da família. Mas como observado as vendas em Hoyohoyo eram motivadas pelas boas produções conseguidas pelos moradores na campanha anterior. Por isso havia muitos moradores vendendo suas produções. Em Tsokate, onde havia falta de comida, os moradores vendiam suas posses para minimizar os problemas de fome. Estas vendas incluem animais ou troca destes por alfaias agrícolas ou comida, produtos agrícolas e venda de outros bens. As vendas são geralmente feitas na própria povoação.

Pouco menos de 70 % dos entrevistados reduzem o número de refeições para gerir crises de carências alimentares. Fazem isto em combinação com fruta silvestre. No caso de Tsokate verificou-se que os moradores comem fruta silvestre durante o dia. O jantar é a única refeição do dia. Em Hoyohoyo as pessoas tomam regularmente duas refeições por dia e a fruta silvestre é escaça na aldeia.

Cerca de 58 % dos entrevistados em Tsokate compraram comida, pelo menos uma vez depois das cheias. Em Hoyohoyo, pouco mais do que isso, só compraria comida apenas em casos de fome. Estas compras são geralmente feitas via troca directa por animais, compra por dinheiro, ou empréstimos entre moradores. O relativo maior número de vezes em Tsokate é pelo menos consequência da fome que assolava a aldeia durante o trabalho de campo.

As populações estudadas também fazem e vendem carvão. Mais de 60 % dos inquiridos em Hoyohoyo e pouco menos que 40 % em Tsokate fabricaram e venderam carvão pelo menos uma vez após cheias de 2000. Há duas formas de fabricar carvão. Algumas pessoas usam a técnica do forno<sup>115</sup>. Outras, geralmente mulheres, recorrem a técnica local conhecida por *kutotlela*<sup>116</sup>. Contudo, as mulheres com posses ou com amigos, conseguem contractar mão-de-obra local. Assim usam o método do forno. Ao que parece, as diferenças entre as duas aldeias estão relacionadas com a riqueza. Em Hoyohoyo, alguns moradores têm licença de corte de carvão enquanto que em Tsokate, nenhum<sup>117</sup>. Os que vendem, fazem-no ilegalmente.

<sup>114</sup> Não se exclui a possibilidade de as cheias também causarem carências alimentares

<sup>115</sup> Esta técnica consiste em cortar e juntar troncos num local e de seguida tapar com areia e queimar; o carvão daí resultante é de boa qualidade e o rendimento é maior. Foi introduzida nas aldeias pelos carvoeiros de fora.

<sup>116</sup> Uma forma de fazer carvão queimando árvore por árvore e de seguida, também árvore por árvore, fazer a recolha do carvão queimado evitando sempre que os troncos queimem totalmente; produz carvão de pior qualidade e o rendimento é mais baixo.

<sup>117</sup> Entrevista com Sr. S. Matongue, Chefe da aldeia, Tsokate, 18.05.02

As ONG's também são uma opção de sobrevivência, principalmente depois das cheias nas duas comunidades. Cerca de 55% das famílias entrevistadas receberam apoio externo. Este apoio, muito depois da emergência provocada pelas cheias de 2000, foi distribuído na forma de comida pelo trabalho envolvendo a população local em projectos de reabilitação de ruas, escolas, construção de pontecas, etc. Também houve apoio gratuito. As razões da chegada tardia do apoio foram o isolamento do distrito durante as cheias e a demora por parte das instituições de apoio<sup>118</sup>. A pouca menção em Hoyohoyo deve-se a má administração, pelos líderes locais, das ajudas doadas à aldeia (Vide cap. 4.6). Por isso, muitas pessoas que esperavam ter acesso a ajuda não tiveram.

Pouco mais que um quarto das famílias entrevistadas têm membros trabalhando ou vivendo na R.A.S.. Desses membros conseguem ter acesso a remessas. As remessas são uma das principais fontes de sobrevivência no contexto dos modos de vida locais, tanto para situações de fome assim como para responder às perdas causadas por cheias, como por exemplo a compra de charruas. Os maiores beneficiários desta estratégia são as famílias que têm membros residindo ou trabalhando na R.A.S. As remessas são feitas por dinheiro ou em espécie.

As populações estudadas também participam na comercialização de seus produtos através de pequenos negócios ocasionais. Quase 50% dos entrevistados fazem ocasionalmente pequenos negócios nos períodos durante ou depois de uma colheita bem sucedida. O milho é a principal cultura usada para venda e como moeda de troca com os comerciantes informais. Estes por sua vez trazem bens de consumo<sup>119</sup> e roupas. Por exemplo, depois das cheias de 2000 muitas famílias venderam suas produções agrícolas, como um morador de Hoyohoyo referiu :

*Por causa do milho de 2000, já é possível sair daqui da aldeia para Chókwe porque muitos comerciantes informais (vagwevi) chegam na aldeia para comprar nosso milho, antes só apanhava-se carro no Serpa (estação de CFM) ou Mabalane<sup>120</sup>.*

Mas estes negócios são efêmeros. Segundo informantes-chaves<sup>121</sup>, a actividade é efêmera porque quando chega a época agrícola as famílias dedicam-se às actividades agrícolas; custos de transporte aldeia-Chókwe são elevados; o comboio que é relativamente barato só passa uma vez por semana e apenas leva carga com pré-pagamento, o que muitas pessoas não suportam por não ter dinheiro "cash"; o mercado local é fraco.

Para além da fruta silvestre que colectam na floresta, os agregados também conseguem carne através da caça. Poucos inquiridos (38%) recorrem a carne de caça para consumo e venda em ambos tempos normais e de crises. Pelas constatações no terreno, as diferenças entre as duas aldeias parecem ser ecológicas e/ou geográficas. Os moradores de Tsokate queixam-se da falta de animais nas florestas. Em Hoyohoyo, a carne de caça é frequente

<sup>118</sup> Entrevista com Sr. Gilberto, Oficial de campo da LWF, Tsokate, 20.05.02

<sup>119</sup> Arroz, sabão, açúcar, sal, tomate, óleo, bebidas tradicionais e convencionais, hortícolas, etc..

<sup>120</sup> Entrevista com o Sr. Monteiro Mussika, ex-chefe da aldeia, Hoyohoyo, 16.06.2002

<sup>121</sup> Entrevista com o Sr. Lhongo, proprietário da loja e Sr. M. Mussika, ex-Chefe da aldeia, Hoyohoyo, 16.06.02.

(observações). Observou-se também que a carne de caça é essencialmente para venda do que para consumo. O mercado da carne de caça é amplo: professores locais, trabalhadores de ONG's e comerciantes informais, são os principais compradores.

As populações locais também aproveitam a localização de suas aldeias junto da fronteira com a África do Sul para procurar alternativas de sobrevivência. Cerca de 25% das famílias entrevistadas em Tsokate e quase 40% em Hoyohoyo, têm membros que normalmente usam esta prática de emigração<sup>122</sup>. Fazem-na como forma de procurar oportunidades de emprego ou algo que de alguma forma contribua para o bem estar da família. Mas, segundo os entrevistados, a emigração também é usada para: fugir trabalhos agrícolas, responsabilidades na família quando há crise de fome e problemas sociais na aldeia. Estas emigrações são feitas essencialmente para R.S.A.. (Vide também cap.2.6.4)

A pesca é também fonte de rendimento e consumo para cerca de 15% dos entrevistados. É feita nas lagoas ou no rio, caso de Tsokate e, apenas no rio, em Hoyohoyo. As pessoas praticam a pesca em ambos os tempos normais e de crise. Quando em crise de fome, para além de vender ou consumir, as famílias também trocam peixe por comida (milho, e outros produtos locais de consumo), como observado em Tsokate.

#### Discussão

A diversificação das estratégias de sobrevivência varia ao nível dos agregados familiares. Esta diversificação pode ser quantificada, permitindo assim ter uma ideia sobre o nível de utilização dos recursos ou capitais localmente disponíveis (tabela 35).

Tabela 35: Diversificação das estratégias ao nível do agregado (No de estratégias=12 )

No de famílias	Número aproveitamento	Percentagem das opções aproveitadas
8	4	33,3
14	5	41,7
33	6	50,0
31	7	58,3
24	8	66,7
11	9	75,0
7	10	83,3
<b>Tota (N=128)</b>	<b>12</b>	<b>100</b>

A tabela 35 mostra que a maioria dos agregados (104), tem um nível de aproveitamento das opções localmente disponíveis igual ou superior a 50 %. Os restantes têm um nível de aproveitamento inferior a 50 %. Estas diferenças no nível de utilização dos recursos confirmam novamente as diferenças sociais discutidas no capítulo sobre os capitais e diferenciação social, que mostraram diferentes capacidades para diferentes famílias. Assim, o género, a riqueza e a localização das aldeias, relacionados com os *livelihoods*, constituem o principal eixo de diferenciação dentro e entre as aldeias. Este eixo, resultante da interação entre os capitais e os *livelihoods*, determina o número de

<sup>122</sup> Localmente é conhecido por *kutlulela* ou saltar fronteira para África do Sul

alternativas que um agregado pode ter. Por isso alguns agregados conseguem ter mais alternativas do que outros.

Os *livelihoods* ora descritos são uma mistura de actividades dentre as quais se destacam a produção de culturas e animais, colecta de produtos da floresta, pequenos negócios, recepção de remessas de famílias vivendo ou trabalhando fora, etc. Campbell *et al.* (2002) fez referência a este padrão de *livelihoods*. Segundo Campbell *et al.*, os *livelihoods* em toda a África rural dependem de mistura de actividades.

#### 4.10.1. Respostas contra cheias

Quando a população rural é assolada por crises, ela age em função das características desta e dos condicionalismos locais. São estes condicionalismos que podem forçá-la a seguir um dos seguintes caminhos: recorrer ao tradicional ou depender de ajuda externa. Durante as cheias, por exemplo, as pessoas fazem adaptações locais que lhes permitem contender a crise, no mínimo para a sobrevivência de si, enquanto não houver apoios externos.

Aparentemente, a ausência de assistência está relacionada com o isolamento da região mas também pode resultar da negligência por parte das agências de apoio, como parece confirmar a seguinte questão: *As ONG's pensam que as pessoas afectadas pelas cheias são aquelas cujas casas foram destruídas pelas cheias apenas. E aquelas que perderam culturas e bens produtivos por arrastamento*<sup>123</sup>?

Esta afirmação surge pelo facto de que o apoio das ONG's veio tarde, depois de as populações locais terem recuperado parte do que perderam com as cheias, como por exemplo, reposição de casas e produção de culturas.

Genericamente, a resposta às cheias dada pelos moradores nas duas comunidades começou durante as cheias e continua até agora (2003), incluindo os apoios tardios das ONG's. Este é o facto de que não existe uma separação clara entre resposta às cheias e estratégias de sobrevivência (Tabela 36).

---

<sup>123</sup> Entrevista com o Sr. Alberto Mundlovo, administrador do distrito, Mabalane, 27.05.2002

Tabela 36: Número (%) de agregados por tipo de resposta contra os efeitos das cheias de 2000 (N=128)

Respostas	Nome da aldeia				Total	
	Tsokate (n=76)		Hoyohoyo (n=52)		N	%
	n	%	n	%		
1 <sup>as</sup> chuvas recorrência às <i>mananga</i>	76	100	52	100	128	100
Recuo de alfaias agrícolas	76	100	52	100	128	100
Apoio de ONG's	70	92,1	23	44,2	93	72,7
Prática de rega: horticolas	75	98,7	21	40,4	96	75,0
Venda de produtos da machamba	39	51,3	38	73,1	77	60,2
Adquisição de novas charruas	28	36,8	39	75,0	67	52,3
Venda de carvão ou <i>Xikoropa</i>	31	40,8	15	28,6	46	35,9
Recorrência a <i>kukashela</i>	15	19,7	18	34,6	33	25,8
Recorrência a machamba familiar	9	11,8	19	36,5	28	21,9
Construção de casa nova	1	1,3	25	48,1	26	20,3
Recorrência a <i>kurimela</i>	18	23,7	8	15,4	26	20,3
Recuperação de charruas soterradas	3	3,9	14	26,9	17	13,3
Apoio de líderes locais	8	10,5	9	17,3	17	13,3
Aluguer de meio de transporte*	0	0	4	7,7	4	3,1
<b>Total</b>	<b>76</b>	<b>59,4</b>	<b>52</b>	<b>40,6</b>	<b>128</b>	<b>100,0</b>

\* perderam carroças ( ou *xilei*, Carroça tradicional sem rodas, puxada por bois) durante as cheias

Segundo a tabela 36, as principais acções de resposta consistem em usar as zonas agrícolas em função da época, recuar alfaias agrícolas para zonas seguras, receber apoios de ONG's, usar a prática da rega para fazer horta no período de secas, venda de produções, adquirir novas charruas, vender carvão, etc..

Analisando o nível de resposta ao nível dos agregados, há muita diversificação como mostra a tabela 37.

Tabela 37: Diversificação das respostas ao nível do agregado (Nº total de respostas=14 )

Número de famílias	Número de respostas aproveitadas	Percentagem de opções aproveitadas
5	3	21,4
6	4	28,6
35	5	35,7
37	6	42,9
21	7	50,0
14	8	57,1
9	9	64,3
1	10	71,4
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>100</b>

N=128.

A tabela 37 mostra que a maioria das famílias tem um aproveitamento baixo (menor que 50 %) das opções de respostas localmente disponíveis (83 famílias). 21 famílias têm um aproveitamento igual a 50 % e as restantes 23, têm um nível maior que 50 %. Estes níveis de diversificação de respostas mostram, primeiro a vulnerabilidade das famílias em

relação às crises (difícil encontrar uma solução única e eficiente) e, em segundo lugar, a capacidade destas em usar os capitais disponíveis localmente. Algumas famílias têm mais respostas que outras e, por isso, mais capacidade que outros.

#### **4.10. 2 Resposta contra seca**

A seca é um dos mais importantes riscos que afecta as duas comunidades em especial a comunidade de Tsokate. Nos últimos anos há dois actores participando nas acções de contenda: a própria população e as agências de apoio.

##### Actores externos: Agências de apoio (Governo e ONG's)

As agências de apoio distribuem comida e sementes às comunidades carentes em tempo de seca. Quando a ajuda é de comida ela é administrada na forma trabalho por comida e, nalgumas vezes, gratuitamente. Quando é semente, ela é distribuída a pessoas com acesso a rega<sup>124</sup>. Os maiores problemas destes apoios são a forma como se administram às populações beneficiárias: tempo de chegada e selecção dos beneficiários.

Os programas de apoio às vítimas da seca são tardios. Por exemplo, no caso da presente seca (tempo de estudo), os programas tinham sido previstos para começar em Novembro de 2001 e, começaram apenas em abril de 2002. Isto é devido a formação de parcerias<sup>125</sup>.

Na distribuição de sementes, também há problemas graves. O pressuposto é que as famílias não têm semente para fazer face à seca e uma vez com semente, poderão fazer culturas de contenda contra seca. Sendo uma zona com secas recorrentes, o governo local adoptou uma estratégia: distribuir a semente apenas aos agricultores possuindo sistemas de rega ou vivendo em zonas ribeirinhas<sup>126</sup>. A ideia é que esta semente é dada em forma de crédito aos agricultores com sistemas de rega na esperança de que estes farão a multiplicação. A semente produzida será distribuída aos restantes agricultores sem meios através do Governo distrital. As implicações são que as pessoas mais vulneráveis continuam sem beneficiar e os não vulneráveis vão consolidando posições, acabando por formar pequenas elites.

Também importa salientar que a LWF, individualmente vem implementando programas de luta contra seca (fome) nas comunidades onde tem representações como são os casos de Tsokate e Muinge. Esses programas fracassaram e a causa de fracasso é comum: água de rega. Trata-se de programas de multiplicação de rama de mandioca e hortícolas para fazer face a seca em Tsokate (observações) e multiplicação de banana em Muinge<sup>127</sup>

##### Actores locais: a população

As duas comunidades não beneficiam de sistemas de aviso prévio sobre riscos de seca. Mas elas têm mecanismos locais para prever seca (ver cap. 4.9.1). Por isso as pessoas

<sup>124</sup> Entrevista com Sr. Lopes Chaguála, DDADR, Mabalane, 26.06.2002

<sup>125</sup> PMAe Doadores; PMA, Governo e ONG's e finalmete ONG's Líderes locais. Isto leva o seu tempo.

Entrevista com Sr. Jaime Tembe, coordenador da LWF, Chókwè, 26.09.2002

<sup>126</sup> Entrevista com Sr. Lopes Chaguála, DDADR, Mabalane, 26.06.2002

<sup>127</sup> Ibbidem

fazem a contenda de secas recorrendo aos recursos existentes à sua volta ou em outras comunidades (Tabela 38): fruta silvestre, caça, venda de carvão, pequenos negócios e serviços e aproveitamento das machambas agrícolas ou mesmo recorrendo às dis-economias individuais, comprando comida, corte de refeições, poupar comida no celeiro, fazer empréstimos, fazer pequenos negócios e finalmente o uso de laços dentro e fora da comunidade: remessas, *kuthekela*, também empréstimos, e emigração para R.S.A.

Tabela 38: Número(%) de agregados por tipo de resposta contra seca (N=128)

Respostas	Nome da aldeia				Total	
	Tsokate (n=76)		Hoyohoyo (n=52)		N	%
	n	%	n	%		
Fruta silvestre	73	58,4	52	41,6	125	100
Recorrência à rega	75	78,1	21	21,9	96	100
Corte de refeições	51	60,7	33	39,3	84	100
Compra de comida* <sup>1</sup>	45	52,9	40	47,1	85	100
Remessas	34	64,2	19	35,8	53	100
Venda de carvão*	17	41,5	24	58,5	41	100
Pequenos negócios <i>ocasionais</i>	24	60	16	40	40	100
Xikoropa* <sup>3</sup>	29	85,3	5	14,7	34	100
Caça: venda /consumo*	11	32,4	23	67,6	34	100
Controlar e/ não vender comida	0	0	34	100	34	100
<i>Kuthekela</i> *	13	40,6	19	59,4	32	100
Emigração para RSA	18	62,1	11	37,9	29	100
Empréstimos <sup>2</sup>	12	46,2	14	53,8	26	100
Pesca:venda/consumo*	18	81,8	4	18,2	22	100
Venda de serviços <sup>4</sup>	14	66,7	7	33,3	21	100
Aproveitamento da machamba <sup>5</sup>	0	0	9	100	9	100
Total	76	59,4	52	40,6	128	100

\* O teste estatístico é significativo

<sup>1</sup> por venda ou troca de animais

<sup>2</sup> inclui dinheiro e comida

<sup>3</sup> trabalhos casuais:trabalhos não claros (das mulheres) e casuais (com os carvoeiros ou na aldeia)

<sup>4</sup> inclui: receitas do doentes, artesanato, cabos de enxadas, cangas e capim

<sup>5</sup> inclui rebentos de abóbora e feijão

Algumas diferenças verificadas entre as duas aldeias já foram discutidas no âmbito das estratégias de sobrevivência (cap. 4.10), como venda de carvão e caça. As diferenças que se verificam na compra de comida, *Xikoropa* e pesca, em que Tsokate apresenta maiores percentagens, parecem estar relacionadas com problemas de pobreza. Os agregados em Tsokate são aparentemente mais pobres do que os de Hoyohoyo (Vide cap. 4.2). Hoyohoyo apresenta maior percentagem de agregados a fazer empréstimos, venda de carvão, *kuthekela*, provavelmente porque os moradores têm maior poder económico para suportar os custos de fazer estas actividades.

### Discussão

As cheias, secas (e doenças) e guerra já terminada, formam uma teia de dificuldades que tornam as aspirações pela sobrevivência cada vez mais limitadas para as pessoas mais vulneráveis em ambas as aldeias. Dentro dessa teia, a floresta (fruta silvestre, raízes e

carvão), as lagoas (nas comunidades vizinhas) onde podem extrair peixe, nenúfar (*mativi*, o nome botânico é *Nymphaea nouchali*) e as redes tradicionais de ajuda mútua são os principais mecanismos de gestão ( e sobrevivência ) de riscos em ambas as aldeias.

Olhando para as características agroecológicas da região<sup>128</sup> e aproveitando o conhecimento local sobre a ocorrência dos riscos, no mínimo devia-se tomar duas estratégias para gerir riscos de seca: a primeira seria maximizar a produção (ganhos) e, a segunda, minimizar as perdas poupando as reservas. A primeira é no sentido de orientar as famílias a aumentarem a sua produção de culturas em anos bons, aproveitando a riqueza do vale. A ideia é que muita produção num ano bom pode contrabalançar as más produções em anos maus se as pessoas conservarem os *stocks*. As actividades fora da machamba localmente desenvolvidas podem ajudar muito na gestão desses *stocks* por muito tempo. A segunda estratégia, mais defensiva, seria orientada para o uso de mecanismos de sobrevivência como introduzir culturas de resistência para o consumo local. Por não ser uma zona marginal, esta estratégia limitaria a capacidade ofensiva local (produzir mais). E portanto, menos aconselhável.

Finalmente, a população faz a produção agrícola sabendo que pode sofrer um risco de danos por cheias e assim, intensifica também a produção animal, outro instrumento extremamente importante primeiro como banco de dinheiro e, para usar quando a situação da crise for grave.

#### 4.10.3. Impedimentos

Recuperar dos efeitos das cheias é um processo penoso e leva tempo. Para tal, as pessoas afectadas envolveram-se em várias actividades com vista restabelecer o seu modo de vida. A maior ambição para os moradores era fazer pequenos negócios, contender seca, cortar troncos para fazer e vender carvão, etc. (Tabela 39), tudo na perspectiva de melhorar seus rendimentos. Mas não conseguiram devido às dificuldades em obter dinheiro, raticidas para combater a praga de ratos, licença de corte de carvão e feitiçaria.

---

<sup>128</sup> O vale do Limpopo é rico em terras férteis e sofre regularmente cheias e secas (DNA, 1996).

Tabela 39: Número(%) de agregados por tipo de impedimentos por aldeia (N=128)

Acções, impedimentos	Nome da aldeia				Total	
	Tsokate (n=76)		Hoyohoyo (n=52)		N	%
	n	%	n	%		
Pequenos negócios: Dinheiro	48	63,2	36	69,2	84	65,6
Semear horta: Ratos	68	89,5	0	0	68	53,1
Carvão: Licença de corte	40	52,6	22	42,3	62	48,4
Pequenos negócios: Feitiçaria	38	50,0	23	44,20	61	47,7
Horta: Água	53	69,7	0	0	53	41,4
Criação de aves: Newcastle* <sup>129</sup>	21	27,6	26	50,0	47	36,7
Acesso a machamba: <i>magova</i> <sup>1</sup>	0	0	22	42,3	22	17,2
Emigrar: Documentos e animais ferozes <sup>130</sup>	5	6,5	13	13,0	18	14,1
Machamba: Queimadas <sup>2</sup>	17	22,4	0	0	17	13,3
Vender carvão: Conhecidos	16	21,1	0	0	16	12,5
Distância <sup>3</sup>	0	0	13	25,0	13	10,2
Total	76	59,4	52	40,6	128	100,0

<sup>1</sup> a água que passa pelas valas durante as chuvas, bloqueia os caminhos de acesso às machambas

<sup>2</sup> a ocorrência de queimadas descontroladas nas *mananga*, destroem cercas nas machambas das pessoas

<sup>3</sup> algumas pessoas têm suas machambas em locais distantes, fora da aldeia, entre 5 a 15 km.

Observando ainda a tabela 39, nota-se que a agricultura, emigração e venda de carvão, são outras actividades que constituem problema para os agregados. Em relação a actividade agrícola, as pessoas entrevistadas em Hoyohoyo dizem que as valas bloqueiam os caminhos para as machambas em tempos chuvosos. As queimadas não controladas também destroem as cercas de protecção contra gado nas *mananga* de Tsokate. A falta de documentos e medo de morte por animais ferozes impede algumas pessoas de emigrar.

Em Tsokate (Niza), quando as pessoas não conseguem vender carvão por não ter licença de venda, recorrem a amizades e outras relações sociais e económicas com os carvoeiros. Quem não tem acesso a essas redes sociais: amigos, amantes (*mbuzi*), conhecidos, etc., dificilmente consegue vender o carvão que produz. Segundo moradores, os carvoeiros geralmente impedem a venda de carvão por indivíduos que não tenham relações ou negociado com eles. Assim, algumas pessoas ariscam-se a vender seu carvão mesmo sem licença. Com a fiscalização, maior parte de carvão vendido ilegalmente é confiscado<sup>131</sup>.

Também analisou-se a relação entre impedimentos e tipo de agregado e constatou-se que no geral as famílias chefiadas por homens são as que mais reclamam falta de dinheiro para fazer negócios (tabela 40)<sup>132</sup>. Mas entre as famílias chefiadas por mulheres de *jure*, o maior número é daquelas que não fazem negócios pela mesma causa.

Tabela 40: Número(%) de agregados sem dinheiro para fazer negócios por tipo de agregado.

<sup>129</sup> Chi<sup>2</sup> calculado é 6,648, um grau de liberdade, p=0,010

<sup>130</sup> Chi<sup>2</sup> calculado é 7,212, um grau de liberdade, p=0,003

<sup>131</sup> Entrevista com Sr. Pedro Xadrique, fiscal florestal de Mabalane, 19.09.2002.

<sup>132</sup> Chi<sup>2</sup> calculado é 6,357, um grau de liberdade, p=0,012

Tema: Papel das Instituições locais na resposta a desastres naturais: Caso das Cheias de 2000 na região do Alto Limpopo

Falta de dinheiro	Agregado chefiado por		Total
	Homem	Mulher <i>de jure</i>	
outro	35 (79,5)	9 (20,5)	44 (100)
Sim	48 (57,1)	36 (42,9)	84 (100)
Total	83 (64,8)	45 (35,2)	128(100)

Entretanto, a tabela 40 mostra ainda que para cada um dos grupos, aqueles que não fazem pequenos negócios por falta de dinheiro e aqueles que não fazem por outros motivos, a maioria são as mulheres *de jure*.

## 5. CONCLUSÕES

Nos capítulos anteriores, descreveram-se estratégias de sobrevivência das populações de Tsokate e Hoyohoyo directa e indirectamente afectadas pelas cheias de 2000. Mostrou-se que as pessoas aplicaram um leque de opções variando de agricultura até a emigração, e que nessas opções o acesso aos cinco capitais (natural, físico, financeiro, humano e social) era de crucial importância para essas famílias. No momento das cheias, conhecimento sobre as cheias anteriores (capital humano), e acesso a redes sociais, principalmente de parentesco (capital social) eram determinantes no sucesso dos agregados directamente afectados em minimizar as suas perdas através de medidas de prevenção (por exemplo, recuar as alfaias agrícolas), e encontrar refúgio.

O sucesso destas medidas de contenção tomadas ao nível dos agregados individuais depende basicamente de dois factores. O primeiro são as condições locais. O distrito de Mabalane pertence à zona do Alto Limpopo. Contrariamente às zonas a jusante, o relevo é mais acentuado. Não existem planícies extensas como por exemplo no caso de Chókwè ou de Xai-Xai. Assim, as duas aldeias estudadas não sofreram de uma inundação maciça como ocorreu nos distritos a jusante. Ao mesmo tempo, muitos agregados foram afectados pela inundação das suas machambas e a consequente perda das culturas, enquanto outros perderam bens como gado e alfaias agrícolas, incluindo as suas charruas. Finalmente, um pequeno grupo de pessoas (13 %) foi forçado a abandonar as suas casas e procurar refúgio. Esse pequeno grupo de pessoas forçadas a abandonar as suas residências é de Hoyohoyo que fica mais próximo do rio, é circundado por uma planície e cortado por valas que na ocorrência de chuvas cortam os caminhos. Assim, pessoas que talvez tivessem relações sociais que as permitissem encontrar abrigo na povoação encontravam-se forçadas a refugiar-se em zonas altas desabitadas, ao relento.

Mas mesmo aqueles agregados que conseguiram refugiar-se na povoação nem sempre encontravam abrigo satisfatório. Os seus familiares muitas das vezes tinham poucos recursos disponíveis para os acolher, nomeadamente em termos de espaço e alimentos. O facto de as aldeias ficarem isoladas complicou ainda mais a situação, porque os que estavam retidos nelas não podiam recorrer a recursos fora, por exemplo, o mercado, para reforçar os seus estoques alimentares.

As cheias danificaram de certa maneira o tecido social existente. Deram origem a conflitos e tensões, parcialmente devido à concentração das pessoas em lugares sem recursos, parcialmente devido a luta pelo controlo sobre os recursos que foram mobilizados por agências externas depois das águas baixarem. Estas tensões encontravam-se reflectidas em acusações sobre feitiçaria e em alguns casos provocaram o abandono permanente por certos agregados. Este abandono parece ter afectado mais a povoação de Hoyohoyo, que aparenta ter uma coesão social menos forte, talvez por ter sido criado na altura da guerra. Em Hoyohoyo, apesar de ser a povoação mais rica, alguns residentes decidiram abandonar a povoação definitivamente e regressar às suas áreas de origem, o que não aconteceu em Tsokate.

Tratando-se de uma crise, a pressão sobre o tecido social aumenta também pela necessidade de se recorrer a mecanismos de entre-ajuda. Estes mecanismos servem como

rede de salvação permitindo acesso a mão-de-obra, gado, bens ou mesmo dinheiro. A perda de charruas por parte de famílias sem gado significa que essas já não podem recorrer a *kukashela*, a prática em que famílias com gado se juntam a aquelas que têm charrua para lavrar as terras. A perda desta oportunidade constitui nova ameaça à sobrevivência dos agregados afectados.

As cheias deixaram um grande impacto sobre o capital social e físico. Afectaram também o capital natural, pelo assoreamento de zonas férteis. O receio por novas cheias induziu uma mudança no capital humano, no sentido de que a experiência induz as pessoas a fazerem machambas nas zonas altas, que são menos férteis, mais propensas a ataques por pragas, e mais propensas a secas. Assim, a lição aprendida pelas cheias torna as pessoas vulneráveis a outras catástrofes, nomeadamente a seca e pragas.

A capacidade de resposta a desastres como as cheias depende também da vulnerabilidade individual de cada agregado. Por seu turno, essa vulnerabilidade é resultado do acesso que cada agregado tem aos diversos capitais possíveis e também das suas possibilidades de, aproveitando da sua rede social, recorrer a instituições que o possam proteger ou ajudar. Os dados recolhidos indicam que há uma diferenciação económica entre os agregados que parece estar associado à posse de gado, de charruas, e de celeiros. As famílias com maior manadas e com charruas tendem a ter mais, maiores e melhores celeiros, exprimindo maior potencial de produção. Têm maiores estoques, e por isto correm menos riscos em tempo de seca. No caso de cheias são capazes de mobilizar maior número de trabalhadores, por isso podem fazer maiores machambas nas zonas altas, onde as machambas devem ser cercadas para evitar que as culturas sejam atacadas pelo gado e por animais selvagens. Assim, são menos vulneráveis.

Outra variável importante é o género do chefe do agregado. Agregados chefiados por mulheres viúvas ou divorciadas são na opinião da população mais vulneráveis porque podem mobilizar menos força de trabalho. Por outro lado parece que podem recorrer aos seus familiares parentais, o que acontece menos com agregados onde existe um marido. Isto parece apontar para conceitos culturais sobre relações de parentesco e de género existentes na comunidade. Finalmente, as viúvas procuram reduzir a sua vulnerabilidade através de ligações amorosas, principalmente com homens de fora da aldeia. Assim, ganham acesso à força de trabalho masculina e a eventuais rendimentos realizados por seus amantes. Porém, essa "estratégia" traz custos também, nomeadamente em termos de crianças e de possíveis conflitos sociais.

Em suma, o presente trabalho mostra a capacidade das populações de lidar com crises como as cheias de 2000. Mostra também, que as intervenções externas nem sempre trazem benefícios para todos, e até podem criar conflitos profundos no seio de uma comunidade. Finalmente, mostra a capacidade analítica do modelo dos modos de vida, no sentido de a sua aplicação ter servido para analisar a resposta das comunidades a emergências e crises.

## Recomendações

### Para agências de apoio:

- Um dos principais problemas que as ONG's e Governo distrital enfrentam no contacto com as comunidades rurais é a falta de serviços de extensão ao nível do distrito. Propõe-se que seja estabelecida a rede de extensão por forma a fazer elo de ligação entre as instituições de apoio e as comunidades locais. Isto pode melhorar o entendimento dos *livelihoods* locais e eficiência das intervenções.
- Dado que a principal fonte de sobrevivência nas duas comunidades é a floresta, propõe-se que se interdite a entrada de forasteiros para exploração de carvão por forma que a mesma seja efectuada pelos locais. Isto tem dois propósitos: primeiro pretende-se dar uma oportunidade segura de fonte de rendimentos aos locais durante o período de seca; segundo facilitar a gestão dos recursos naturais através dos próprios moradores dado que estes, só explorariam carvão durante os tempos 'mortos' da agricultura (coincidente com o período de secas) e durante a época agrícola, estariam concentrados nas actividades agrícolas, o que permitiria a regeneração das espécies de árvores abatidas.
- As análises mostraram que a variação das chuvas/secas nas comunidades provavelmente tem maior impacto sobre os *livelihoods* do que qualquer intervenção ao nível local. Propõe-se que as intervenções sejam no sentido de dar acesso a água aos moradores através de construção de pequenas represas junto às aldeias ou fornecimento de pequenas motobombas por forma a permitir que os agregados consigam praticar culturas de contenda contra a seca.
- Dada a importância que as instituições endógenas têm ao nível das comunidades, propõe-se que se reforce a habilidade de sobrevivência das comunidades através do restabelecimento de bens produtivos (gado e charruas). Isto pode contribuir para o melhoramento das práticas de *kuvekissa*, *kukashela*, e *kulusela*.

### Para as comunidades estudadas:

- As análises mostraram que as duas comunidades sofrem ciclicamente de cheias e secas. Propõe-se que a gestão do risco de cheia seja feita assumindo o risco, usando simultaneamente os dois espaços agrícolas. Quando houver cheias as populações ficarão com culturas das zonas altas e, se não houver cheias, terão produções em ambas as zonas.
- Devido a ocorrência de conflitos sociais, aparentemente causados pela luta pelo acesso aos recursos externos, propõe-se que a administração futura de recursos seja feita em função das necessidades dos afectados excluindo porém, a interferência dos líderes locais, à semelhança do que se faz em Tsokate.

### Para futuras pesquisas:

- Sugere-se que se faça um estudo sobre a capacidade de respostas às cheias e secas tendo como base o tamanho das machambas. O tamanho da machamba é uma variável muito importante na análise dos modos de vida nas duas comunidades visto estar muito relacionada com posse de gado e tipo de agregado.
- Para se entender a dinâmica dos *livelihoods* por sua vez ligados à vulnerabilidade, que é um conceito dinâmico, é necessário mais tempo de vivência com a unidade estudada. Propõe-se que estudos futuros sejam faseados e durem mais tempo por forma a permitir que limitações ao longo do trabalho sejam ultrapassadas.
- Para completar a componente dos resultados no modelo dos *livelihoods* de DFID (1998), propõe-se que se faça um estudo para avaliar a sustentabilidade dos *livelihoods* ora descritos.

**Referências bibliográficas**

- Campbell, B.M.; Jeffrey, S.; Kozanayi, W.; Luckert, M.; Mutamba, M. e Zindi, C. (2002), Households Livelihoods in Semi-Arid Regions: Options and Constraints, SMK Grafica Desa Putera, Jakarta, Indonesia.
- Cater, Nick & Walker, Peter (1998), World Disaster Report, Oxford University Press, Geneva, Switzerland: International Federation of Red Cross and Red Crescent Societies.
- Cernea, Michael M. (1988), Involuntary Resettlement In Development Projects: Policy guidelines in World Bank-finance projects, Washington, D.C.
- Christie, Frances e Hanlon, Joseph (2001), Mozambique and the great flood of 2000: African Issues, Long House publishing services, Cumbria, UK.
- Colletta, Nat J.; Lim, Teck Gheel and Kelles-Viitanen, Anita (2001), Social cohesion and conflict prevention in Asia: Managing diversity through development. Conflict prevention series, Washington, D.C.: World Bank.
- Colletta, Nat J. And Cullen, Michelle L. (2000), Violent conflict and Transformation of Social Capital: Lessons from Cambodia, Rwanda, Guatemala e Somalia, Washington, D.C.: World Bank.
- Covane, António Luís (2001), O Trabalho Migratório e Agricultura no Sul de Moçambique (1920-1992), Promédia, Moçambique.
- Covane, Luís António (1989), As Relações económicas entre Moçambique e África do Sul: Acordos e Regulamentos, Arquivo Histórico de Moçambique, No 6, INLD, Maputo.
- Dasgupta, Pharta & Serageldin, Ismail (2000), Social Capital: A Multifaceted Perspective, The World Bank, Washington, D.C..
- DFID (1998), Sustainable Rural Livelihoods: What contribution can we make?, 213p.
- DNA (Direcção Nacional de Águas) (1996), Monografia Hidrográfica da Bacia do Limpopo: Relatório N° 16ª, MOPH, Maputo.
- FAO (1990), The Community's Tool Box: Community Forest Field Manual 2, FAO Regional Wood Energy Development Programme in Asia, Bangkok, Thailand, Rome.
- Ferreira, A. Rita (1963), O movimento migratório de trabalhadores entre Moçambique e África do Sul: Junta de Investigação Ultramarina, No 67, Lisboa.
- Government of Mozambique (2000), Post-Emergency Reconstruction Program: International Reconstruction Conference, Rome.

Gregory, C.A. (1982), Gifts and Comunities, New York: Academic Press.

Horton, Paul B. e Hunt, Chester L. (1972), Sociology, 3<sup>rd</sup>, McGraw-Hill Kogakusha, Ltd..

INE(Instituto Nacional de Estatística), 2000, Anuário Estatístico, Província de Gaza, Maputo.

INGC (2000), Balanço das Cheias de 2000: Relatório Preliminar sobre as operações de Resposta e Socorro, Maputo.

Junod, A. Henri (1996), Usos e Costumes dos Bantu, Tomo I e II, Arquivo Histórico de Moçambique, Maputo.

Koning, J. De (1993), Checklist of Vernacular Plants Names in Mozambique, Wageningem Agriculture University Papers, The Netherlands.

Krishna, A. and Shrader, Elizabeth (1999), Social Capital Assessment Tool: Conference on social capital and poverty reduction, The World Bank, Washington, D.C.

Mauss, M. (1969), The Gift: Forms and Function Exchange in Archaic Societies, London, England.

Moser, Caroline e Cathy, McIlwaine (1997), vol.3, Household Responses to Poverty And Vulnerability: Confronting crisis in Commonwealth, metro manila, Washington, D.C.: World Bank.

Moser, Caroline & Holland, Jeremy (1997), Household Response to Poverty and Vulnerability: Confronting Crisis in Chawama, Vol.4, Lusaka, Zambia: The World Bank, Washington, D.C..

MPF (Ministério de Plano e Finanças), UEM (Universidade Eduardo Mondlane) e IFPRI (Instituto Internacional de Pesquisas para Políticas Alimentares). 1998. Pobreza e Bem-Estar em Moçambique: Primeira Avaliação Nacional (1996-1997), Maputo, Moçambique.

Narayan, Deepa; Chambers, Robert.; Shah, Meera K. e Petesch, Patti (2000), Crying Out For Change: Voices of the poor, Oxford University Press, Washington, D.C.: World Bank.

Negrão, José (2001), Cem Anos da Economia da Família Rural Africana: O Delta do Vale de Zambeze em Análise Restrospectiva, 2<sup>a</sup> edição, Promédia, Maputo.

Pijenburg, Bart; Ribeiro, Carlos Miguel; Tostão, Emílio; Massingarela, Cláudio; Muianga, Constantino e Marsh, Robin (2000), Estratégias de Geração de Renda das Famílias Rurais e Suas Interacções Com o Ambiente Institucional Local, FAEF-UEM, Maputo.